



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Carolina Salgueiro de Oliveira

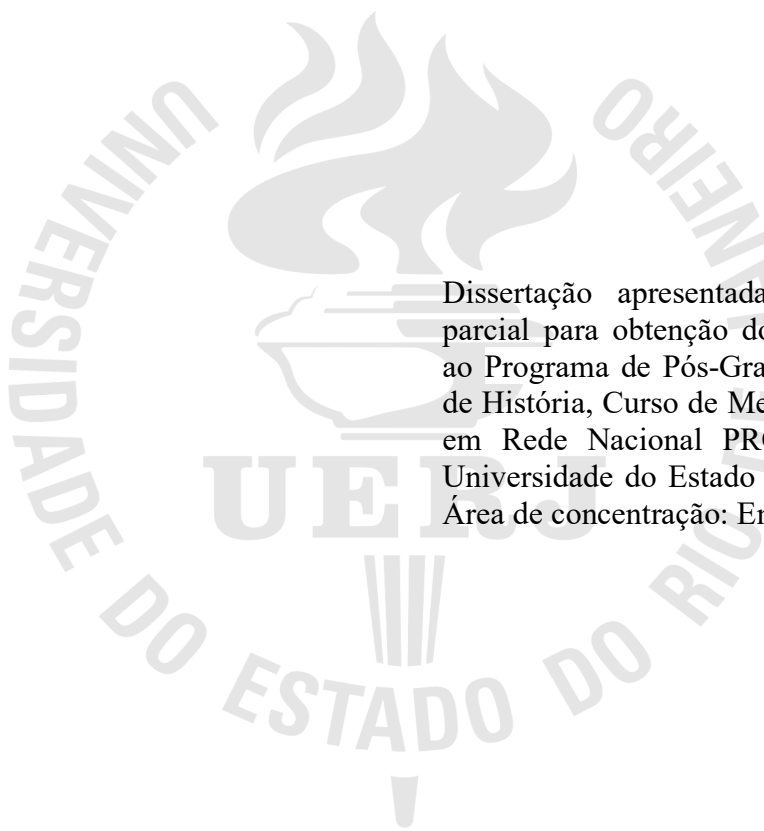
Educação antirracista e ensino de história: várias maneiras de se tratar o tema dentro e fora das salas de aula

São Gonçalo

2025

Carolina Salgueiro de Oliveira

Educação antirracista e ensino de história: várias maneiras de se tratar o tema dentro e fora das salas de aula



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Iamara da Silva Viana

São Gonçalo

2025

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

O48
TESE

Oliveira, Carolina Salgueiro de.
Educação antirracista e ensino de história : várias maneiras de se tratar o tema dentro e fora das salas de aula / Carolina Salgueiro de Oliveira. – 2025.
175f. : il.

Orientadora: Prof.^a Dra. Iamara da Silva Viana.
Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. História – Estudo e ensino – Teses. 2. História local – Teses. 3. Memória – Teses. I. Viana, Iamara da Silva. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CRB7 – 6150

CDU 93(07)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Carolina Salgueiro de Oliveira

Educação antirracista e ensino de história: várias maneiras de se tratar o tema dentro e fora das salas de aula

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Curso de Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Ensino de História.

Aprovada em 28 de julho de 2025.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Iamara da Silva Viana (Orientadora)
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

Prof^a. Dra. Juçara da Silva Barbosa de Mello
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Flávio dos Santos Gomes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

São Gonçalo

2025

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a memória de minha mãe e meus avós.

Dedico também a meu pai, meus alunos, toda minha ancestralidade e a meus melhores amigos que sempre me guiam.

AGRADECIMENTOS

No percurso para a realização do Mestrado, muitas pessoas foram de suma importância para que eu conseguisse finalizar o processo, não adoecer e viver o caminho da forma mais leve possível. Por esse motivo, através de algumas palavras carinhosas toda a minha gratidão a elas e a tudo que fizeram.

A pessoa mais importante e a quem eu mais devo agradecer todos os dias é meu pai por tudo que ele sempre fez por mim e mais ainda por ter sido meu maior incentivador nesse processo. Agradeço a ele também por sempre estar presente, ainda mais depois da partida de nossa “Chuchu”. Tenho a certeza de que Deus me deu o melhor pai do mundo.

Sou grata também há uma pessoa que está na minha vida há 15 anos, e que entre tapas e beijos seguimos firmes apoiando um ao outro, esse amigo se chama Renato que sempre acreditou no meu potencial, mesmo quando eu não acreditava. Aquele que muitas vezes parou tudo para me acalmar nas crises de ansiedade / pânico, com todo cuidado que só ele tem. Obrigada por sempre desejar o melhor para mim, pelo esforço que fez para que eu pudesse chegar até aqui e principalmente por nunca me abandonar.

Toda gratidão a minha irmã da vida toda Franciane, que mesmo distante, sempre acreditou em mim e me deu seu apoio e força. Como também as suas irmãs, que viraram minhas também Vilma e Aparecida e a Dona Nely, a mãe mineira mais fofa do mundo.

No campo amizade tenho muito a agradecer a Deus pelas pessoas incríveis que colocou no meu caminho, Maria Lúcia, Danielle, Gabriela, Tatiana Rosa, Renata, Aleteia, Renata Roldão, Tassia, Patrícia, Priscilla. Agradeço a Bruno, meu psicólogo, que me ajudou muito nesse processo e me fez ver que nos momentos de raiva eu produzo mais e melhor. Meu parceiro de tantas disciplinas e conversas Raphael, que posso garantir será um parceiro para a vida. Agradeço as minhas fieis amigas Jacyara, Tatiana Bulhões e Maíra por estarem do meu lado, trocando ideias, risos, desabafos e muito amor.

Um muito obrigada aos professores do ProfHistória que tanto me ensinaram e me deram ótimos conselhos e indicações de bibliografias, Juçara, Marcia, Renata, Juliana Beatriz e não há como não agradecer ao professor Amilcar por ser tão essencial na minha caminhada pela educação antirracista e me servir de exemplo e fonte de pesquisa. Falo também sobre minha orientadora que quase me enlouqueceu no processo, mas no fim deu tudo certo.

Agradeço aos meus alunos que embarcaram comigo nesse longa e louca jornada, pois seu o apoio deles esse projeto não teria se realizado. Agradeço também aos seus responsáveis.

Agradeço a Ana Paula, Andrea e Marcel, por confiarem no meu trabalho e me permitirem realiza-lo sem nenhum problema na escola. Agradeço a minha afilhada Luiza Braz por me fazer acreditar que estou no caminho certo e a filha de outra barriga Rayssa Guerra, que sempre me incentiva a ser melhor.

Para terminar não posso de modo algum esquecer de agradecer infinitamente os “Moços e Moças” que nunca largaram a minha mão e com suas palavras, as vezes confusas, me fizeram acreditar no meu potencial e na minha força.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento001.

A Ilê Ayê

Oh oh oh oh oh

oh oh oh oh oh

Oh oh oh oh Soul Power

Oh oh oh oh Soul Power

Oh Oh Oh Oh

Essa história começa mais ou menos assim:

Que bloco é esse? Eu quero saber. É o mundo negro que viemo mostrar pra você (pra você).

Que bloco é esse? Eu quero saber. É o mundo negro que viemo mostrar pra você (pra você).

Somo crioulo doido somo bem legal. Temos cabelo duro somo black power. Somo crioulo doido somo bem legal. Temos cabelo duro somo black power.

Que bloco é esse? Eu quero saber. É o mundo negro que viemo mostrar pra você (pra você).

Que bloco é esse? Eu quero saber. É o mundo negro que viemo mostrar pra você (pra você).

Branco, se você soubesse o valor que o preto tem. Tu tomava um banho de piche, branco e, ficava preto também.

E não te ensino a minha malandragem. Nem tão pouco minha filosofia, porquê?

Quem dá luz a cego é bengala branca em Santa Luzia.

Meu Deus

Que bloco é esse? Eu quero saber. É o mundo negro que viemo mostrar pra você (pra você).

Que bloco é esse? Eu quero saber. É o mundo negro que viemo mostrar pra você (pra você).

Vai!

RESUMO

OLIVEIRA, Carolina Salgueiro de. *Educação antirracista e ensino de história: várias maneiras de se tratar o tema dentro e fora das salas de aula*. 2025. 175f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2025.

A dissertação propõe reflexões sobre as potencialidades da história local como estratégia pedagógica para promoção do ensino de história, mobilizando de forma crítica os conceitos de memória, identidade e patrimônio cultural. Nesse contexto, o município de Vila Velha, no Espírito Santo, é apresentado como cenário dessa investigação, destacando-se enquanto espaço de memórias e de construção de identidades. Como produto final da pesquisa, foram elaboradas cinco oficinas que integram teoria e prática pedagógica de forma dinâmica, possibilitando uma abordagem contextualizada que explora diferentes temporalidades e temáticas relacionadas à história local. Por meio dessas oficinas, pretende-se que os alunos participem de forma ativa na construção do conhecimento histórico, estimulando-os a se visualizarem e se compreenderem enquanto sujeitos históricos do seu tempo, capazes de reconhecer seu papel nos processos sociais e culturais de sua comunidade e do mundo ao seu redor.

Palavras-chave: ensino de História; saberes históricos no espaço escolar; história local; memória; identidade.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Carolina Salgueiro de. *Anti-racist education and history teaching: various ways to address the topic inside and outside the classroom*. 2025. 175f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2025.

The theme of this research is History Teaching, through a three-year trajectory of debates and tasks on anti-racist education and compliance with Law 10639/03 in two municipal schools in Rio de Janeiro, both located in neighborhoods in the city's South Zone. This study presents a program of educational activities with film screenings, listening to music, reading biographies and excerpts from books on the subject, creating a memory game and a trivia game, as well as holding an exhibition in the school open to those responsible and research on the racial issue and how the situation of black people in Brazil can be changed. These educational activities make it possible to build critical thinking in students about a subject that is so sensitive to them, the majority of whom are black. This work evaluates the potential of digital media in disseminating this work carried out in the classroom to a greater number of teachers and students across the country.

Keywords: History teaching; teaching and learning in non-normal spaces; local history; memory; identity.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 – Alunos trabalhando em grupo..... | 169 |
| Figura 2 – Trabalho sobre Notícias de jornal digital sobre racismo e a opinião deles..... | 170 |
| Figura 3 – Trabalho com letra de músicas..... | 170 |
| Figura 4 – Trabalho em Grupo..... | 171 |
| Figura 5 – Preparando a exposição..... | 171 |
| Figura 6 – Exemplos dos trabalhos expostos..... | 172 |
| Figura 7 – Biografias..... | 172 |
| Figura 8 – Livros utilizados..... | 175 |

SUMÁRIO

| | | |
|-------|------------------------------------------------------------------------------|----|
| | INTRODUÇÃO | 13 |
| 1 | ENFRENTANDO E DESCONSTRUINDO O RACISMO EM VÁRIOS ATOS | 22 |
| 1.1 | Quem é a professora Carolina? | 22 |
| 1.2 | Dialogando com a teoria | 24 |
| 2 | ENSINO DE HISTÓRIA EM ESPAÇOS DISTINTOS | 45 |
| 2.1 | O que entendemos como escola | 49 |
| 2.2 | Dados sobre a educação | 51 |
| 2.3 | Legislação | 54 |
| 2.4 | Movimento negro | 61 |
| 2.5 | Currículo | 64 |
| 2.6 | Professor e sua formação | 66 |
| 3 | VARIAÇÕES DE TRABALHO SOBRE UM TEMA POLÊMICO | 75 |
| 3.1 | Travar uma luta contra o racismo em um espaço racista | 78 |
| 3.2 | O uso do audiovisual para pensar o racismo no mundo ao longo do tempo | 81 |
| 3.2.1 | <u>Vida e história de Madam CJ Walker</u> | 82 |
| 3.2.2 | <u>Colin Preto e Branco</u> | 83 |
| 3.2.3 | <u>Sankofa: a África que te habita</u> | 84 |
| 3.2.4 | <u>AmarElo – É tudo pra ontem</u> | 85 |
| 3.2.5 | <u>Filhos do ódio</u> | 85 |
| 3.2.6 | <u>Medida provisória</u> | 86 |

| | | |
|--------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.2.7 | <u>Estrelas além do tempo</u> | 88 |
| 3.2.8 | <u>Histórias cruzadas</u> | 89 |
| 3.2.9 | <u>Dr.Gama (2021)</u> | 90 |
| 3.2.10 | <u>Besouro – 2009</u> | 90 |
| 3.2.11 | <u>Marighela (2019)</u> | 91 |
| 3.2.12 | <u>Curta O papel e o mar (2010)</u> | 91 |
| 3.3 | Planos de aula com utilização do audiovisual | 92 |
| 3.4 | Como a música nos ajuda na educação antirracista | 93 |
| 3.5 | Sugestão de plano de aula com uso de músicas | 96 |
| 3.6 | Meu nome é favela, é do povo do gueto, a minha raiz | 97 |
| 3.7 | Sugestão de plano de aula para dia da favela | 98 |
| 3.8 | O tal do Racismo Estrutural | 99 |
| 3.9 | Plano de aula com frases de cunho racista | 100 |
| 3.10 | Conhecendo a história, geografia, sociedade africanas e suas influências no Brasil | 101 |
| 3.11 | Plano de aula para promover a compreensão da historia, geografia e cultura africana | 103 |
| 3.12 | Pequeno Manual Antirracista | 104 |
| 3.13 | Plano de aula de como ler o Pequeno Manual Antirracista em sala de aula | 105 |
| 3.14 | Discutindo absurdos falados por um racista famoso, mas sem saber quem é | 105 |
| 3.15 | Planos de aula sobre frases racistas e polêmicas | 106 |
| 3.16 | O racismo nos noticiários | 106 |
| 3.17 | Plano de aula para trabalhar com notícias de jornal | 107 |
| 3.18 | Interpretando frases racistas | 108 |
| 3.19 | Plano de aula sobre interpretação de frases racistas | 111 |

| | | |
|------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.20 | O que aprendi com Conceição Evaristo | 112 |
| 3.21 | Plano de aula para análise de personalidade | 112 |
| 3.22 | “Que bloco é esse, eu quero saber, é o mundo negro que viemos mostrar para vocês” | 113 |
| 3.23 | Plano de aula com pesquisa de personalidade negra | 115 |
| 3.24 | Exposição “Sankofa: não é tabu voltar atrás, buscar o que esqueceu” | 116 |
| 3.25 | Uma experiência em sala de aula Pós as aulas do ProfHistória | 119 |
| 3.26 | Plano de aula com uso de jogo da memória | 121 |
| 3.27 | Plano de aula para jogo do Você Sabia | 122 |
| 4 | PROPOSTA PEDAGÓGICA - DO TRADICIONAL AO CONTEMPORÂNEO: USO DE MÍDIAS DIGITAIS PARA DIVULGAÇÃO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS | 125 |
| 4.1 | O que é história e ensino de História? | 125 |
| 4.2 | O uso do digital nas aulas de História | 133 |
| 4.3 | O uso dos blogs como aliados ao ensino de História | 142 |
| 4.4 | Uso de redes sociais no ensino de História | 145 |
| 4.5 | Os sites no ensino de História | 148 |
| 4.6 | Mídias criadas | 150 |
| | CONCLUSÃO | 151 |
| | REFERÊNCIAS | 159 |
| | APÊNDICE A – Convite da Exposição de 2023 na Escola do Vidigal | 168 |
| | APÊNDICE B – Dando vida à teoria | 175 |

INTRODUÇÃO

Não veio do céu nem das mãos de Isabel ... (GRES Estação 1ª de Mangueira, 2019).
Mas professora, a senhora não é negra, é professora.

Com a declaração de um estudante negro de uma escola pública no morro do Vidigal, no Rio de Janeiro, surgiu a ideia de realizar essa pesquisa, mesmo antes de começar o mestrado. O objetivo inicial era apenas abordar a questão racial e o colorismo em uma classe majoritariamente negra, onde os estudantes não conseguiam se auto definir, em alguns casos, e não me viam como negra, devido ao fato de eu ser professora e não residir em uma comunidade. No entanto, acabei apresentando a eles personalidades negras para que compreendessem que podem ser o que quiserem, mas para isso precisam lutar estudar e ter consciência de que nada é fácil nessa caminhada.

Estava ministrando uma aula para desconstruir a ideia de a abolição ter sido um “presente” de Isabel ao povo negro, (após a direção de a escola ter pedido para falarmos do 13 de maio, mas com aquela velha fala de agradecer a Isabel, a heroína), que eu resolvi utilizar os livros da Coleção Black Power¹, que a escola possui em seu acervo e fazer justamente o contrário. E durante o debate, eu me coloquei como negra e eles questionaram com a frase que abre essa apresentação. Esse fato me chamou atenção e percebi que precisava parar tudo e começar uma nova discussão, e isso durou dois anos, tempo em que permaneci com a turma.

Para elucidar, mesmo sendo uma escola pública, situada em uma comunidade e com uma maioria de estudantes negros, a direção e parte do corpo docente dessa instituição são racistas e não se esforçam para ocultar sua posição, nem mesmo para os estudantes.

A realização deste estudo representou um desafio, mas discutirei isso mais adiante. O objetivo do projeto é abordar o tema da identidade negra, a trajetória de luta e superação desse povo, as razões para seu esquecimento, além de debater o racismo estrutural em nossa sociedade, evidenciando que isso não é uma exclusividade brasileira. Devido ao meu baixo nível de letramento racial, decidi estudar por conta própria e optei por fazer o exame para o mestrado profissional para me aprimorar no tema. Isso contribuiu para aprimorar as discussões e propostas em sala de aula. Para isso, iniciei com Djamila Ribeiro (2019), que me apresentou a outros escritores. Com o tempo, fui explorando a leitura por conta própria e descobrindo a complexidade do assunto, e o trabalho foi sendo elaborado gradualmente.

¹ Coleção de livros com biografia de personalidades negras brasileiras e mundiais realizada pela Editora Mostarda, a partir do ano de 2019.

Esse estudo pretende analisar o racismo como ele deve ser tratado e não como “mimimi”, como muito escuto, inclusive na própria escola. Como nos mostra Djamila Ribeiro (2019, p.12), “o racismo é um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato de vontade de um indivíduo. Reconhecer o caráter estrutural do racismo pode ser paralisante.”.

O conceito de racismo, que é uma ideia fundamental em nossa sociedade, ainda é negado por muitas pessoas, inclusive por professores de história. Nos anos recentes, graças à intensa batalha do Movimento Negro, houve um progresso na área educacional com a promulgação da Lei 10.639/03, (Brasil, 2003) que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Africana nas escolas públicas e privadas de todo o país. No entanto, quase duas décadas após sua promulgação, ainda enfrentamos muita resistência de professores e diretores para a sua implementação nas instituições de ensino.

Outra finalidade de debater esse conceito é apresentar aos estudantes o problema do racismo estrutural e informá-los que atualmente o racismo é considerado crime por lei. Vamos abordar o racismo como uma grave forma de discriminação, pois, ao contrário de uma discriminação social ou física, no racismo, a vítima não tem a opção de modificar suas características físicas para escapar do preconceito que enfrenta. Vamos examinar a negação de muitos negros sobre sua identidade, numa tentativa de escapar dessa situação de discriminação, conforme Fanon (2008) discute em seu livro sobre a rejeição dos martinicanos à sua cor de pele.

Baseados em Grada Kilomba (2019) entendemos o racismo como sendo uma questão da Branquitude, inventado por ela e que esta deve ser responsabilizada por todos os transtornos causados.

Esta autora também coloca o racismo como algo notório por meio das desigualdades sociais, políticas, educação. Também analisa o racismo como sendo uma realidade violenta

Como nos mostra Silvio de Almeida (2019, p.9),

... racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depende do grupo racial ao qual pertencem.

Para Nilma Lino Gomes (2005), é entendido como um sentimento de aversão a pessoas com fenótipo específico. Ela também o classifica como sendo um bloco de ideias e imagens de grupos sociais que acreditam na superioridade de uma raça em detrimento de outra.

Alguns autores acreditam que o racismo seja uma crença de que um grupo específico tenha determinado defeito de ordem moral e intelectual, sendo esses defeitos inerentes de seu grupo.

Não podemos trabalhar o conceito de racismo sem falar de raça e suas diversas interpretações ao longo da história. Para isso, podemos entender raça como nos fala Stuart Hall (Pereira, Amilcar, 2013), uma construção social e política, e é em torno dela que gira o racismo.

Silvio Almeida (2019) entende raça como algo político que vem sendo utilizado para normalizar as desigualdades sociais e atestar a marginalização e o genocídio de um grupo social bem marcado por seu fenótipo.

Já para Cida Bento (2022), a Branquitude entende a raça como uma propriedade dos negros, e até mesmo algo que eles inventam. Mas nós negros, sabemos bem que essa análise é apenas para manter o privilégio da Branquitude e a mantê-los nos postos de poder.

Segundo Neusa Santos Souza (1983), raça seria uma ideia gerada como algo que serve para determinar o local de uma pessoa de acordo com sua cor, origem. Aqui essa autora “se encontra” com outra autora, Barbara Carine que também entende raça como um marcador social. O Movimento Negro² utiliza o termo raça não pautada em raças superiores e inferiores, mas sim se baseia em uma dimensão sócio-política do termo, por acreditar que tanto o racismo como a discriminação racial está fortemente ligado, no caso brasileiro, em aspectos culturais dos variados grupos étnicos formadores de nossa sociedade. Convém ressaltar que jamais utilizam raça como fator biológico.

De acordo com Antônio Sergio Guimarães (2012) raça é um conceito responsável por uma marcação social que se ancora em atitudes negativas de determinado grupo social (negro).

Como contraponto ao racismo, trataremos também do antirracismo, que não deve ser entendido como uma luta apenas dos negros, mas de todos, como fala Angela Davis, “numa sociedade racista não basta não ser racista. É necessário ser antirracista.” (Bauerfeldt, Gabriela, 2021).

Ser antirracista implica em observar práticas e discursos já profundamente enraizados em nossa sociedade racista e não replicá-los. Trata-se de um conceito que cabe às sociedades ocidentais, já que seu principal objetivo é negar as ações racistas que o Ocidente praticou contra os africanos e seus descendentes. Essa batalha não é simples, devido à forte presença

² O termo será analisado no capítulo 2.

de pensamentos racistas nas sociedades. Por isso, é crucial que essa discussão ocorra nas escolas, desde a educação infantil, para formar jovens com uma perspectiva diferente sobre a questão negra, escravidão e racismo.

É de suma importância a um educador antirracista a atenção e conhecimento crítico para não cometer equívocos em seu discurso, para não repetirem o preconceito e falas complexas em sala de aula com seus alunos, tornando-se assim um propagador de racismo.

Ao desenvolver esse projeto com a turma, notei a relevância da educação antirracista. Embora, quando comecei este projeto, não tivesse ideia de onde chegaria, ela é capaz de transformar a perspectiva de um aluno negro da comunidade sobre si mesmo, sua origem e sua história familiar. Notei o quanto eles começaram a se compreender, respeitar e identificar comportamentos racistas em diversas circunstâncias, que antes das aulas eram ignoradas por eles.

A pesquisa tem o intuito de fazer com que o público envolvido possa entender seu papel na sociedade e perceber que só eles podem definir seu lugar, que a escola / educação é um modo de alterar a apropriação dos discursos, através dos saberes e poderes que trazem como nos mostra Foucault (2009), sendo assim um dos propósitos desse trabalho é “derrotar” o discurso racista na mente desses alunos e quem sabe fazer deles multiplicadores desses novos saberes.

Percebe-se um grande silêncio nas instituições escolares a cerca do racismo, mesmo com a Lei 10.639/03 (Brasil, 2003) e isso é um fator que propicia que se entendam como naturais as diferenças entre brancos e negros, sejam elas sociais ou fenotípicas. E podemos dizer que além de naturalizar e normalizar ajudam a reproduzir a ideia do povo negro como sendo inferior ou incapaz de algo. Esse modo de atuar acaba por fazer com que crianças negras internalizem que jamais poderão sonhar ou ter uma “grande” profissão quando crescerem, pois são frutos de um povo inferior e incapaz. Isso é algo desumano e acaba por gerar perguntas como a que eu ouvi e relatei no início dessa introdução, e também acaba por ser uma das responsáveis por quase não termos profissionais negros em cargos ditos de “pessoas inteligentes”.

E percebendo isso, o professor não pode mais perpetuar essa ideia, ele precisa romper com essa lógica vil, não deve mais compactuar com a persistência do crime de racismo nas escolas, deve sim fazer com que os alunos percebam-se como sujeitos históricos dignos de estar em todos os lugares e profissões que deseja.

A prática do racismo no interior as instituições escolares acarretam nos alunos negros: auto rejeição, baixa autoestima, timidez, não acreditam em seu potencial, dificuldades no

processo de ensino aprendizagem e evasão escolar, tamanha a violência que sofrem nesse espaço.

Um fato muito comum são professores falarem que não percebem os conflitos de cunho racial entre os alunos, se analisarmos são os professores brancos que tem essa fala, pois os poucos professores negros percebem rapidamente, mas muitas vezes são silenciados pela equipe gestora ou colegas, dizendo que se trata de mimimi ou que é só brincadeira de colegas. Passei por essas questões em uma das escolas desse projeto, sem contar que em alguns casos a prática racista ocorre entre professor e aluno, o que se torna ainda mais grave devido à relação de poder entre os envolvidos.

Aqui entenderemos escola, como local de criação de conhecimento, de divulgação e transformação do que se produz na Academia, e que também precisa estar atenta às demandas da sociedade, no caso desta pesquisa, as mudanças na Legislação e luta do Movimento Negro para a implementação do estudo de História e Cultura Africana nas escolas. Para chegar a essa conclusão alguns autores foram lidos e interpretados, Alice Lopes (1993, 2018), Vera Candau (2010), Nilma Lino Gomes (2005, 2017).

Circe Bittencourt (2004) analisa a escola como sendo um local de produção de saber em cima das disciplinas escolares. Já Rebeca Gontijo (2019) entende a escola como ambiente privilegiado para se discutir a pluralidade tanto de culturas quanto de saberes, a autora acredita ser este um espaço onde as diferenças coabitam.

Luana Tolentino (2023) pontua que a escola deveria ser local de escuta, de oportunidades, carinho, possibilidade, mas infelizmente é um local onde acontece muitas formas de racismo.

Iremos nos basear também em Ana Maria Monteiro (2007) para trabalhar o conceito de saber docente, que é uma ferramenta de grande potencial. Esse conceito tem sido utilizado como instrumento teórico que busca dar conta da problemática em torno da produção de saberes tendo por base o entendimento da originalidade da cultura escolar e dos saberes nela produzidos, mobilizados e comunicados.

Trataremos também o conceito de Saber escolar, que vem sendo utilizado como aquilo que designa um conhecimento com configuração cognitiva própria, relacionada, mas diferente do saber científico de referência, e que é criado a partir das necessidades e injunções do processo educativo envolvendo questões relativas a todas as mediações entre conhecimento científico e cotidiano, bem como as dimensões históricas e socioculturais numa perspectiva pluralista, para tal nos pautamos em Ana Maria Monteiro (2007), Circe Bittencourt (2004).

Em nossa pesquisa iremos entender que o Ensino de História tem um papel de

destaque na implementação da Lei 10639/03, devido ao fato de ser uma disciplina escolar que trabalha a questão da desigualdade social ao longo do tempo, e que trata também dos processos de mudanças e permanências ao longo da história da humanidade.

O Ensino de História está pautado em mudanças e permanências, seja do objeto de estudo como da ação pedagógica. E acreditamos que em nosso caso, ao sair de uma história eurocêntrica e inserir a África em nossas aulas já estamos realizando alguma modificação em nosso objeto de estudo e conseqüentemente em nossa ação pedagógica, visto que, como professores, teremos que estudar, buscar informações sobre o tema e transformar esse saber, muitas vezes acadêmico em saber docente.

Trataremos aqui disciplina escolar como sendo uma junção do saber erudito ou acadêmico permeada por outros conhecimentos, levando em consideração dois tipos diferentes de conhecimento, científico e o escolar. A disciplina escolar tem como intuito a formação de um cidadão com pensamento crítico capaz de compreender o mundo físico e social em que está inserido, e para tal conclusão sobre o tema em questão foram lidos André Chervel, Chevallar, ambos em Circe Bittencourt (2004) e Ana Monteiro (2007).

Para que essa transposição didática, termo trabalhado por Chevallar (Bittencourt, Circe, 2007) do saber erudito em saber escolar, a figura do professor é de suma importância, não podemos entendê-lo como um mediador dessa construção e reprodução de conhecimento, mas sim como o elemento essencial dos estudos sobre currículo real, que é o que de fato acontece nas salas de aula, ele é a figura que transforma o saber a ser ensinado em saber a ser apreendido pelos alunos e para tal ele precisa ter conhecimento bem definido sobre o tem, por isso a formação do professor deve ser continuada sempre.

O professor possui um papel de autoridade no espaço escolar e assim ele é o responsável pela comunicação e transmissão de saberes que seus alunos irão compreender e apreender. E para isso, o professor precisa estar em constante formação e atento às demandas sociais, como por exemplo, as Leis que pregam o Ensino de História da Cultura Afro brasileira.

Não podemos encarar que a atividade docente seja algo solitário, pois não é professor não atua sozinho, mas sim de forma coletiva. Ele tem suas leituras, suas vivências e as trocas com colegas de formação ou trabalho na sala dos professores, e até mesmo sua troca com seus alunos, que não são potes vazios para serem preenchidos por um saber supremo, mas sim detentores de uma saber que também precisa ser ouvido e valorizado. Durante essa pesquisa, o quanto eu aprendi com os alunos e suas vivências foi essencial para que este estudo fosse possível, sem eles e as vivências numa escola racista, tenho certeza de que esse trabalho não

teria tido o resultado que teve. Mesmo trocas consideradas negativas, no final podem gerar frutos positivos.

Para além de ensinar fatos, datas, nomes mais até do que falar apenas do passado, o professor de História precisa levar a seus alunos noções e conceitos que possibilitem a esses alunos conviver com o diferente, com o que é estranho, distante, o aluno pretende entender que a História muda e com isso as visões sobre um fato também pode mudar.

Destarte, no caso do racismo, o professor precisa antes de entrar em sala e aula e debater com seus alunos o tema, ter um vasto conhecimento do mesmo, para fazer com que seus alunos consigam compreender o que está sendo debatido e que isso faça a diferença na vida deles.

Para analisar o racismo e como ele é ensinado nas escolas, esse projeto está pautado na Lei 10.639/03, que torna obrigatório nas escolas o ensino de História e Cultura Afro Brasileira nas disciplinas de História, Artes e Língua Portuguesa, que mesmo em 20 anos de existência ainda enfrenta barreiras para ser posta em prática.³

Além dessa lei, temos também os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000) e outras diretrizes que enfatizam essa obrigatoriedade, no caso desse estudo, a necessidade de se debater o tema se deu devido à falta de conhecimento da turma sobre as questões de racismo, povo negro.

Como diz Jaci Maria Ferraz de Menezes (2021) os estudos sobre exclusão dos negros da escolaridade mostraram que no século que segue a abolição, os não brancos foram adquirindo direito à escola muito lentamente. Inexistiu durante ou após a escravidão uma política de massas para garantir ao negro o acesso à escola. Por isso ser tão importante se discutir em sala de aula a questão do racismo no Brasil.

Como nos mostra Kabengele (2015), espera-se que essa nova forma de se ensinar sobre o povo negro, “possa contribuir numa cultura de paz e no fim das guerras entre deuses, religiões e culturas. No plano político, o reconhecimento da diversidade cultural conduz à proteção das culturas minoradas.”.

Em uma busca rápida no site da Capes⁴ encontrei várias dissertações que dialogam com a minha pesquisa, como por exemplo: *A BNCC e os dilemas da diversidade no Brasil contemporâneo: reflexão docente na construção de uma aprendizagem antirracista no ensino de História*. Universidade Federal de Mato Grosso; Varela, Nayara Bianca Serra, 2021.

³ GOMES, Nilma Lino, (2005) e GUIMARÃES, Vilma (2018).

⁴ Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/570108?mode=full> visitado em out/2023.

Descolonizando o saber: história e cultura afro-brasileira e africana no Ensino Médio. Universidade Estadual do Piauí, Albuquerque, Francisco. Julho de 2022.

Além de autores como Kabengele Munanga, Nilma Lino Gomes, Martha Abreu e Hebe Mattos, Jerry DÁvila, Abdias Nascimento, Lélia Gonzalez, Janaína Bastos, Luana Tolentino, Djamila Ribeiro, Silvio Almeida, Bárbara Carine, Frantz Fanon, entre outros.

Esse estudo se encontra dividido em quatro partes. No primeiro capítulo será feita uma descrição do espaço onde a pesquisa ocorreu, será possível conhecer um pouco da história da pesquisadora e os motivos que motivaram a realização do trabalho. Apresentaremos também uma discussão teórico metodológica, indicando os autores com os quais iremos dialogar ao longo da dissertação, alguns já apresentados aqui nessa introdução. Nesse capítulo também será explicitado a importância do tema para o Ensino de História e a relevância de se discutir com professores e alunos os temas do racismo e antirracismo.

No segundo capítulo iremos pensar em como transformar a sala de aula em campo de pesquisa e analisaremos os objetivos, as propostas a serem feitas na escola. Apresentaremos uma comparação de dados sobre a população negra, índice de estudo e abandono das pessoas negras em comparação com pessoas brancas, o que nos ajudará a pensar em ações para as aulas e para os professores. Analisaremos também as leis que foram feitas no Brasil sobre as questões de racismo, educação antirracista. Falaremos também sobre os conceitos de escola, professor, saberes, currículo e Movimento Negro.

Aqui explicitaremos as dificuldades encontradas para a realização da pesquisa na escola em questão e a negativa dos professores em realizar ações pautadas na Lei 10.639/03 e também na LDB 9396/96.

O terceiro capítulo tratará a metodologia utilizada para a realização do projeto em sala de aula, suas dificuldades, suas facilidades, seus resultados e sugestão de planos de aulas para cada proposição.

No quarto capítulo, apresentaremos uma nova proposta, fruto das leituras e debates que as aulas do Mestrado me proporcionaram. Essa proposta envolve a utilização de mídias sociais para a divulgação de planos de aula para livre consulta de professores de história de todo país, como também dos responsáveis dos alunos para saberem o que seus filhos produzem e de todos que tenham interesse em produzir aulas de conteúdo antirracista em suas escolas.

Por fim, apresentaremos a conclusão que sintetiza os aprendizados decorrentes desta pesquisa, além de análises das atividades propostas nos capítulos 3 e 4, destacando a relevância de tudo isso para o Ensino de História. Como complemento a este trabalho,

anexaremos fotos dos projetos realizados. É importante enfatizar que os nomes dos participantes desta pesquisa serão mantidos em sigilo; utilizaremos letras para referir-nos a cada um deles. Essa medida visa proteger a identidade dos envolvidos e evitar qualquer tipo de desconforto, tanto para mim quanto para os participantes da narrativa.

1 ENFRENTANDO E DESCONSTRUINDO O RACISMO EM VÁRIOS ATOS

1.1 Quem é a professora Carolina?

Antes de começar esse estudo, vou me apresentar e assim buscar fazer com que se perceba como o racismo perpassou minha vida desde sempre e por isso a escolha do tema, acabou por mexer tanto comigo.

Fruto de um casamento inter-racial, com mãe branca e pai negro, nasci com cabelo cacheado, e quando pequena usava ele curto e estilo Black, pena que numa época em que não era considerado “bonito”.

Esse cabelo me fez sofrer com “piadas” de um primo, branco, que me chamava de “Nega do Cabelo Duro” e cantava todas as músicas conhecidas por ele com o intuito de depreciar meu tipo de cabelo. Outra figura, a qual sempre questionou o modo como eu cortava meu cabelo, e perguntava a minha mãe, porque ela não alisava meu cabelo, e minha mãe não respondia, é minha madrinha, e depois de tanto falar acabei cedendo e fiz a primeira química no cabelo que foi relaxamento aos 12 anos, o que mudou a forma do meu cabelo, me deixando mais aceita socialmente, o que me fez bem, uma adolescente só queria viver livre de piadas. Fiquei refém de química por 20 anos, quando optei por ver como ficaria meu cabelo ao natural e hoje não troco por nada o resultado.

Aos 15 anos fui morar em Juiz de Fora, em Minas Gerais, e lá novamente percebi que minha negritude era um fator de estranhamento em alguns lugares, mas eu não ligava e seguia, ou achava que não ligava.

Em 1999 voltei ao Rio de Janeiro para cursar História na UFRJ e pela primeira vez estava ao lado de várias pessoas com cabelos e cor iguais aos meus, o que me fez relaxar um pouco e me sentir em casa, porém a graduação passou por mim sem se discutir África ou racismo. Só fui ter contato com o tema em 2009, em uma pós-graduação na UFRJ, sobre ensino de História com a Professora/historiadora Mônica Lima e o professor/historiador Amilcar Pereira, que se tornou uma referência e hoje, tenho mais contato e trocas com ele, o que muito me ajudou nessa caminhada do mestrado.

Quando comecei a trabalhar, numa escola da rede privada, senti novamente o vazio de ser uma das únicas pessoas negras no espaço, e isso não mudou quando ingressei na Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro, pois a maioria dos professores era de homens e

mulheres brancas. Eu só me “sentia em casa” com alunos e funcionários da limpeza e da cozinha. E isso sempre me chamou atenção, até naquela menina que sofria racismo em sua família.

Contudo, antes de ter esse contato acadêmico, no ano de 2006, em uma escola particular que trabalhei, “caiu” no meu colo dar aula de Educação Étnico Racial, e História da África, pois como professora de 6º ano, teria que ministrar sobre Congo, Mali, e outros povos e eu nada sabia sobre e naquela época, a internet era precária em consultas, ainda mais a respeito desses temas e assim, fui aprendendo sozinha.

O tema Racismo, sempre esteve presente nas minhas aulas, pois acredito que seja de extrema importância debatê-lo em sala, ensinar para os alunos a história da África, da escravização, do preconceito, para que eles saibam se defender e fazer com que os brancos não reproduzam o discurso racista tão enraizado em nossa sociedade.

Sempre recriei as “brincadeiras” de chamar o colega de “macaco”, “preto”, “favelado” entre outros e dizia que isso não era certo, machucava, era racismo e não *bullying* e a discussão começava sobre essa temática. E a partir de 2023 comecei a trabalhar sobre a Lei 14532/23 (Brasil, 2023), sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que desde o mês de janeiro desse ano tipifica injúria racial⁵ como crime de racismo.

Segundo Muniz Sodré (2023), quando essas manifestações são presenciadas percebemos o racismo como um sentimento de existência isolado ou fechado nele mesmo, “como algo aquém de qualquer expressão conceitual ou de articulação lógica, ou seja, como resultante automática de reações emocionais enraizadas” ...

Em 2022, quando assumi uma turma de Projeto de Correção de Fluxo, chamado de “Carioca”, na Prefeitura do Rio de Janeiro, onde se encontram matriculados alunos com defasagem de idade e/ou de aprendizagem para cursarem os quatro anos do Ensino Fundamental 2, 6º ao 9º, em dois anos e tenham aula com uma única professora ministrando as disciplinas de Português, Matemática, Ciências, Geografia e História, e professores especialistas de Inglês, Educação Física e Artes. O intuito desse projeto é retirar esses alunos de turmas regulares e fazer com que eles recebam uma atenção diferenciada, acolhimento e com isso possam ter uma melhora em seu rendimento escolar. Da mesma forma, objetiva-se que possam melhorar suas relações pessoais, visto que estivessem sempre com as mesmas pessoas ao seu lado e um adulto base orientando, na figura do professor generalista da turma.

Assumi essa turma, como um desafio e em um dia normal de aula, percebi que seria

⁵ Injúria racial: ato de ofender a dignidade de alguém baseado em raça, cor, origem.

muito válido realizar um projeto de Educação Antirracista, com eles, visto que eu teria dois anos para dar continuidade a proposta de trabalho. A única questão seria a falta de letramento racial que eu possuía e fui aos poucos buscando e daí surgiu a inscrição para o Mestrado Profissional em Ensino de História e ao ser aprovada pude me dedicar aos estudos do tema e melhorar as discussões e atividades propostas em sala de aula.

O trabalho originou uma exposição pela escola com todos os trabalhos realizados nos dois anos por alunos que “compraram” a ideia e fizeram com que uma proposta surgida no susto, ganhasse forma e uma dimensão gigante.

Essa sou eu, que troquei de escola, mas continuo com esse tipo de turma, realizando um novo projeto, cheia de planos para novos estudos.

1.2 Dialogando com a teoria

A construção do arcabouço teórico dessa pesquisa começou, como dito anteriormente, por uma corrida “louca” por mim, pesquisando na internet, lendo Djamilia Ribeiro (2019), e depois com o ingresso no ProfHistória as leituras ganharam corpo e fui aumentando meu repertório de livros, textos e ideias. Os livros passaram a ser meus companheiros inseparáveis, aonde eu ia tinha sempre um livro para ler, tudo para “não perder tempo”.

Com as leituras, percebi que precisava tratar de conceitos complexos, como raça, racismo, branquitude e antirracismo, para poder contemplar a temática do projeto desenvolvido em sala de aula. E para melhor entender a relação deles com a escola, os conceitos de escola, currículo, saberes, identidade, ensino de história, falar um pouco de memória para entender o valor e assim resgatar a questão do povo preto no mundo e principalmente no Brasil.

Tratar a diversidade racial é direito de todos e dever das escolas, pois como nos mostra Mariano Fernández Enguita (1995), elas são o lugar chave para determinadas discussões porque são essenciais na produção e reprodução de culturas, e no nosso caso específico falar sobre a cultura afro brasileira.

Não podemos perceber a identidade étnica como um fato constituído, naturalizado, mas sim perceber como um processo identitário. Essas identidades estão em constante processo de definição / construção, por isso devem ser definidas histórica e não biologicamente.

Lucio Kreutz, (1999), busca destacar a “identidade étnica, como sendo uma identidade étnica – cultural, sendo algo atuante na construção do real, e que cada etnia

possui seus aspectos culturais que devem ser respeitados na construção de uma identidade maior e comum”. Para ele, a etnia é algo imprescindível na formação de sujeitos e grupos, sendo parte importante para a formação das práticas sociais.

De acordo com Lévi Strauss (1997) e Woodward (2000), pensam a questão da identidade e percebemos que ambos a compreendem com sendo algo ligado a mais de um ponto de referência, mas sim, entrelaçado a condições, sociais, materiais, culturais e simbólicos e que devemos levar em consideração. Esse fato referente a questão temática da identidade pode acabar por excluir um estipulado conjunto de pessoas, por este não possuir as condições necessárias para fazer parte de um determinado “grupo” identitário, senso assim, notamos que as identidades não são algo unificado, mas sim um conceito que encontra contradições em seu interior e que estas precisam ser negociadas entre os membros do grupo para se chegar ao que realmente vai ser considerado essencial para se pertencer a certa identidade. Com isso, concluímos que as identidades são criadas através das diferenças produzidas em momentos específicos no tempo e espaço.

Para se definir a identidade nacional brasileira devemos levar em consideração todo o processo histórico de formação de nossa sociedade e para isso não podemos deixar de levar em consideração a questão da diversidade de nossa população, seja por meio dos estudos de miscigenação racial ou da noção de pluralidade do Brasil.

Se pensarmos a identidade brasileira como um todo é algo tão complexo, imagina tratar a questão da identidade negra, que de acordo com Neusa Souza (1983), sempre percebemos sofrimento para o sujeito negro, é como se a ferida que existe nos corpos negros se tornasse ferida do pensamento que acaba não permitindo a representação da identidade real do sujeito, tudo isso devido à violência racista.

Para tratarmos mais especificamente da temática da Identidade Racial Brasileira, recorreremos a autores como Marvin Harris, Nilma Lino Gomes (2005), Philip Gleason, Kabengele Munanga (1999, 2005), Paul Gilroy (2016), Nelson Silva (2001) e a decisão de recorrermos a tantos autores para tratar de um único conceito se deve à complexidade do mesmo, o termo racial pode ser utilizado de modo diferente, de acordo com o contexto analisado, podendo variar de lugar para lugar, tempo para tempo, de acordo com quem analisa.

Já pensando na leitura de Nilma Lino Gomes (2005) sobre a Identidade Racial Brasileira, iremos depreender que ela não nasce do indivíduo, mas sim é indicativo de traços

culturais que se revelam por meio de idiomas, alimentação, festas e que esta identidade encontra-se ligada a política e economia e também a aspectos sociais de cada sociedade que se estuda, e aqui encontramos a fala de Kabengele Munanga (1999, 2005) que relata que a identidade faz parte de todas as sociedades e pode ser vista como algo a defender a unidade de determinado grupo.

Sendo assim, percebemos o quanto se torna importante entendermos como parte de um todo e notar que quando isso ocorre é necessário compreender que essa Identidade que nos “dão” ou que buscamos fazer parte é algo maior do que simplesmente ser ou estar, necessitamos ter em mente que ela é lentamente construída, e que esta construção considera aspectos sociais, políticos, históricos e culturais e daí a importância em se compreender que os negros não são todos iguais, mas sim pertencentes a diferentes grupos étnicos e que devem ser respeitados enquanto indivíduos com características próprias.

Segundo o sociólogo Paul Gilroy (2016) a identidade negra seria nada mais nada menos do que algo construído histórica e politicamente e pautado nas trocas ocorridas entre os povos negros e brancos na travessia do Atlântico. E aqui podemos complementar com a fala do filósofo ganense Kwane Appiah (2007)

... toda identidade humana é construída e histórica; todo mundo tem seu quinhão de pressupostos falsos, erros e imprecisões que a cortesia chama de ‘mito’, a religião de ‘heresia’, e a ciência de ‘magia’. Histórias inventadas, biológicas inventadas e afinidades culturais inventadas vêm junto com toda igualdade; cada qual é uma espécie de papel que tem que ser roteirizado, estruturado por convenções de narrativas que o mundo jamais consegue conformar-se realmente. (Pereira, Amilcar, 2020, p.90.)

A construção dessa identidade é um enorme desafio no interior de uma sociedade racista como a brasileira, pois desde criança o negro aprende que não será aceito socialmente, a não ser que negue suas características e culturas.

Se pensarmos exclusivamente no caso brasileiro, perceberemos que a questão da identidade racial é algo que perpassa pela posição socioeconômica da população e que quanto mais próximo do branco, mais privilegiado será o indivíduo. E aqui nos reencontramos com Harris que nos traz que a maior característica do sistema ser ambíguo se dá devido ao fato de encontrarmos pessoas que se encontram nos limites entre ser branco ou preto, ou seja, devido à intensa miscigenação de nossa sociedade.

E a partir dessa questão do privilegiado encontramos a discussão sobre Branquitude, tão bem analisada por Cida Bento. Grada Kilomba, Achile Mbembe e outros.

Cida Bento (2022), nos fala que a Branquitude é um “conjunto de práticas culturais

que são nomeadas e não marcadas, ou seja, há silêncio e ocultação em torno dessas práticas culturais.” A autora cita Ruth Frankenberg (1995), que entende a branquitude como uma questão de benefícios e privilégios raciais, um modo de ver como pessoas brancas se enxergam e enxergam as outras pessoas da sociedade.

A Branquitude nem sempre é algo fácil de ser percebido e abarca um episódio de que os envolvidos, de preferência os privilegiados brancos, não se percebem nesse lugar, e destarte os brancos tendem a negar a existência de desigualdades oriundas das questões raciais, que eles atribuem essas desigualdades a qualquer outro fato, menos os seus privilégios.

A Branquitude enxerga o racismo como sendo um problema inicialmente do negro e quiçá por ele inventado. E tudo isso porque a questão da raça seria apenas um atributo do negro e não do branco, visto que este último grupo não se racialize, embora nos estudos sobre a sociedade, eles em geral também são racializados.

Aqui encontramos com Djamilia Ribeiro (2019) que analisa o racismo como sendo algo que foi criado para ser um processo discriminatório com o intuito de tratar os negros como mera mercadoria e sendo este “filho” da Branquitude, este deve ser responsabilizada por ele.

Grada Kilomba (2019) fala que à Branquitude não é atribuído um nome e justamente isso acaba por permitir que mulheres brancas se comparem a mulheres pessoas negras em suas dores e lutas, quando sabemos que mesmo dentro do movimento feminista essas lutas são diferentes, pois na escala de privilégios a mulher branca encontra-se na “frente” da mulher negra.

Podemos compreender Branquitude como sendo um espaço onde os seus membros foram e são privilegiados no que concerne a recursos materiais que foram inicialmente criados pelo colonialismo e hoje ainda se encontra conservado pelo capitalismo.

Silvio de Almeida (2019) nos aponta que a supremacia branca é uma espécie de hegemonia, um tipo de dominação que se exerce pela força bruta, pelo poder, mas também por meio de relações e consensos ideológicos, aonde encontramos elementos da cultura que corroboram para que essa discriminação ocorra. Caminhando nessa linha temos a fala de Achile Mbembe (2014) nos indicando o fato de que ser branco é se encontrar entre o direito dos regimes de extorsão da força de trabalho. (Dialogando, também, com esse pensamento, encontramos a fala de Richard Santos (2020, p.6)), que conceitua a Branquitude como sendo uma espécie de “arranjo de signos estéticos e fenotípicos, e de sua episteme, para a manutenção do poder branco ou ascensão a ele dos que não fazem parte...”.

Precisamos enxergar o racismo como parte de uma espécie de pacto entre os brancos, no qual ninguém questiona sobre os privilégios sociais e raciais de seus assinantes.

É esse pacto da Branquitude, como chama Cida Bento que faz com que pessoas brancas estejam sempre em lugar de poder, em melhor situação de vida, do que pessoas negras. É esse pacto que permite diferença de salários, de justiça, de direitos em geral. E esse pacto para ser rompido, demanda muito esforço, paciência e sabe que muitos desafios se encontrarão durante o processo de rompimento, pois os brancos não querem e não aceitem perder seus privilégios para os negros. O que faz com que o negro perceba o mundo como um lugar bom para os brancos e não para ele, como nos mostra Frantz Fanon ao dizer que para o negro só há um destino possível e este é branco, pelo fato de que só este grupo é detentor de uma história positiva que merece ser contada e valorizada.

E acreditamos que a sala de aula, a escola, seja um local onde podemos mudar esse pensamento na visão de nossos alunos negros, ainda mais em escolas públicas, onde a grande maioria dos alunos é negra e oriunda de comunidade, e foi por isso que essa pesquisa ganhou forma em uma escola de comunidade e pra tornar o processo mais dificultoso e atraente, racista.

No ano de 2003, foi sancionada a Lei 10639, que tornava obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas brasileiras, fossem elas públicas ou particulares. Segundo a Lei, o ensino de História da África e cultura afro brasileira deverão ser inclusos no currículo escolar e falar sobre a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas sociais, econômicas e políticas da História do Brasil. No ano de 2004 foram aprovados as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História da Cultura Afro – Brasileira e Africana, essas mudanças alteraram o corpo da Lei de Diretrizes e Bases de 1996. No ano de 2008 há uma alteração na Lei 10639 e na Lei 9394, com a criação da Lei 11645 que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro – Brasileira e Indígena, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio.⁶

Essas mudanças colocaram no calendário escolar a data de 20 de novembro como Dia da Consciência Negra, em memória a Zumbi dos Palmares e sua luta pela liberdade dos escravizados. Esse fato, como nos mostram Silva e Fonseca (2010), foi julgada como um marco importante para a preservação da memória nacional oficial, tirando a importância do 13 de maio, que dava a ideia de que a abolição foi um presente e coloca Princesa Isabel como

⁶ Esse assunto será melhor explorado no Capítulo 2 desta dissertação.

Redentora dos Escravos. O 20 de novembro vem celebrar as lutas e a força do povo negro e suas diversas formas de resistência, não só no passado, mas hoje em dia também.

Essa alteração das datas implica uma nova discussão sobre cultura, política e identidade negras levando a uma revisão sobre a importância do povo negro na formação da sociedade brasileira. Outro ponto que essa mudança nos traz é a alteração do protagonismo em relação à abolição que passa para o negro, na figura de Zumbi, abandonando a Princesa redentora, que teria reabilitado os escravos. Sendo assim, o 13 passou a ser considerado pelo Movimento Negro, como dia nacional de denúncia da existência de racismo e discriminação no Brasil.

Como nos mostra Kabengele (2015), espera-se que essa nova forma de se ensinar sobre o povo negro, “possa contribuir numa cultura de paz e no fim das guerras entre deuses, religiões e culturas. No plano político, o reconhecimento da diversidade cultural conduz à proteção das culturas minoradas.”

Para poder realizar essa nova forma de se pensar a história, em nosso caso, história do povo negro precisamos recorrer a uma revisão da historiografia sobre o tema, como por exemplo, o Mito da Democracia racial,⁷ que Gilberto Freyre⁸ ajudou a difundir, divulgando essa ideia em um conjunto de palestras nos EUA na década de 1940, falando que em nosso país, havia uma “harmonia social”. Freyre justificava essa “harmonia social” dizendo que no Brasil os negros possuíam a oportunidade de mobilidade social e podiam se expressar culturalmente, o que fez com que os negros brasileiros, diferentemente dos norte-americanos, não desenvolvessem uma consciência de sua negritude. Essa teoria não foi apenas difundida por Freyre, mas por outros pensadores dos anos 1920-1930, que queriam produzir uma ideia de nacionalidade brasileira. Podemos dizer que Gilberto Freyre fortaleceu a ideia de que a sociedade brasileira foi criada numa espécie de triângulo cujos vértices seriam as três raças negra, branca e indígena.

Destarte, essas relações sociais no país foram construídas sem nenhum tipo de conflito e isso se encontra relacionado à miscigenação, posto que, ela foi feita de forma amigável, e por isso o Brasil seria a sociedade mais harmônica, nas Américas no tocante às relações raciais, em um ambiente de reciprocidade cultural. Assim, a violência das relações sociais é atenuada por Freyre, que com esse discurso nos transmite a ideia de relação pacífica entre a

⁷ Petrônio Domingues define Democracia racial como “sistema racial desprovido de qualquer barreira legal ou institucional para a igualdade racial, e, em certa medida, um sistema racial desprovido de qualquer manifestação de preconceito ou discriminação.” (2005).

⁸ Devemos ter em mente que esse termo não se encontra nas obras de Freyre nem na literatura das ciências sociais, ele só aparece nos anos 1950.

casa grande e a senzala, chegando a ser considerado posteriormente um pensamento utópico, como aponta Janaina Bastos (2023).

Esse mito acreditava que a hierarquia social brasileira não era fruto da questão racial. Outros autores também se debruçaram sobre essa questão seja para defendê-la seja criticá-la, como fez o Movimento Negro⁹, como encontramos nos PCNs. Para Jessé Souza (2021), esse mito é a manifestação de um desejo real, de viver em um lugar livre de preconceito, como o Brasil.

Para Abdias do Nascimento (2016, p. 41):

... devemos compreender a democracia racial como significando a perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais do governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país.

Corroborando essa ideia encontramos Kabengele Munanga que fala que no Brasil tivemos uma forma de racismo que foi diferente do nazismo alemão e do apartheid sul-africano, mas isso não o torna menos violento, pois segundo ele, aqui o racismo está velado, presente no não dito, nas entrelinhas.

A democracia racial pode ser vista e analisada como sendo um elemento de matriz cultural datado historicamente e que perdurou sem nenhum tipo de questionamento da década de 1930 até 1970 quando teve início o processo de contestação e desmitificação desse conceito por pensadores da época sejam eles negros ou não.¹⁰ Com o passar do tempo, esse “mito” se tornou a chave para se compreender a formação nacional brasileira e a questão do racismo, definido por Roberto da Matta, como fala, Antônio Sérgio Magalhães (2012) como “racismo à brasileira”. Esta ideologia foi forte no país no período de 1930 até 1970, quando começou a ser contestada por pensadores da época, sejam negros ou não.

Segundo Bárbara Carine (2023), a democracia racial denota plena igualdade entre as pessoas de nossa sociedade, e por perceber que essa não é a realidade da população, pode ser considerado, sim, um mito.

Após entendermos e estabelecermos uma mudança na nossa mentalidade fruto do mito da democracia racial, poderemos então enfrentar a árdua tarefa de criar novas estratégias e metodologias educativas para se combater o racismo nas escolas.

No tocante a revisão do conceito de Democracia Racial, é importante o entendimento

⁹ Voltaremos a falar sobre o Movimento Negro no capítulo 2, onde retomaremos a discussão do tema.

¹⁰ Para mais detalhes ver em Guimarães, Antônio (2012).

do conceito de revisionismo apresentado por Nunes (2021) que nos fala que este conceito não significa negar um fato / acontecimento do passado, mas reinterpretá-lo para que se entendam as ações do presente, no caso aqui, do povo negro, para entender o racismo estrutural no país e as formas de se mudar essa realidade.

Com isso, percebemos que o passado não possui uma verdade fechada, logo pode ser reescrito a partir de questões do presente, sendo assim, a História será capaz de criar versões diferentes sobre o mesmo passado. Como fala Catroga (2001) “a memória está sujeita a sobredeterminação social”. Ela é sempre seletiva.

Temos que ter em mente que a História cria versões do passado, dá a ela novas perspectivas de acordo com as transformações históricas que acontecem na sociedade, no presente, e com isso percebemos a mudança no modo de tratar a história e cultura dos povos negros e indígenas em nossa sociedade. Assim, teremos uma nova narrativa sobre a história do continente africano e do povo negro, e essa narrativa passará pelas escolhas que o professor fará para produzir suas aulas, das leituras que ele realizará, aí temos como fala Ilmar Rohloff (2006), o professor também é um autor, ele conta uma história para seu público.

Ao contar uma história, o professor e/ou o historiador fazem escolhas, perguntas e estas estão sempre guiadas por algo que se omitiu em algum momento, por algum motivo/interesse, pois fazer uma escolha por um tema, um ponto de vista, significa esquecer outros tantos que possam ter, visto que, como já mencionado anteriormente, o passado não possui uma verdade fechada. Não podemos esquecer que recordar, é fazer um resgate de algo, e precisamos ter em mente que a memória é indissociável da história dos homens e de suas condições sócio históricas.

Esse estudo foi pautado no ato de ensinar aos adolescentes suas origens, a cultura negra, as lutas do Movimento Negro até os dias atuais e com isso fazer com que tenham orgulho e entendam que não há motivo para ter vergonha de ser negro, mas sim motivo para muito orgulho, percebemos a necessidade de se falar em Memória, fazer um resgate da Memória negra, dos heróis, das vivências e isso pode ser feito através do documentário Sankofa, que explora essas memórias, e como nos mostra Kabengele Munanga (2015), compartilhar essa memória não é bom somente para a população negra, pois ela pertence a todos nós, pois nossa cultura tem origem nesses elementos étnicos.

Fizemos também o uso do conceito de Devir de Memória de Paul Ricoeur (2007), citado por Nunes, que teria como função não se deixar esquecer a força e importância do povo negro na formação de nossa sociedade, e também o conceito de Trabalho de Memória do mesmo autor, que se encontra ligado à crítica histórica, ao esquecimento, ao luto, ou seja, ele

nos remete ao modo como durante muito tempo se tratou a questão da história africana nas escolas brasileiras, que colocavam o negro apenas como escravizado, mas nada, fato que só mudou com a Lei 10639, quando passamos a falar dos povos africanos bem antes da escravidão e seguimos falando deles após a mesma.

O trabalho de memória nos faz perceber que temos a obrigação de não esquecer, de não apagar da história e da historiografia fatos que marcaram nossa sociedade, visto que a memória é algo indissociável da relação entre passado, presente, futuro, e precisamos como nos mostra Catroga (2001) ter cuidado quanto à evocação dessa memória, pois isto pode banalizar, devemos achar maneiras de retomar esse passado, honrando sua herança e não o tornando algo funesto. Destarte, nas aulas sobre cultura africana, temos que tomar cuidado para não cair no erro de apenas saudar esse passado, mas precisamos mostrar o porquê ele merece ser lembrado, o que ele nos mostra que nos ajuda entender o presente e com isso refletir o porquê desses pontos terem sido negligenciados por tanto tempo e até hoje não serem tratados como parte importante de nossa formação.

Percebemos assim, que estudar a questão racial é muito importante e necessário, ainda mais para os jovens, torna-se uma tentativa de impedir que eles cresçam tendo vergonha de sua ancestralidade, de suas características físicas, de sua família. Precisamos mostrar que a forma a como a historiografia tratou a história negra foi feita através de recortes realizados por homens, em sua maioria brancos, que gostariam de “ocultar” o passado de lutas e resistência do povo negro. Hoje vivemos justamente o contrário, uma fase da historiografia que visa enaltecer o histórico e lutas e resistência do povo negro, sua cultura e seus personagens, agora tidos como sujeitos históricos.

Como nos mostram Freixo e Coelho (2015, p: 23) “o passado aqui serve de referência para marcar as etapas desse progresso e seu ‘estado atual’, não se tratando da memória de grandes fatos e /ou exemplos, mas de referências anteriores, pré – condições para o presente e o futuro.”.

Trataremos também o conceito de Cultura Histórica, que como analisa Gontijo (2019), seria a maneira como a sociedade ou parte dela se relaciona com o passado, seria a maneira como lidamos com as situações no tempo e espaço. Seria como nós, professores/historiadores, vemos e tratamos a história da África e do povo preto hoje em nossa sociedade e as formas como este assunto foi e está sendo debatido agora. Pois esse conceito aborda os sentidos atribuídos e das experiências transmitidas em diferentes espaços de tempo, de forma direta ou indireta e nos ajudam a formar a nossa cultura histórica sobre dado tema.

Ainda nos pautando em Rebeca (2019, p. 66-71),

... a cultura histórica é constituída pelo modo de interpretar a experiência vivida no passado, situando-a no tempo e no espaço, o que resulta em representações com conteúdos empíricos que podem ser articulados de diferentes maneiras e submetidas a usos variados.

Podemos entender também que esse conceito cria e ao mesmo tempo é fruto de uma prática social e que nela reside toda e qualquer forma de pensamento histórico inserido na memória, onde encontramos as narrativas históricas.

Como diz Paul Ricoeur (2007, p.507, in: NUNES, 2021) “as aulas de história tornam-se um momento importantíssimo no debate sobre o passado e sua disputa de narrativas.” Pois estamos sempre buscando novas formas de olhar um tema, buscando no passado as bases para novas discussões, e no caso desse trabalho, buscamos lá nos tempos da colonização a base para esse racismo tão presente em nossa sociedade, mesmo que por muito tempo ele tenha sido camuflado. Temos que entender o que tudo isso significa, como o pensamento mudou e quais os novos autores e atores desse processo.

Para além de ensinar fatos, datas, nomes mais até do que falar apenas do passado, o professor de História precisa levar a seus alunos noções e conceitos que possibilitem a esses alunos conviver com o diferente, com o que é estranho, distante, o aluno pretende entender que a História muda e com isso as visões sobre um fato também pode mudar.

Aqui temos que a aula de História, como uma narrativa de fatos sobre um povo e sua história de luta, deve possibilitar ao aluno vivenciar outro tempo histórico, outra realidade. A aula deve fazer o aluno viajar entre os diferentes regimes de historicidade. O professor de história deve guiar seus alunos pelo rio da Morte, para fora de suas crenças, fazer com que eles sintam o estranhamento dessa “viagem”, pois assim eles poderão se tornar pessoas mais tolerantes, que respeitam as diferenças, fazendo com que sejam cidadãos menos preconceituosos. Esse é um dos pontos que esse projeto pretende tornar os alunos mais abertos a conviver com os diferentes e não terem vergonha de suas origens.

Para tratar dessas mudanças de solicitações e intenções do ensino de História, podemos lançar mão do conceito de Consciência Histórica que:

... dá formalidade e consciência à ideia, constituída nesses diversos processos de mudança, de que o conhecimento histórico ultrapassa a academia e constitui-se de diversas formas, conteúdos e focos de enunciação. (Cerri, 2017).

Estevão de Rezende Martins (2019, p.55) traz o conceito de Consciência Histórica, que indica o conhecimento que todo ser humano adquire e constrói a respeito do seu papel no mundo. Ela é o “acervo dos sentidos constituídos pela consciência humana ao longo do

tempo. Este conceito precisa da memória – individual e coletiva- como referência dos conteúdos.”.

Esse conceito fala sobre a questão de se aprender sobre passado é a condição necessária para se estabelecer o pensamento histórico, e que são estes quem determinam os conteúdos inseridos na cultura histórica.

O conceito de consciência histórica tem uma importância em nosso trabalho, pois ele traz consigo a noção de igualdade entre os homens, com o nome de “dignidade da pessoa humana” e/ou “direitos humanos fundamentais”. A consciência histórica tem em sua constituição. a consolidação de essa saber, desse respeito.

Segundo Jörn Rüsen (2015) a consciência histórica pode contribuir muito para o desenvolvimento do ser humano, em nosso caso, entendemos como aluno, aumentando assim sua capacidade de aprendizagem. Segundo esse autor, a categoria de Consciência Histórica encontra-se dividida em sete dimensões: tempo, sensibilidade como a realidade, consciência da historicidade, identidade, consciência política, consciência econômico- social; consciência moral.

No contexto escolar percebe-se que a Consciência histórica de alunos e professores acaba por se misturar e interagir independente do choque geracional existente entre os grupos envolvidos, e isso ajuda na construção de conhecimento histórico por meio das trocas entre os dois grupos.

Precisamos entender esse conceito como a peça básica da didática da história, pois nos faz perguntar, experimentar, interpretar, orientar e motivar, e essas foram as ações presentes no desenvolver desse estudo, principalmente, interpretar, orientar e motivar.

Pensando no produto final deste estudo dois conceitos ganham grande importância, o de biografia e o de narrativa.

Para trabalhar o conceito de biografia precisamos ter em mente que a escrita biográfica tem ganhado espaço significativo na produção de conhecimento histórico, principalmente devido seu grande alcance nas salas de aula da educação básica de ensino no país.

Após um tempo sendo renegado pelos historiadores, o estilo biográfico de literatura foi reconsiderado como sendo uma importante maneira de se realizar a narrativa da história, pois segundo François Dosse (2009) “a biografia pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e angústias.”

É preciso entender que o campo da escrita biográfica é um cenário com privilégios para que o historiador possa fazer experimentos, como o de avaliar a ambivalência do caráter

na epistemologia da sua profissão, apesar da tensão existente entre o lado científico e o lado ficcional da escrita biográfica. Sendo assim, podemos perceber que a biografia traz um questionamento controverso a respeito da diferenciação entre um gênero literário e um texto puramente científico e com isso estimulando uma hibridização entre as duas modalidades, literatura e Ciências Humanas.

Nesse trabalho nos pautaremos no conceito de biografia que se encontra relacionado como a ideia de narração de uma história de vida.

Para Benito Schimdt (2012), “a biografia histórica é antes de tudo, história, portanto, precisa se pautar pelos procedimentos de pesquisa e pelas formas narrativas próprias a essa disciplina que se propõe a explicar e/ou a compreender o passado”. E é preciso termos em mente que sendo uma obra que pode ser considerada história, essa escrita biográfica também precisa ser pautada em pesquisas por meio de referências conceituais e fontes históricas, não apenas sair escrevendo sobre uma determinada personalidade.

Entendemos as biografias como recurso didático pedagógico para as aulas de história no Ensino Fundamental II e assim a analisamos como sendo uma ação teórico metodológica contra a visão de uma história única, principalmente as biografias de personalidades negras, como no caso desse estudo, pois nos mostra o “outro lado” da história e ajuda no desenvolvimento do pensamento crítico para a sala de aula ao permitir que analisemos histórias de vida frente aos contextos históricos em que estão inseridas, e a Coleção Black Power, nossa principal fonte de biografias, faz essa junção de uma forma didática, o que a torna um excelente objeto de estudo e trabalho. Essa coleção realiza a leitura de vida de personagens históricos, porém sem os colocar no pedestal de herói, de grande salvador de algo, mas mostra sua vida e como este chegou conquistou o prestígio que tem hoje na sociedade, sem esquecer-se de relatar o contexto histórico da época partindo do olhar dessa personagem e não mais dos brancos, como nos acostumamos a ver a história do povo preto sendo contada.

As biografias também podem ser utilizadas nas aulas de história para fazer com o que o aluno também se perceba como um sujeito histórico, e tragam para os mesmos a questão da representatividade, pensando que nas escolas da rede municipal do Rio de Janeiro, a maioria dos alunos é negra e com as biografias analisadas eles se sentiram representados. Temos que ter em mente que umas das competências da disciplina história está pautada na construção da identidade pessoal e social no contexto histórico, ao fazer com que os alunos se reconheçam como indivíduos no processo histórico nacional e internacional, simultaneamente como sujeito e produtos dos mesmos.

Outro conceito que nos ajudará a desenvolver a proposta pedagógica desse estudo é o conceito de narrativa, que será entendido como uma habilidade que pode ser entendida como a essência humana de construir significado, ou seja, de atribuir sentido à vida, tanto em níveis individuais quanto sociais, especialmente frente às transformações que os indivíduos enfrentam ao longo de suas vidas. Assim, narrar se torna um processo mental que conecta a interpretação do passado com a compreensão do presente e as projeções para o futuro.

É fundamental compreender a narrativa histórica como uma chance de vivenciar outra temporalidade, além do momento atual. Em um contexto de aula de História, essa ideia se torna fascinante, pois oferece aos alunos a oportunidade de viajar no tempo, conhecer diferentes períodos históricos sem precisar se deslocar fisicamente, apenas por meio da leitura de livros, jornais ou assistindo a filmes de época em plataformas de streaming. Esse será o foco do nosso estudo: de que maneira as narrativas e biografias podem ser incorporadas nas aulas para fomentar uma educação antirracista.

Também podemos perceber a narrativa histórica como uma ferramenta epistemológica que está em busca de criar saberes e levar os mesmo a variados públicos. (Gabriel, 2015; Albuquerque Júnior, 2016), fazendo com que o saber produzido e inteligível não seja de modo algum confundido com uma narrativa ficcional, como um livro de romance ou ficção científica. Na aula de história, onde o tempo é um dos nortes da aula, as narrativas e temporalidades se mostram como caminhos para evidenciar os sentidos do ensino e da disciplina História, como nos mostra Hartog (2013), e com isso podemos entender as escolhas assumidas pelos professores em suas atividades.

Uma aula de História é atravessada por passados, de lugares, personagens, sistemas e estes são apresentados aos alunos através de narrativas que podem contar com auxílio de apoios sejam eles livros, recursos de internet ou streaming. Hoje, temos as mídias digitais que podem ser usadas a favor do professor nas aulas, como forma de narrativa ou algo que ilustra o que o professor está explicando na frente da turma.

Com isso devemos perceber o quanto o conceito de tempo é imprescindível para o saber histórico e demonstrado de diversas formas de narrativa, pois qualquer que seja essa forma eu trás consigo uma noção de temporalidade, que só fará sentido ao aluno com a narração do professor, e por isso que vamos trabalhar esse conceito no trabalho, em especial no capítulo quatro, ao explicarmos nossa proposta pedagógica.

Após as leituras percebemos que para podermos realizar um trabalho de educação antirracista três conceitos seriam muito importantes: raça, racismo e antirracismo, e começaremos com a análise do conceito de raça, que para nós é o mais complexo de todos,

pois precisamos diferenciar a ideia de raça advinda da biologia para a classificação de raça das ciências sociais.

Devemos pensar a raça como um fenômeno que remonta ao século XVI, na modernidade europeia no início do processo de colonização, como marcador de hierarquia humana, este conceito é mutável, está rigorosamente preso aos fatos históricos aos quais se refere, sempre ligado à questão de poder, luta, estando assim vinculado ao desenvolvimento da política, economia das sociedades contemporâneas. E com isso tivemos o nascimento de um modo de produção baseado na acumulação primitiva de capital por meio do mercantilismo escravagista.

Como mostra Amilcar Pereira, em seu livro, *O mundo negro: relações raciais e a constituição do Movimento Negro contemporâneo no Brasil (2020)*, a moderna ideia de raça, que surgiu no século XVIII e se consolida por volta da segunda metade do século XIX, no auge do Imperialismo europeu¹¹, pode ser vista como uma junção das diferenças culturais com as fenotípicas, genotípicas e biológica, fazendo assim uma hierarquização dos grupos humanos.

Podemos entender que o termo raça foi criado com o intuito de legitimar o escravismo nas Américas e a exploração de um povo em detrimento de outro e depois volta a ganhar força na corrida imperialista.

W.E.B. Du Bois (Pereira, Amilcar, 2020), analisa o conceito de raça mais no seu viés sócio histórico do que biológico chegando a questionar seu caráter científico, que ainda vigorava no século XIX, mesmo levando consideração as características fenotípicas, como forte ponto de diferença que separava os diferentes grupos de homens, mas devemos notar que essa definição de raça feita por Du Bois não toca na questão da hierarquização entre os grupos, mas apenas em características que diferenciam os homens.

O século XX vem nos mostrar que o conceito em análise não é um termo da biologia, mas sim, um conceito utilizado com o intuito de analisar a diversidade humana e fazer sua divisão em raças, que não existem biologicamente falando. Contudo até hoje o termo é utilizado para fazer uma hierarquização da humanidade definindo quem é dominador e quem é dominado.

Hebe Mattos (2003) e Anibal Quijano (2020) entendem raça como construção social, diretamente ligada ao continente americano com o intuito de legitimar a dominação sofrida

¹¹ Segundo Hanna Arendt, “o imperialismo teria exigido a invenção do racismo como única ‘explicação e justificativa de seus atos, mesmo que nunca houvesse existido uma ideologia racista no mundo civilizado. Mas, como existiu, o racismo recebeu considerável substância teórica.” Pereira, Amilcar. 2020.

pelos povos dominados durante o colonialismo. Já Silvio Almeida, nos apresenta raça como sendo uma relação social e sendo assim se apresenta em fatos que ocorrem em uma sociedade conflituosa, como uma sociedade racista.

Outra forma de se entender o conceito de raça é perceber o mesmo como sendo algo ideológico, como nos mostra Neusa Santos Souza (1983), em *Tornar-se negro*, e sendo ideológico encontra-se disposto como um imprescindível critério social para a distribuição de renda e organização de classes. Essa relação entre classe e raça também é defendida por Frantz Fanon (2008) em *Pele Negra máscaras brancas*. No Brasil, raça está marcada por sua relação direta a um determinado grupo social, que tem em comum o mesmo status, prestígio e valores culturais, o grupo dos negros.

No Brasil esse conceito foi introduzido nos anos de 1870 numa tentativa de se compreender a cultura brasileira, buscando criar um programa de desenvolvimento para a sociedade pós-escravistas que estava surgindo. Para os pensadores dessa época, o conceito de raça era utilizado numa tentativa de se entender e definir as diferenças culturais e os povos que aqui viviam e como estas foram incorporadas ao modo econômico vigente.

Kabengele Munanga (2005, p.61), em seu livro, *Superando o racismo na escola*, cita Paulette Marquer que em sua obra, *As Raças humanas*, “diz que a palavra raça vem do italiano *razza*, que significa família, ou grupo de pessoas”. Por outro lado, continua Marquer, a palavra *razza* vem do árabe *ras*, que quer dizer origem ou descendência.

Segundo Bárbara Carine (2023), o termo raça dentro do âmbito das ciências sociais dialoga com o fato das vidas negras não terem importância.

A partir da década de 1920¹², pensadores eugenistas, colocavam a raça como sendo algo em desenvolvimento e não algo pronto, como se fosse uma etnicidade da qual todos os brasileiros fariam parte no momento em que deixassem suas características de seres inferiores, e isso seria conseguido através da educação que ajudaria as crianças a embranquecerem em seu comportamento, ou seja, com as noções de civilidade, higiene e cultura, uma criança negra estaria apta a deixar sua negritude e quem sabe “tornar-se branca”, por seu comportamento.

Na definição de Stuart Hall (Pereira, Amilcar, 2020), raça seria algo ligado a questão política e social, em torno do qual se estrutura um sistema de poder e exploração de um grupo sobre outro – racismo.

Analisamos o conceito de racismo para mostrar aos alunos a questão dele ser estrutural

¹² Aqueles que acreditam na teoria que busca produzir uma seleção nas coletividades humanas, baseada em leis genéticas; eugenismo

e ensinar que hoje, é crime previsto em lei. Tratamos este conceito como sendo uma terrível forma de discriminação, até porque, diferente de uma discriminação social ou física, no racismo, a vítima não pode alterar suas características físicas para fugir do preconceito sofrido. Iremos analisar o fato de tantos negros negarem o ser, por uma tentativa de fugir desse quadro de discriminação, como Fanon (2008) trata em sua obra sobre a recusa dos martinicanos quanto à sua cor de pele. E aqui no Rio de Janeiro, percebemos essa negativa, em muitos casos de responsáveis na matrícula escolar de seus filhos dizerem que são brancos ou morenos, mesmo que sejam pretos. Entendemos isso, como uma forma de acreditar que aquela palavra num papel daria à criança a passibilidade pela vida sem sofrer o racismo estrutural de nossa sociedade.

Aqui entendemos o racismo como sendo fruto da dominação europeia na África, Ásia e América, pois essa ideologia se manifesta na prática do tráfico negreiro e vai ganhando força ao longo dos séculos, mesmo com o fim do colonialismo. Essa ideologia volta a ganhar força como neocolonialismo no século XIX. Mesmo analisando isso, não podemos pensar, nem fazer, com que nossos alunos pensem que o racismo surgiu repentinamente, mas sim que ele é consequência de um longo processo, que buscava explorar outros seres humanos em busca de lucro e poder para o homem branco.

Em conformidade com Muniz Sodré (2023), entendemos que o racismo é algo central na vida sócio-política das Américas, uma espécie de pilar de sustentação, sem o qual essa sociedade não se manteria de pé. No caso brasileiro, este sistema ainda vigora devido a uma consequência parasitária de um sistema político excludente, que teve sua raiz na escravização do povo negro, fazendo com que se pense que a questão racial esteja na base da situação social desse povo atualmente.

Para este autor, na época de escravização vigorava uma espécie de racismo de dominação, que garantia a segregação dos escravizados, já nos dias atuais, podemos definir como racismo de exclusão, cuja finalidade seria manter a irrelevância do negro na sociedade. Para ele, o racismo, na sociedade escravagista era uma tecnologia de poder pautado no tripé estigmatização/discriminação/segregação inscritos em leis ou normas, dessa forma não pode ser visto como sendo um fenômeno ideológico que dependia de discursos e doutrinas, pois se encontrava legitimado pelo sistema colonial.

Muniz Sodré (2023, p.193) cita Charles Laurence que diz: “o racismo é uma doença que todos nós compartilhamos, porque todos nós portamos a marca de uma história comum.” E sendo assim o preconceito está de tal forma em nós inserido que não poderia ser corrigido pela via do processo político, pois quem cometesse o ato poderia alegar a falta de consciência

de que estava sendo preconceituoso/racista e muitos ainda alegam isso.

Neste estudo também foi debatido o modo como o racismo se perpetua e chega até os dias atuais, atingindo dessa forma nossos alunos e seus familiares em suas ações diárias, como uma ida à praia ou simples passeio no shopping onde são olhados com medo ou seguidos por seguranças. Como diz Nilma Lino Gomes (2017), “o racismo desumaniza quem sofre e quem pratica”. Quem sofre porque a pessoa se sente como se fosse um ser indesejado, como se não devesse existir e quem pratica, pois mostra que aquela pessoa não enxerga o outro como ser humano igual a ela, mas como um bicho ou algo inferior.

De acordo com Carlos Hasenbalg, no livro *Lugar de Negro* (2022) que escreveu em parceria com Lélia Gonzalez, a essência do racismo encontra-se no ato de negar a humanidade ao negro e este fato ajudar a justificar a dominação do branco sobre o negro em nossa sociedade. Ele também cita as ideias de Karl Marx, que fala que racismo, preconceito e discriminação são essenciais para o desenvolvimento do capitalismo, sistema implementado por brancos dominadores com objetivo e de manter a força de trabalho barato preenchida pelos racialmente inferiores/dominados. Outro ponto abordado por este autor é a ideia do sistema racista prevalecer atualmente porque ainda não se criou outro sistema econômico que não necessitasse dessa feroz exploração.

Outro tópico aqui abordado foi o fato de que o negro vive em um mundo branco, embora seja a maioria da população brasileira e por isso precisa lutar para se estabelecer e mostrar que a ideia de inferioridade por trás do racismo, não passa de uma justificativa para a exploração de um povo, que poderia ser de qualquer origem que não a branca. Esse racismo é cultural e está enraizado em nossa sociedade, o que faz com que até hoje ele seja tão forte e muitos o reproduzam, às vezes, sem nem perceber, como utilizando tantas expressões racistas, que já fazem parte do nosso vocabulário, como por exemplo, cor do pecado, lista negra, mercado negro, negra de traços finos e tantas outras.

Silvio Almeida em sua obra, *Racismo Estrutural* (2019) nos aponta o racismo como algo que é sempre estrutural, ou seja, está enraizado em nossa sociedade. Esse conceito nos dá o entendimento para o fato de que ainda hoje nossa sociedade reproduza as formas de desigualdade e violência em relação ao povo negro. Ele também entende o racismo como sendo um modo organizado de se discriminar outro ser humano tendo a raça como base para tal ato. E isso acaba por gerar desvantagens para um grupo social e privilégios para outro. Percebe-se ainda que o racismo decorre da estrutura da sociedade, sendo assim ele é oriundo do modo como as relações sócio-política econômicas, jurídicas e familiares estão constituídas, não podendo ser classificado como patologia social, assim voltamos a falar que ele é sim,

estrutural. Ele é inerente ao processo social e se encontra entre outras questões, ligado à tradição e para se combater tudo que esse conceito traz para a sociedade devemos pensar em modificações profundas nas relações sócio-política- econômicas em nossa sociedade, e nós acreditamos que a escola seja um bom lugar para se começar com essas ações.

Somando a isso temos também Kabengele Munanga (2005, p.41) que nos aponta que o racismo se baseia e se firma no mundo por meio de preconceitos discriminações e estereótipos, o que faz com que ele ainda esteja vivo nos dias de hoje. Ele também fala que “o racismo é a pior forma de discriminação porque o discriminado não pode mudar as características raciais que a natureza lhe deu.”

Ollie A. Jonhson III, no seu texto, *Breve Panorama das Vozes negras sobre política brasileira* (Pereira, Amilcar, 2020) cita Oraidá Abreu que fala sobre esse racismo estrutural dizendo que podemos perceber esse fato refletido no interior das famílias, pois a população negra acaba por vivenciar isso em seu íntimo.

Podemos perceber o racismo como sendo cultural entrelaçado ao preconceito ligado à questão étnico-cultural, e esse conceito, segundo o autor, é utilizado por Frantz Fanon (2008), em sua obra *Pele Negra, máscaras brancas* ele traz a ideia de que a identidade do povo negro deve ser associada a sua língua, religião, origem geográfica.

E com isso podemos perceber o quanto o racismo encontra-se ligado a questão da segregação racial, como percebemos em nossa cidade, na questão da moradia, onde a maioria da população negra encontra-se na periferia, comunidades, sem acesso ao básico enquanto os brancos habitam áreas mais nobres e tem acesso ao básico para viver com dignidade.

Devemos ter em mente que o racismo é um processo político e histórico e devido a esse motivo não podemos entender o mesmo como apenas oriundo do sistema econômico. Sendo entendido assim percebemos que ele também é formado por um conjunto de subjetividades, de pessoas que possuem suas consciências e afetos e por isso encontram-se interligados as práticas sociais.

Segundo Michel Foucault (1976), em seu texto, *Em defesa da sociedade*, este autor demonstra a relação do racismo à formação dos Estados a partir do século XIX; aqui o autor nos fala que o racismo é um discurso revolucionário. Ele diz ainda que esses Estados em formação operaram algo que ele chama de “racismo de Estado.” já para Munanga, o pensamento racista pode ser percebido desde o tráfico de escravizados no período da colonização e foi se estabelecendo de forma gradual.

Outra autora que estuda sobre Racismo é Grada Kilomba (2008), que entende esse conceito é ainda hoje utilizado para manter e legitimar as violentas estruturas de exclusão

social que vemos em nossa sociedade, fato que não ocorre só no Brasil, mas em várias partes do mundo. Ela nos mostra que o fato de não se entender o racismo como sendo um problema social, quem sofre com suas consequências não são levados em consideração, visto que acabam por ouvir que as situações que vivem, mesmo que frutos desse sistema segregacionista seriam por causa de suas escolhas de vida. Essa visão do termo também nos leva a achar aceitáveis as negativas aos serviços básicos que são impostas ao povo negro.

E este sistema não surgiu “do nada”, mas sim é produto de um processo que achava mais lucrativo usar de mão de obra barata por meio de se explorar os povos que estavam sendo colonizados e subjugados. E com tudo isso se tornou uma prática cotidiana, forte e onipresente.

Esse autor também que no Brasil tivemos uma forma de racismo que foi diferente do nazismo alemão e do apartheid sul-africano, mas isso não o torna menos violento, pois segundo ele, aqui o racismo está velado, presente no não dito, nas entrelinhas e percebemos que Abdias do Nascimento, possui pensamento similar ao falar que o mito da democracia.

Richard Santos (2020) cita Carlos Morre, ao conceituar racismo como algo que é realizado sempre de uma raça/grupo em detrimento de outra/outro.

Jesse Souza (2021, p.54) nos aponta que o racismo não pode ser entendido como sendo algo do indivíduo ou apenas institucional, mas sim, deve ser compreendido como sendo algo localizado no interior do processo de dominação social, no nosso caso a dominação do negro pelo branco. Este autor, também coloca que “gostaria de chamar de racismo precisamente esse processo de tornar inarticulado o mundo moral compartilhado coletivamente de modo a manipular o sofrimento social para jogar os oprimidos uns contra os outros e convencer as vítimas da própria inferioridade.” Ele também nos mostra que o racismo reduz a população negra à sua forma mais básica e animalizada. E isso se deve às negações e privações sofridas por essa população e pela violência com que as forças de repressão, principalmente, tratam os negros em nossa sociedade.

Esse fato da vítima se sentir inferior, pode ser percebido nas aulas que originaram esse estudo, pois os alunos acreditavam que por serem negros e oriundos de comunidade carente nada poderiam ser em suas vidas a não ser reproduzir os caminhos traçados por seus responsáveis.

Nilma Lino Gomes (2005) nos coloca o racismo como sendo algo comportamental, fruto de sentimento de ódio voltado para pessoas de um determinado grupo racial. Também podemos entender esse conceito como sendo a imposição de uma verdade ou crença como universal.

Resumindo, o racismo retira a dignidade e a humanidade do sujeito negro colonizado. Destarte, o negro experimenta uma “zona do não ser” – uma negação de sua própria humanidade realizada pelo sistema colonial. Como psiquiatra Fanon tinha a intensão de liberar o homem negro do seu complexo de inferioridade e trazê-lo de volta à humanidade: “o que nós queremos é ajudar o negro a se libertar do seu arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial” (FANON, 2008, p. 44). Sua proposta permanece atual, pois o racismo se reinventa.

Como contraponto ao racismo, trataremos também do antirracismo, que não deve ser entendido como uma luta apenas dos negros, mas de todos, como fala Angela Davis, “numa sociedade racista não basta não ser racista. É necessário ser antirracista.”¹³

Ser antirracista significa prestar atenção em práticas e falas já enraizadas em nossa sociedade racista e não as repetis. É um conceito de responsabilidade das sociedades ocidentais, pois tem como ideia principal a negação das práticas racistas que o Ocidente cometeu com os africanos e seus descendentes. E essa luta não é uma luta fácil, devido ao enraizamento dos pensamentos racistas nas sociedades, por isso ser muito importante que essa discussão seja realizada nas escolas, desde a educação infantil, pois assim formaremos jovens, ou tentaremos que terão outra visão da questão negra, escravidão e racismo.

O ato de ser antirracista não é algo tranquilo de acontecer, pois mexe com nosso íntimo, nos faz parar e pensar em nossas falas e atitudes e reconhecer as falhas que cometemos, mesmo que de forma inconsciente, devido ao racismo tão enraizado na nossa sociedade e conseqüentemente na nossa mente. Ser antirracista, como nos mostra Djamila Ribeiro, ser antirracista também pode ser visto como algo carregado de valores sociais e que nos faz deixar para trás as expressões racistas, como “ela é uma negra bonita”.

Abrir os olhos para o fato de um determinado grupo ter múltiplos privilégios em detrimento de outro grupo é dolorido, pois muitas vezes irá nos fazer sair da zona de conforto e ir para a luta, por igualdade e pelo fim do racismo que perdura na nossa sociedade e entranha em nossas vidas. E esse ato pode e deve ser realizadas por pessoas brancas, estas devem ser responsabilizadas pelo sistema racista e as pessoas negras precisam se conscientizar dos processos históricos e não seguir reproduzindo os mesmos padrões.

Não podemos esquecer que mesmo as pessoas brancas que estão inseridas nas lutas antirracistas elas são privilegiadas e beneficiadas pelo racismo, mesmo que de forma involuntária, mas isso não deve diminuir a importância deste grupo em nossa luta, mas sim

¹³ Coleção Black Power, Editora Mostarda.

nos fazer perceber a necessidade de se fortalecer a luta antirracista.

Devemos ter em mente o fato de o antirracismo ser um termo de origem ocidental e não é afrocentrado, pois não passa pela agência africana, mas sim pela necessidade ocidental de se mudar a questão tão forte do racismo estrutural.

Nilma Lino Gomes e Isis Silva Roza (2021) no texto, *Diversidade, reinvenção da resistência democrática e atenção regulação / emancipação do corpo e da corporeidade negra*, nos mostram que a luta antirracista faz parte de um longo processo de lutas sociais e democráticas, e sendo assim combater a fome, lutar pelo direito á saúde, também são importantes na luta contra o racismo, pois infelizmente em no Brasil e no mundo a maioria das pessoas que vivem na miséria e sem os direitos básicos são negras. E por isso, ainda segundo as autoras a luta antirracista precisa ser também anticapitalista numa tentativa de superar as desigualdades.

De acordo com Bárbara Carine, (2023, p.59):

... a perspectiva antirracista tem como eixo central a negação do que o ocidente fez de nós: eles dizem ‘ suas vidas são desimportantes’, nós retrucamos ‘vidas negras importam’; eles dizem que somos feios, burros, sem cultura, incivilizados, e nós passamos a vida inteira tentando provar o contrário.

E numa tentativa de se combater essas falas tão propagadas e tornadas verdades pelo povo negro, que sempre se viu renegado ao papel subalterno, inferior na sociedade que acreditamos na força e importância de uma educação antirracista e realizamos esse estudo por dois anos.

2 ENSINO DE HISTÓRIA EM ESPAÇOS DISTINTOS

No começo deste estudo, eu atuava em uma escola municipal do Rio de Janeiro, situada na comunidade do Vidigal, na Zona Sul da cidade. A escola está vinculada à segunda coordenadoria de educação da secretaria municipal de educação do Rio de Janeiro.¹⁴

A data de fundação da Escola Municipal Almirante Tamandaré é incerta no acervo da Secretaria Municipal de Educação e no Centro de Referência de Educação Pública Anísio Teixeira, mas o ano de 1956 é o mais provável. Como também não conhecemos a sua história, todas as informações requeridas para a elaboração deste trabalho foram negadas pela administração escolar. O que se sabe é que inicialmente ela oferecia os dois níveis do Ensino Fundamental, em dois turnos. Gradualmente, o Fundamental I foi removido do seu prédio, permanecendo até 2022 com uma turma de 5o ano. Também nesse ano, a escola passou a ser classificada como de Turno Único, ao invés de parcial, como era anteriormente.

A comunidade do Vidigal encontra-se localizada entre os bairros do Leblon e São Conrado, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, bairros esses que possuem os impostos mais caros da cidade.

Presume-se que, aproximadamente, em 1690, a Comunidade do Vidigal era habitada por indígenas da tribo dos Carijós.

A origem dessa comunidade remonta ao século XIX, quando o Major Miguel Nunes Vidigal recebeu um terreno doado por monges beneditinos em 1820. Este terreno ficava próximo ao Morro Dois Irmãos e foi habitado por barracos a partir de 1940, originando a comunidade atual¹⁵.

Esta comunidade se desenvolveu entre as décadas de 1940 e 1970, impulsionada pela remoção de comunidades vizinhas e pelo ingresso de imigrantes do nordeste.

A edificação da Avenida Niemeyer em 1916, juntamente com o progresso dos bairros do Leblon e Ipanema, contribuíram para o aumento populacional e permanente do Vidigal.

Esta comunidade também é famosa pelas festividades realizadas no Morro, especialmente as que ocorrem no cume da comunidade. Também é uma comunidade bastante frequentada por turistas estrangeiros, principalmente, o que resulta na circulação de moedas diferentes do real na comunidade.

¹⁴ Estas cres que são responsáveis pela fiscalização, das escolas, distribuição de materiais, controle de operações, gerencia de professores, estagiários.

¹⁵ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vidigal>, visitada em fev/2025.

O Morro do Vidigal representa o vigésimo primeiro metro quadrado mais caro do Rio de Janeiro, impulsionado pela sua posição geográfica e vista excepcional do mar. Essa comunidade também é o berço do grupo teatral Nós do Morro, que revelou grandes atores e atrizes para teatro, cinema e televisão nacionais.

Mesmo estando localizada em uma comunidade formada em sua maioria por moradores negros e pobres, a Escola Almirante Tamandaré mostrou-se ser extremamente racista por parte de seu corpo docente e diretivo. Sua composição é de um alto índice de alunos negros, mas possuía apenas dois professores negros, o que ajuda a explicar a estranheza dos alunos quando me assumi negra na sala de aula, não há muitos exemplos de negros em posição de poder no cotidiano desses alunos, que acabavam percebendo a escola como mais um espaço de exclusão, pois os detentores de saber, poder não são negros, o que os faz pensar que jamais poderão ocupar esses espaços. E esse trabalho veio para mudar esse pensamento, ainda mais tendo partido deles, de certa forma.

As crianças relataram as dificuldades de morar nessa região e todos os preconceitos que sofrem, até mesmo numa simples ida à praia, quando percebiam que as pessoas se levantavam e saíam de perto por medo de serem assaltadas. Outro relato frequente era de sempre serem seguidos no comércio dos bairros vizinhos à comunidade. Não podemos esquecer que esses alunos possuem duas marcas em sua vida, a de serem negros e, além disso, moradores de comunidades, pejorativamente chamados de favelados.

Baseado nessas experiências dos alunos, muitas vezes a necessidade de se trabalhar a temática do antirracismo, partia de suas vivências, do que viam na televisão e não de mim, de uma maneira mais formal, aqui percebemos que essa “vida” de nossos alunos precisa ser levada em conta na sala de aula, precisa ser ouvida e inserida nas aulas, fazendo com que eles se sintam inseridos naquele conteúdo e naquele espaço, que muitas vezes é um espaço de reprodução de uma lógica racista e que afasta a população negra de se ver com os mesmos sonhos de quem não tem essa realidade de comunidade, precisamos dar protagonismo a nossos alunos sempre que possível.

Num segundo momento desse estudo, no ano de 2024, mudei de escola, passando a trabalhar no Bairro de Laranjeiras, também na Zona Sul da cidade, sendo que essa escola atende a mais de uma comunidade, diferente da primeira onde os alunos são unicamente do Vidigal.

Ao contrário do que aconteceu na escola Almirante Tamandaré, consegui informações

sobre história da José de Alencar¹⁶ que foi fundada em 24 de junho de 1955 no Largo do Machado onde hoje temos o Colégio Estadual Senhor Abravanel, antigo Amaro Cavalcanti.

Na década de 1960, a escola é transferida para a Rua das Laranjeiras, sendo instalada em um prédio anexo a um casarão com um lago com peixes em sua entrada. Essa escola atendia famílias de classe média, um público bem distinto do atual, com quase nenhuma criança negra¹⁷. Era uma escola voltada para o Ensino Básico somente primário e sua obrigatoriedade ainda estava sendo implementada e popularizada nas famílias.

Em meados dos anos 1960 (1964-1965), o casarão frontal foi demolido, árvores cortadas e lago aterrado. O cimento e o concreto deram forma a uma Escola Quadrada ou “Escola Caixote”, estilo de construção escolar do período da ditadura militar.

Essa “caixa” tinha como função colocar dentro uma massa de pessoas que vivia fora da escola, fora da sociedade, fora das vistas de quem morava no asfalto. Do alto, a massa via a cidade mudar e crescer, mas ela também crescia e começava a ser vista e a incomodar.

Na década de 1970 tivemos um recomeço desta instituição, com um público diferente. Essa foi a mesma época da criação do Túnel Rebouças e favelização do Cerro Corá, Guararapes e Santo Amaro, comunidades de onde saem nossos alunos até os dias atuais.

A escola de Educação Básica foi ampliada. Primário e Ginásio passaram a pertencer ao mesmo grupo de obrigatoriedade e investimento governamental, o prédio original era usado pelos alunos do Primário e o novo pelos alunos do Ginásio.

O atual prédio nasceu cor de terra, barro e areia e possivelmente, mesmo sem intenção, já se previa a intencionalidade de uma educação ancestral, moldável com o tempo, onde o barro trazia confiança, segurança; o bege, autocontrole, independência e equilíbrio. E essas cores vão entrando na escola em peles cada vez menos brancas e ao mesmo tempo percebemos uma queda na qualidade de ensino, não pelos professores, somente, mas por um sistema, que via apenas esses novos alunos como inferiores, como futuras mãos de obra barata, que não era digno de uma educação de qualidade e que pior do que isso, não tinha capacidade de entender as complexidades de algumas disciplinas, então bastava ensinar o básico para eles.¹⁸

No início dos anos 2000, a escola recebe investimento humano e material para que

¹⁶ Todas as informações sobre essa escola foram encontradas no acervo de documentos da própria, que esse ano completa 70 anos.

¹⁷ Era um período da história da educação no Brasil marcado por uma educação elitista que dificultava o acesso da população negra e pobre, como podemos ver em Dávila, Jerry, 2006.

¹⁸ Infelizmente percebemos que esse pensamento ainda nos persegue na atualidade.

pudesse modificar sua cara e melhorar sua fama de escola de marginais. No período de 2005-2007, a escola sofreu intervenção da Prefeitura por conta dos anos de degradação e falta de gerenciamento de problemas estruturais da rede física e social.

No ano de 2008, ocorreu uma obra de revitalização do pátio e da quadra da escola, onde se retirou as barras de ferro e as grades que faziam com que aquele prédio nos lembrasse dum presídio.

No ano de 2023, a escola passa por novas obras para que pudesse ser transformada em um GET, Ginásio Educacional Tecnológico, o que ocorre no ano de 2024, com sua inauguração oficial no dia 24 de junho. Nessas obras tivemos revitalização dos espaços da escola, com pintura, horta, ar condicionado nas salas e a criação de um Colaboratório, que é um espaço de educação maker/steam.

O tradicional bairro das Laranjeiras¹⁹ é um bairro de classe média e classe alta da Zona Sul do município do Rio de Janeiro, capital do estado homônimo. É também um dos bairros mais antigos da cidade.

O acesso às águas puras do rio Carioca foi um dos grandes atrativos para a mobilização rumo à região. Assim, a partir de 1567, a ocupação formal aconteceu com a divisão da área em sesmarias entre aqueles que lutaram para expulsar os franceses.

Hoje é conhecida por elegantes edifícios antigos como o Palácio Laranjeiras, residência do Governador; Palácio Guanabara, Capitólio do estado e pelo exuberante Parque Guinle. A área também tem praças charmosas como a São Salvador, que é cercada por bares e abriga um famoso mercado de artesanato aos domingos com choro ao vivo.

O nome Laranjeiras surge pela primeira vez em um documento de 1780 se referindo à região que ficava no interior do vale, e que passou a se distinguir das áreas da Glória e Catete, também na bacia do rio Carioca, no entanto mais próximas à baía. Sua configuração geológica lembrava a também acidentada região de Laranjeiras, na região alta de Lisboa que levou à nomeação do bairro Carioca.

Ao realizar esse trabalho, me peguei pensando diversas vezes, como dois espaços localizados na Zona Sul do Rio de Janeiro, pertencentes à Segunda Coordenadoria de Educação, podem ser tão diferentes no tocante à discussão do antirracismo, o que fez perceber a importância de se entender a escola como uma organização que pode ser quase tão variada quanto às personalidades que a compõe. Se pensarmos como Ana Maria Monteiro (2007), escola seria o braço do macro sistema, reprodução de decisões tomadas fora dos seus muros,

¹⁹ Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Laranjeiras_\(Rio_de_Janeiro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Laranjeiras_(Rio_de_Janeiro)) visitada em fev/2025.

muitas vezes por pessoas que nunca estiveram no chamado “chão da escola pública.” Nisso vemos muitas das ações que a Secretaria Municipal do Rio de Janeiro impõe a suas escolas.

Não devemos pensar a escola como uma estrutura que sobrevive ilhada, isolada do restante da sociedade, temos que pensa-la como sendo uma instituição artificial com papéis de socialização e transmissão de cultura, mas que se encontra relacionada de forte e bem relacionada com organização e políticas que seja pelo governo central ou administração local, no caso das nossas escolas municipais, controlam as formas e os meios da educação fornecida.

Nesse ponto conseguimos encontrar paralelo com as escolas municipais da cidade do Rio de Janeiro, que recebem material pronto sem que haja uma consulta ao corpo de professores da rede e o mesmo com as provas bimestrais chamadas Avaliação Diagnóstica da Rede (ADR), que é produzida, inclusive em outro estado, e nós professores somos obrigados a realizar, mesmo que estejam fora da realidade de nossas turmas. Outra questão imposta é o Currículo a ser seguido, que chega às escolas através da plataforma da rede, sem que haja uma votação, consulta ou qualquer participação dos docentes da rede.

2.1 O que entendemos como escola

Não podemos pensar a escola como sendo um tipo de império dentro de um império, ou como a matriz onde a cultura das sociedades modernas encontraria uma espécie de começo absoluto, pois como já falamos, muita questão vem imposta de fora, o que faz com que as escolas municipais apresentem uma autonomia relativa nas suas decisões, e tenham uma eficácia própria em suas dinâmicas de cultura escolar com relação a outras dinâmicas que coexistem no campo social.

Analisando o caso das duas escolas analisadas nesse estudo, podemos entender a questão das dinâmicas internas como a diferença no trato à obrigatoriedade da aplicação da Lei 10639/03 (Brasil, 2003) e o tratamento aos alunos negros e à comunidade que as compõem.

Dentro dessa perspectiva encontramos autores que pensam a escola como uma esfera pública que mantém uma associação indissolúvel com as questões de poder e democracia. Já para outros pensadores, essa instituição pode ser compreendida como uma organização dotada de características específicas, donas de uma cultura própria relacionada à cultura local onde se

encontra inserida.

Podemos entender essa instituição como local de produção de saberes, espaço educacional configurado e configurador de uma cultura escolar onde se confrontam diferentes forças e interesses sociais, econômicos, políticos e culturais. Pode e deve ser um espaço de formação ampla do aluno, que aprofunde seu processo de humanização, aprimorando as dimensões e habilidades que nos tornam humanos, logo podemos defini-la como espaço de formação humana. E por acreditar nessa visão do espaço escolar que se deu a realização desse estudo, por achar que este seria o ponto ideal para fazer com que os alunos pudessem entender os conceitos de racismo e antirracismo e com isso serem multiplicadores destes em seus grupos sociais, e também fazer com que saibam se defender e lutar por seus direitos.

De acordo com Dayrell (1996), a escola é uma instituição polissêmica que exerce forte papel no que concerne à questão da pluralidade cultural, porque é local de convivência entre as pessoas – educandos e educadores²⁰ - de diversas origens, dotados de visões de mundo diferentes, mas com algumas particularidades. Outra importante função é o fato de que é nela que o aluno conhece a regra do espaço público, aprende cidadania, para que possa conviver democraticamente com as diferenças.

A escola pode ser percebida como um local para realização de trabalho coletivo, tornando, assim, necessário que os esforços de seus membros estejam integrados, e para que isso ocorra é preciso um planejamento para ação conjunta do corpo docente e demais profissionais da escola, isso é toda escola precisa ter seu Projeto Político Pedagógico, que deve ser realizado em conjunto pela comunidade escolar, e não ser algo imposto por um sistema que desconhece as especificidades de cada unidade escolar.

Nessa pesquisa muito se percebeu também sobre as diferentes posturas dos alunos em suas falas e atitudes. Na escola localizada no Vidigal, todos os alunos moravam na mesma comunidade e dividiam muito de suas vidas e experiências devido morarem perto e as famílias, em alguns casos, se conhecerem. Nessa escola também encontramos um maior percentual de alunos negros. Já na escola de Laranjeiras, os alunos moram em comunidades diferentes e alguns não são oriundos de nenhuma, morando pelo bairro mesmo, pois nessa escola, temos alunos com um poder aquisitivo um pouco melhor do que a maioria dos alunos da rede municipal.

Por mais que as duas escolas atendam crianças de comunidades carentes as realidades são muito diferentes, inclusive pela história dos bairros e postura das direções. Enquanto uma

²⁰ Entendemos como educador todo trabalhador do espaço escolar, sejam eles professores, diretores merendeiros, secretário escolar e funcionário de limpeza.

era extremamente racista e preconceituosa a outra totalmente inclusiva e pedia para que se tratasse em sala de aula o tema do racismo e antirracismo.

2.2 Dados sobre a educação

Um ponto em comum nas duas realidades é a maciça presença de alunos negros em ambas, em maior proporção na escola do Vidigal, e aí entramos com os alarmantes dados do IBGE que nos mostra enorme discrepância no nível de escolaridade entre brancos e pretos, no quanto o racismo estrutural ainda massacra nossas crianças negras nas escolas, não importa o nível social da instituição escolar. Os dados também nos informam o alto percentual de evasão escolar por parte de nossos alunos negros, por inúmeros motivos, e o quanto isso agrava as desigualdades raciais e sociais.

Os dados do Censo de 2022,²¹ compilados pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano e Econômico (SMDUE), nos mostram que a população branca na cidade do Rio de Janeiro é de 45,4%, o que significa que nesta cidade temos 3,4 milhões de pessoas negras e 2,8 milhões de pessoas brancas. Desse total de negros cariocas 71,3% são pardos (2,4 milhões) e 28,7% são pretos (1 milhão). Se compararmos os Censos de 2022 e 2010, percebemos um acréscimo de 244,2 mil pessoas pretas e 96,8 mil de pessoas pardas.

Segundo o IBGE podemos constatar que a população negra brasileira enfrenta sérias desigualdades no acesso e permanência na educação básica, fato esse que já era observado nas escolas nacionais. Se analisarmos a taxa de analfabetismo percebemos que entre o grupo negro esse índice é de quase o dobro do número registrado entre os brancos, o que nos leva a concluir que os negros frequentam menos ou terminem em menor escala o Ensino Médio. E esse abandono escolar, acaba por agravar as desigualdades socioeconômicas da população, devido às dificuldades de se encontrar emprego qualificado, por essa população.²²

Segundo dados do Censo da Educação Básica da cidade do Rio de Janeiro, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) temos que na rede pública encontramos cerca de 45% de alunos negros (pretos e pardos) e apenas 22%

²¹ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>, visitado em dez/2024.

²² Enquanto o índice de pretos e pardos analfabetos é de 10,1% e 8,8%, respectivamente, o percentual entre as pessoas brancas é de 4,3%. Isso de acordo com o Censo de 2022.

de brancos, já nas escolas particulares o número se inverte em 21% e 40%, e podemos entender isso como uma das consequências deixadas pelo racismo estrutural em nossa sociedade que dificulta as oportunidades de forma igual para todos os cidadãos. Destarte percebemos que há uma concentração de pessoas brancas nas escolas privadas da cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2020, que trazia 40% de estudantes brancos contrastando com 3,6% pretos e 17,2% de pardos.²³

Quando fazemos a leitura dos dados nas escolas municipais encontramos uma realidade muito diversa nesses números, e o que só reforça a questão da desigualdade e diferença de oportunidades entre os grupos, 10,4% dos alunos se declaram pretos e 47,8%, pardos, desse modo podemos concluir que mais da metade dos estudantes da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro são negros e apenas 32% se identificaram como alunos brancos.

Todos esses dados nos fizeram perceber que um dos grandes entraves para se vencer a desigualdade racial no Brasil está na questão da escolaridade da população, pois ainda demonstra uma grande desigualdade entre negros e brancos conforme números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) de 2022 e que teve seus resultados divulgados pelo IBGE. Segundo esse levantamento no ano de 2022, o país tinha 9,6 milhões de pessoas analfabetas, equivalendo a uma taxa de analfabetismo de 536%. Em relação a 2019, tivemos uma pequena queda de 0,5 ponto percentual, o que nos em torno de 500 mil pessoas. Numa análise por raça, podemos perceber uma redução do analfabetismo na população preta e parda, mas a diferença entre os dois grupos ainda se mostra muito grande.

No ano da pesquisa, 2022, apenas 3,4% da população branca na faixa etária dos 15 anos ou mais se dizia analfabeta, já entre pretos e pardos era o dobro, 7,4%. Analisando o grupo de 60 anos ou mais temos a maior concentração de analfabetos, onde temos uma maior diferença entre os grupos, 9,3% da população branca e 23,3% de negros. E essas diferenças se repetem em todas as faixas etárias envolvidas na pesquisa.

Analisando a questão do acesso à educação também percebemos essa disparidade racial, de acordo com a ONG Todos pela Educação, a presença de negros no Ensino Médio em 2022, esteve no mesmo nível das matrículas de jovens brancos no ano de 2012, ou seja, uma década de atraso separando os dois grupos no tocante ao ingresso no ensino Médio.²⁴

No ano de 2012, 73% dos adolescentes brancos estavam matriculados e frequentando

²³ Disponível em: <https://diariodorio.com/negros-sao-maioria-nas-escolas-publicas-do-rio-e-minoria-na-rede-privada/#:~:text=Em%202020%2C%20aproximadamente%2040%25%20dos,foi%20de%2017%2C%25,visitada em dez/2024.>

²⁴ Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/do-inicio-ao-fim-populacao-negra-tem-menos-oportunidades-educacionais-2/> visitada em dez/2024.

as escolas, já a população negra ficava em torno de 52,8%. No ano de 2022, 82% de brancos enquanto a porcentagem de negros apresenta-se levemente abaixo dos 72,3%, do patamar alcançado pelos brancos em uma década. A presença de pardos também cresceu, se em 2012 era de 57,4% com acesso à educação, dez anos depois a presença era de 73,5%.

Se analisarmos a questão da evasão escolar também veremos uma percentagem maior na população negra, onde atualmente 61% dos negros concluem o ensino médio e entre os brancos 75%. Já no tocante à conclusão do Ensino Médio, a taxa entre os negros quase dobrou, antes era de 32%, porém este índice ainda está abaixo do nível atingindo pelos brancos em 2012 (62%). Mesmo com todo o avanço os números precisam ainda de atenção e políticas públicas. De acordo com Jackson Almeida, analista de Diversidade, Equidade e Inclusão da Todos pela Educação, temos que seguir formando professores, gestores e servidores que sejam aptos a potencializar ações na perspectiva de políticas pedagógicas visando que conteúdos de combate ao racismo estrutural cheguem às salas de aula de todo país.

Mas mesmo com tudo isso, a ONG nos mostra que o Brasil avançou no acesso e conclusão do Ensino Médio desde 2012. Naquele ano, 63,5% dos estudantes entre 15 e 17 anos estavam matriculados ou haviam concluído os estudos, já em 2022, eram 76,7%. Entre os jovens de 19 anos, 50,4% haviam terminado tendo o número subido para 67,3% em 2022. Mas mesmo assim, os números de jovens pretos que terminam o Ensino Médio, são baixos, seis em cada dez, nas pesquisas no período de 2012 a 2022.

Segundo o diretor de Políticas públicas do Todos pela Educação, Gabriel Corrêa, a desigualdade étnico – racial ainda se encontra muito forte no sistema educacional brasileiro, mesmo com todos os avanços conquistados nesse tema. Ele nos mostra que os resultados das pesquisas sobre exclusão do povo negro no sistema educacional de forma satisfatória, encontram-se interligado a décadas de descaso e ausência de políticas públicas que buscassem a equidade das relações étnico raciais, mesmo com toda luta do Movimento Negro e outros espaços de luta e com isso percebemos só desinteresse na promoção de uma Educação de qualidade para toda população brasileira.

Esses dados também nos fazem recorrer ao conceito de maioria minorizada, pois nos mostram que por mais o povo negro seja lido como minoria, essa não é a realidade, somos a maioria da população brasileira, porém somos minoria na ocupação e espaço escolar e de poder, e isso precisa ter fim e por isso acreditamos tanto nessa educação antirracista, que visa levar à bela e imponente história do povo negro para as salas de aula fazendo com que a autoestima de nossos alunos se eleve e eles parem de se entender como pobres coitados

vitimas da escravização e por isso fracos, o que não é verdadeiro. Somos fruto de um povo, organizado e com histórias lindas, porém destruídas pelo colonizador branco europeu.

Ambos os trabalhos foram realizados em turmas do chamado Projeto Carioca, que consiste em ser um projeto para correção de fluxo para alunos com defasagem em idade / série. Nesse formato, os alunos concluem o Ensino Fundamental II em dois anos, cursando no Carioca 1, o 6 e o 7 ano e no Carioca 2, o 8 e 9 ano. Por serem alunos com defasagem, que pode ser de conteúdo, maioria dos casos, além de idade, os estudantes possuem uma professora, que é considerada generalista, que ministra aulas de Português, História, Matemática, Geografia e Ciências, e que uma vez na semana, tem um dia para cursos e planejamento de suas aulas, no qual os alunos são atendidos por professores/especialistas de artes, inglês e educação física. Esses alunos realizam as avaliações bimestrais de Língua portuguesa e matemática que são enviadas pela Prefeitura e as demais são realizadas pelos próprios professores.²⁵ E por ser professora desse tipo de turma, a realização desse tipo de atividade, tornou-se mais “fácil” de ser aplicada, pois estava com as turmas diariamente e com isso, tendo tempo para poder trabalhar os tópicos, por disciplina, não só em História, mesmo o foco sendo nessa disciplina, mas essa aproximação com outras disciplinas teve um lado muito positivo, poder mostrar aos alunos, o quanto a influência africana se dá em todas as áreas de conhecimento, e não apenas no período da escravização, cercado de dor e sofrimento. E com isso pude aplicar as Leis 10.639/03 e 11.645/08.

2.3 Legislação

A Lei 10.639/03 foi sancionada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva em 09 de janeiro de 2003 e ao colocar como obrigatório o ensino de história e cultura africanas e afro brasileiras nas escolas, atendeu a demandas históricas do movimento negro brasileiro, que reivindicava uma reavaliação do papel do povo negro na história do Brasil e exigia também a valorização da cultura negra. E cinco anos mais tarde, no dia 10 de março de 2008, atendendo a pressão de movimentos indígenas, o mesmo presidente sancionou a Lei 11.645/08 (Brasil, 2008) acrescentando a lei anterior à obrigatoriedade do ensino de história e culturas indígenas.

²⁵ Não consegui maiores informações sobre o projeto que já ocorre há alguns anos, mesmo tendo procurado na 2ª Coordenadoria de Educação e na própria SME, nesta fui informada que não há registro sobre o projeto arquivado.

Outros setores responsáveis pela pressão por essas mudanças são a Imprensa Negra militante desde o século XIX e o Teatro Experimental do Negro de Abdias Nascimento e também diversos intelectuais ao longo do século XX, ou seja, essa é uma luta que levou cerca de mais de um século para conseguir a obrigatoriedade do ensino supracitado.

Durante o período da ditadura militar brasileira essa luta ficou, digamos engavetada e com o ressurgimento dos movimentos sociais negros em 1978, quando se passou a reivindicar o fim da discriminação racial nas escolas e também contra a veiculação de ideias racistas nas escolas; melhores condições de ensino à comunidade negra; reformulação dos currículos escolares valorizando o papel do negro na História do Brasil e a introdução de História da África e Línguas Africanas e passou a se pedir a participação de professores negros na elaboração dos currículos em todos os níveis de escolarização.

No ano de 1986, aconteceu a Convenção Nacional do Negro pela Constituinte com representantes de sessenta e três Entidades do Movimento Negro de dezesseis estados brasileiros e que reivindicava: que o processo educacional respeitasse todos os aspectos da cultura brasileira, tornando obrigatório o ensino de História da África e do Negro no Brasil, entre outras reivindicações.

A criação e sanção dessas leis geraram alterações no Artigo 26-A da Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), essas alterações chegam para liquidar dívidas dos currículos²⁶ escolares em relação aos direitos de grande parte da população (negros e indígenas) de terem suas histórias, tradições e culturas incluídas, estudadas e conhecidas pela população brasileira, que passaria a entender o porquê de muitas questões serem como são hoje. Outro intuito da criação dessas leis é superar a visão eurocêntrica que vigora nos materiais didáticos reproduzindo a concepção colonialista na história brasileira.

Devemos ter em mente que essas alterações propostas pela Lei não querem apenas trocar o “centro” da história, mas propor novas perspectivas, acrescentar novos conteúdos vinculados à história africana e indígena e com isso aumentar o número de pesquisas sobre esses temas nas universidades, para que futuramente se possa realizar uma reestruturação da História Escolar e seu currículo.

Essas leis e as mudanças que elas promovem nos currículos escolares faz com que os educadores reflitam sobre toda a complexidade da questão racial brasileira, como também nos forcem pensar no que significa ter sido um país que viveu cerca de 300 anos o processo de

²⁶ Esse tema será analisado a posteriori neste capítulo entre as páginas 63-67.

escravização, processo esse que teve um grande impacto na formação de nossa sociedade e da história de nosso país. Outro impacto dessas leis é o fato de reconhecer que nem o processo de abolição nem a instauração da República contribuíram de forma significativa na alteração da condição social de marginalização dos ex - escravizados e seus descendentes, situação que presenciamos ainda no século XXI.

Quando a Lei 10.639/03 foi promulgada muitos pensaram que seria só uma obrigatoriedade para a Educação Básica e que com isso os professores por conta própria teriam que dar conta das suas lacunas formativas sobre História e cultura Africana e afro-brasileira, porém em março de 2004 o Conselho Nacional de Educação (CNE) tornou pública as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro – Brasileira e Africana e no mês de junho do mesmo ano, aprovou a Resolução 17, com força de Lei, que estabelece que as demandas apresentadas com as Leis e Diretrizes Anteriores deveriam também ser estendidas aos docentes e gestores universitários. E esse desafio foi colocado para todas as instituições de ensino, públicas e privadas em todos os níveis de ensino.

O título dessas Diretrizes serve para que entendamos que não se trata apenas de divulgar os estudos acadêmicos produzidos a cerca da temática da História da África, mas sim realizar uma espécie de formação, o que implica um processo de somatório de saberes acadêmicos e escolares gerando um conteúdo que possa ser transmitido aos alunos da educação básica fazendo com que eles entendam a importância dessa temática e também auxiliando os professores a produzirem suas aulas com esse assunto novo, que muitas vezes não tinha feito parte de sua formação acadêmica, como aconteceu comigo. Essa dimensão axiológica dos saberes escolares nos faz perceber que esse tema se relaciona com questões éticas e políticas, e aqui reside o cuidado do professor ao abordar esses assuntos e estar preparado para as barreiras que serão encontradas e o preconceito que enfrentará tudo isso devido ao racismo estrutural de nossa sociedade.

Esse documento é de extrema importância ao combate da luta antirracista no campo da educação brasileira, ele também é uma baliza na luta antirracista, na medida em que foi publicado, divulgado e distribuído nas escolas brasileiras em 2004, pelo Ministério da Educação, espalhando as concepções do Movimento Negro sobre a educação para as relações étnico-raciais.

Essa inclusão passou e ainda encontra barreiras nas escolas brasileiras, mesmo 21 anos após sua assinatura, pois os professores não tem a formação básica, não demonstram interesse na temática, por ignorância ou racismo efetivamente e isso vai fazendo com que não se trate

da temática como deve ser tratada e se empurre com a barriga e se toque no assunto apenas no mês de novembro naquela famosa Semana da Consciência Negra, onde as escolas correm a providenciar eventos, palestras, apresentações sobre África e povo negro como se isso você o necessário e principalmente se estivessem com isso realizando um trabalho de educação antirracista maravilhoso.

Em parte podemos atribuir tudo isso ao fato de que a legislação brasileira não estabeleceu metas para sua implementação, não se preocupando com a qualificação de professores, os que já estavam fora dos centros universitários e em sala de aula há um tempo, e que não tiveram aulas sobre o tema em sua graduação. Outro ponto enfrentado que acaba por inicialmente dificultar a implementação dessa Lei é o fato das universidades precisarem reformular seus programas de ensino e/ou cursos de graduação para contemplar os estudantes com essa formação desejada. Essas atitudes nos fazem pensar que a responsabilidade cai toda no colo dos professores que irão, nos primeiros anos da Lei ter que “se virar nos trinta” para dar conta de aprender esse conteúdo e conseguir dar as suas aulas.

Lembro-me que em 2006, três anos após a assinatura da Lei a coordenadora da escola particular em que eu trabalhava, no primeiro dia letivo do ano, me entregou uma pasta com a Lei e o título Educação Étnica Racial, e dizendo que eu teria que ministrar essa nova disciplina em todos os anos do Ensino Fundamental e Médio e eu não tinha ideia de como faria isso, fui buscando material sozinha, pois além da internet na época não ser como hoje, havia poucas pesquisas sobre o tema. Foi um grande desafio e as aulas eram mais falando sobre racismo e experiências e questões de escravização e religiosidade, pois eram as “informações” que eu possuía. Somente no ano de 2008, em uma Pós Graduação, foi que tive acesso ao conhecimento acadêmico e pude mudar o caminho das aulas.

Com isso percebe-se que tornar obrigatório pela Lei não significa sua real implementação, pois ainda enfrentamos barreiras, que vão além do dia a dia da escola, mas principalmente certa “má vontade” de professores que seguem com a fala de que esse conteúdo já está nos livros didáticos de História e que por isso a responsabilidade seria desses profissionais, quando na verdade o combate à discriminação racial deve ser papel de todos os docentes, independente da cadeira que escolheu seguir.

Percebemos que os movimentos sociais negros devem seguir fiscalizando e cobrando a implementação essa Lei nas escolas e universidades para evitar que esta se transforme em letra morta, é mais do que necessário forte pressão sobre os governos municipais, estaduais e federais para que essa Lei se torne executável, mesmo hoje, 21 anos depois de sua assinatura.

Visto tudo isso percebemos que há uma distância entre o que está na Lei, em seu

discurso e sua efetivação na sala de aula, pois temos infinitas possibilidades de mediação, diferentes fontes de motivação para se trabalhar os tópicos da lei, assim fica claro que sempre teremos pontos de aproximação e de distanciamento entre o que está escrito na Lei e o que está no currículo real das escolas.

Para colocar o que está prescrito na Lei 10.639/03 obriga o professor a fazer uma seleção de saberes tanto acadêmico como escolar para fazer com que seu aluno compreenda o que está sendo falado e demonstre interesse em cada vez mais saber sobre o tema e isso não é algo fácil de realizar, pois ao realizar essa decisão o professor se depara com as dimensões de sua prática docente e como consequência com suas dificuldades.

Fazer a transposição didática dos saberes acadêmico e docente sobre História e cultura Afro-brasileira é uma tarefa difícil, pois mexe com muitos pontos, sejam de ordem estrutural e burocráticas das instituições de ensino, como também com postura dos professores que a partir do momento que decidem por enveredar nessa seara precisam modificar suas falas e posturas diante de seus alunos, para evitar que cometam algum equívoco, por força de nosso racismo estrutural tão enraizado em nossa sociedade, até em nós que juramos que não somos “vítimas” dele.

Aqui entendemos como saber acadêmico o conhecimento teórico e prático obtido por meio de estudo e pesquisas no ambiente acadêmico durante os anos de graduação e pós-graduação de um profissional. De acordo com Alice Lopes, (1993), o saber acadêmico não se encontra livre de implicações ideológicas ou até mesmo equívocos.

Pode ser entendido como todo e qualquer conhecimento rigoroso produzido institucionalmente por centros de pesquisa, sejam eles de ciências físicas, humanas, biológicas, e dessa maneira estariam correlacionados a termos como currículo acadêmico ou erudito.

É este saber que fornece legitimidade às disciplinas escolares, nos fazendo compreender que o diálogo com o currículo científico é absolutamente fundamental.

Por saber docente entendemos uma ferramenta de grande potencial; um instrumento teórico que busca dar conta da problemática em torno da produção de saberes tendo por base o entendimento da originalidade da cultura escolar e dos saberes produzidos, mobilizados e comunicados.

O saber docente, de acordo com Ana Maria Monteiro, (2007) é aquele utilizado por pesquisadores que buscam investigar e compreender a ação docente tendo como foco suas relações com os saberes que dominam para poder ensinar. Ele tem se revelado como sendo uma ferramenta de grande potencial na arte de ensinar/ educar.

Segundo proposta de Tardiff, Lessard e Lahaye (1991), é possível identificar inicialmente as múltiplas faces do saber docente nos chamados saberes disciplinares e curriculares do saber de formação pedagógica de cada disciplina, além de percebermos também no saber de experiência profissional e nos saberes da cultura e do universo do seu público.

Podemos perceber os saberes docentes como múltiplos que mesmo podendo ser identificados de forma fragmentada, na prática são articulados pelos professores dentro das salas de aula, com as mais diversas realidades de espaço e público alvo. É nessa etapa da produção e transmissão de saberes que os professores imprimem sua marca, que é única. É aqui que eles se apropriam de saberes que possuem domínio e que foram constituídos em sua trajetória profissional.

Assim percebemos que os ditos saberes da experiência possuem um papel de destaque no ofício docente porque são construídos no cotidiano profissional e não ensinados em espaços de pesquisas ou Universidades.

E por fim, o saber escolar seria aquilo que designa um conhecimento com configuração cognitiva própria, porém diferente do saber acadêmico de referência e que é criado a partir das necessidades e injunções do processo educativo, envolvendo questões relativas a todas as mediações entre conhecimento científico e cotidiano, bem como dimensões históricas e sócias culturais numa perspectiva pluralista.

Alice Lopes 1993, nos fala que o saber escolar diz respeito a uma prática cultural de uma sociedade tida como válida e legítima realizada por meio de um somatório de interesses correspondentes a relação de poder desta sociedade, assim, ele é influenciado pela própria instituição de ensino, dos professores envolvidos e dos profissionais especialistas em educação.

Visto isso, precisamos entender e considerar que o contexto escolar possui suas especificidades e uma cultura própria, com seus calendários, projetos, funções sociais, diferentes grupos ocupando seu espaço físico e que por trás d isso está sendo moldado o conhecimento escolar no interior de uma determinada cultura escolar, que é variável e mutável e com isso possui objetivos próprios e irredutíveis a sua ciência de referência, mas sempre reconhecendo a centralidade das diversas disciplinas escolares, em nosso caso a História.

Para Circe Bittencourt (Monteiro, ANA, 2007) não podemos perceber o saber escolar como sendo apenas uma transposição didática do currículo científico, nem como algo simplificado pelo ensino, porque a transposição só pode ocorrer o professor precisa apresentar

o mínimo de conhecimento de métodos científicos para poder realizar esse processo.

O conhecimento escolar elaborado pelos usos escolares e pelos controles externos à escola consegue muitas vezes acertos na intermediação do currículo por meio de propostas de textos, atividades e atuações de professores que mantêm a qualidade cultural ou que refletem os valores culturais do conteúdo pedagógico.

A Lei 10.639/03 ao introduzir a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura da África e afro – brasileira nas escolas deixou que isso fosse realizado levando em consideração à realidade de cada instituição escolar, ou seja, a deixou submetida à chamada cultura escolar, e como pudemos ver nesse estudo, sua aplicabilidade depende das ideologias de cada direção, da vontade do corpo docente em produzir e reproduzir esse conteúdo aos seus alunos. Em nossa opinião, se não tiver um norte e uma fiscalização esse assunto seguirá passando ao largo do currículo das escolas. Porém sabemos que as escolas que possuam em seu quadro docente profissionais bem informados e formados sobre a questão da diversidade cultural de nosso povo pode vir a se tornar uma escola mais democrática, justa e prazerosa, principalmente aos alunos que poderão dessa forma se sentirem reconhecidos e valorizados através das aulas e atividades sobre ancestralidade africana.

Como fala Petronilha no texto das Diretrizes curriculares (2004, p.74) ao ressaltar a força do Movimento Negro desde o início do século XX, “para educar as relações étnicas raciais, tem que estudar história e cultura afro-brasileira e africana.” Com isso notamos que o Movimento Negro acredita que uma das formas de se lutar contra o racismo no Brasil é por meio do estudo das narrativas de resistência produzidas por africanos e seus descendentes durante o movimento de diáspora. Acredita-se que se torna necessário conhecer as histórias e culturas negras para que se tenha a possibilidade de se estudar e transmitir os saberes produzidos sobre educação étnico racial em um país como o Brasil que tem um racismo tão estruturado em sua sociedade.

Tanto as Diretrizes quanto a Lei 10.639/03 (Brasil, 2003) regulamentam a problematização de se considerar “correto” o eurocentrismo no processo educacional brasileiro e com isso possibilitam que nossa população marcada pelo processo de mestiçagem e exploração de povos subjugados ao longo de nossa história tenha esperança de perceber uma mudança cultural nesse povo mestiço, mas para que todas essas mudanças ocorram, estas leis e diretrizes precisam ser aplicadas e de certa forma fiscalizadas em sua aplicabilidade.

Tanto a Lei 10.639/03 (Brasil, 2003) quanto as Diretrizes são as ferramentas necessárias para expor a sociedade brasileira uma pluralidade de passados, de povos, de

culturas, que o eurocentrismo na educação não nos permite perceber. Com isso fica no ar uma espécie de sonhos de se ter uma “pluralidade de futuros”.

2.4 Movimento Negro²⁷

Em um estudo sobre educação antirracista, sobre as leis que são fruto de lutas diárias, não podemos ignorar um grupo que sempre brigou pelos direitos do povo negro em nosso país, o Movimento Negro, e aqui faremos um breve resumo do que é esse movimento e sua importância nessa batalha pela Lei 10.639/03.

É de extrema importância e relevância conhecer a história do Movimento Negro se quisermos compreender as discussões sobre igualdade, democracia e justiça, que levam a construção de políticas de ação afirmativa para a população negra do Brasil. Sabemos que esse movimento tem uma duração secular, mas o movimento mais contemporâneo encontra-se organizado no tocante ao tema racial e suas consequências, seja no Brasil ou no processo de tráfico escravagista da África para o país.

Podemos entender como sendo particularidades desse Movimento o combate à discriminação racial e a denúncia do mito da democracia racial, juntamente com a busca pela criação de uma identidade racial negra de forma positiva, numa tentativa de se parar de entender o negro como algo ruim, menor, negativo.

Segundo o historiador Amílcar Pereira, (2013), podemos compreender o Movimento Negro como sendo uma organização social que tem como seu ponto principal a atuação no tocante à questão racial. Possui uma complexa formação e engloba uma complexa rede de entidades, organizações e indivíduos na luta contra o racismo e por melhores condições de vida para a população negra, o que pode se dar por meio de práticas culturais, medidas políticas, educacionais, e dentre outras questões. Destarte percebemos que são esses pontos que tornam a diversidade e pluralidade como as grandes características desse movimento social.

Deve-se a esta organização o início dos debates sobre racismo, discriminação racial, desigualdade racial, saúde da população negra, educação das relações étnico-raciais e

²⁷ Para maiores detalhes sobre esse movimento tão importante ler Pereira, Amílcar, O mundo Negro: Relações raciais e a Constituição do Movimento Negro Contemporâneo no Brasil e GOMES, Nilma Lino, O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.

defesa das questões religiosas e culturais dessa parte da população. São seus membros que “traduzem” os tópicos debatidos nas Universidades para a população negra, para que esta entenda os pontos da luta e atrair atenção e mais membros dispostos a brigar contra o racismo estrutural em nossa sociedade.

Atualmente o Movimento Negro possui um lugar de existência afirmativa no país, pois coloca em cena pública o debate sobre o racismo e indaga e cobra políticas públicas e seu compromisso com o fim das desigualdades raciais, como o realizado com a Lei 10.639/03 (Brasil, 2003), Lei de Cotas entre outras.

Um ponto de grande importância na história desse grupo é o fato de ressignificar o conceito de raça, algo tão polêmico, principalmente nos dias atuais, pois ao tocar nesse assunto ele passa a questionar a história do Brasil e de seu povo, especialmente o negro, mudando as narrativas produzidas por séculos e com isso poder analisar e explicar ao povo brasileiro o que é o racismo estrutural tão enraizado em nossa sociedade, alegando que o racismo aqui não é apenas algo que esteja na política e organização do Estado, mas muito presente no nosso dia a dia, em nossas próprias vidas e grupos sociais. Igualmente, ao realizar esses questionamentos ele também gera uma proeminência para a questão étnico-racial, que passa a entendê-la com um trunfo e não um grande contratempo para se construir uma sociedade democrática capaz de reconhecer as diferenças dos seu povo e tratar a todos como sujeitos de direito de forma igualitária.

Nilma Lino Gomes (2017) nos faz perceber o Movimento Negro como um ator político e ao mesmo tempo educador da população, ao longo da história brasileira em suas diversas gerações. Esta autora também concebe este movimento como sendo possuindo um grande número de organização e articulação de pessoas negras na luta antirracista em nossa sociedade, mesmo sabendo do tamanho desse desafio.

Sabemos que o Movimento Negro tem sua origem há muito tempo atrás, juntamente com os movimentos abolicionistas, mas foi no ano de 1978 que tivemos a criação do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNU), que teve como influência todos os movimentos e agremiações culturais, como o Teatro Experimental do Negro, a Frente Negra Brasileira, a Imprensa Negra. Este representava algo novo no sistema sócio político e econômico nacional, mas temos que ter em mente que ele marca uma continuidade de todas as lutas e grupos anteriores. Ele não os anula, ele os une em um só movimento. Podemos fazer uma diferenciação entre o movimento negro contemporâneo e aquele existente antes da década de 1970, mas não podemos falar que são opostos, mas sim complementares. Esse movimento com temporâneo pode ser analisado como sendo um

organismo coletivo e político aliado a outros movimentos sociais. Ele é compreendido como sendo uma coletividade onde se produzem identidades, leis, saberes e que se alinham em práticas de defesa de interesses. Já enquanto organismo político ele produz discursos, articula indivíduos, abre espaço para novas ideias e interpretações, gerando novos significados e novas atitudes.

Foi à tradição das lutas antirracismo dos diferentes tipos de organizações sociais, políticas e culturais em vários setores da população brasileira desde o século XIX que favoreceu o surgimento desse grande movimento que surge numa fase tenebrosa da história do país, a Ditadura Militar Brasileira, podemos inclusive dizer que foi uma organização de grande importância da denúncia e oposição ao mito da democracia racial e foi de grande importância pra a formação da identidade político cultural negra.

Se nos basearmos em Jeffrey Alexander (Pereira, Amilcar, 2013), iremos entender que esse movimento é constituído e organizado no decorrer do século XX em um cenário de lutas antirracistas e por uma melhora da vida da população negra, da mesma forma que luta por sanções sociais e igualdade racial, sendo dessa forma que passa a ser encarado como um movimento social, que irá ter características próprias e que estejam de acordo com as necessidades da época.

Por toda sua luta antirracista e suas pautas para uma educação desse tipo, como as Leis 10.639/03 (Brasil, 2003) e Lei de Cotas, podemos dizer que o Movimento Negro é educador e produz e articula saberes diferentes para que suas demandas sejam realizadas e transmitidas para a população de modo que esteja em uma linguagem acessível a todos, e como isso, muitas pessoas passam e ter conhecimento de assuntos até então desconhecidos e que podem possibilitar que pessoas que não sejam ligadas a ele tornem-se propagadoras de suas ideias e conquistas em suas comunidades.

Destarte podemos ter que tanto a Comunidade quanto o movimento negro são produtores de saberes que não são iguais ao conhecimento científico, mas não podemos considerar esse saber negro inferior, apenas como uma nova forma de saber. Que Nilma Lino Gomes (2017) chama de saberes emancipatórios, que seriam que seria uma maneira de entender e enxergar o mundo pela ótica de uma racionalidade marcada por vivências de uma raça em uma sociedade racializada desde seus primórdios. E por acreditar que esses saberes deveriam chegar a todos e que para isso acontecer deveriam estar presentes nas escolas que se conseguiu através de lutas a implementação da Lei 10.639/03 (Brasil, 2003) e das Diretrizes Nacionais para a Educação Étnico Racial de 2004. E com essas ações conseguiu fazer com que a questão racial e politização deste chegassem a espaços que antes a invisibilizavam, como as

escolas e até as Universidades.

Outra contribuição desta organização social foi colocar pontos exclusivos do povo negro, como cabelo crespo, cores da África, arte para o campo da beleza, da representatividade, o que faz com que hoje a população negra se sinta mais orgulhosa em desfilas suas características físicas, suas cores, religiosidade com orgulho.

2.5 Currículo

Nesta parte iremos nos ater a explicar um conceito que foi muito falado no tópico anterior. Precisamos nos ater ao que entendemos aqui como sendo currículo, este pode ser entendido como sendo o conhecimento tratado didática e pedagogicamente pela escola, ou seja, a escola, como instituição terá que fornecer o conteúdo do conhecimento através de métodos pedagógicos que deverão permitir aos alunos sua manipulação visando um melhor aprendizado. No que diz respeito às escolas municipais do RJ, o processo é um pouco diferente, pois o currículo vem pronto pela SME sendo comum a todas as escolas da rede, o que faz com que todas sigam um mesmo padrão de ensino e conteúdo, salvo as escolas que além desse currículo possuem os seus projetos pedagógicos individuais onde escolhem o tema a trabalhar durante o ano, ou como no caso dessa pesquisa, um único professor escolhe um tópico da sua disciplina e realiza um trabalho com os alunos, de uma forma única, mas sem abrir mão do chamado Currículo Carioca.

Outra definição diz respeito à experiência de aprendizagem representando uma concepção que enfatiza nas diferenças individuais e se preocupa com a atividade do aluno levando a uma maior valorização da forma em detrimento do conteúdo. Assim, o aluno terá como expressar suas experiências que serão vividas sobre orientação escolar, como foi feito durante esse estudo nas duas unidades escolares. Portanto, o currículo compreenderá o conjunto de experiências em seu próprio ambiente buscando com que se faça um currículo pautado no aluno, individualmente com seus aspectos positivos e negativos refletindo seu desempenho escolar.

Pode permitir que os professores e pedagogos formulem uma organização pautada nas características individuais de cada instituição, onde se permite a elaboração que está intrinsecamente embutida na cultura da sociedade para poder ter uma manutenção ou mudança nos procedimentos dos conteúdos a serem apreendidos pelos alunos. Assim, isso

facilitaria uma socialização dos alunos procurando que eles se conheçam e atuem dentro de parâmetros pré-estabelecidos pela instituição de ensino.

É um campo de lutas e conflitos em torno de símbolos e significados. É experiência e local de interrogação e questionamento da experiência. Nele se desenvolvem representações codificadas de forma complexa nos documentos a partir de interesses, disputas, alianças decodificadas na escola, ou seja, de modo complexo pelos indivíduos nele presentes.

Para Gimeno Sacristán (2000), é uma seleção de cultura, isto é, uma cultura *suis generis*, uma versão particular da cultura, não apenas pelo fato de ser uma seleção com determinados critérios, como as definições mais comuns costumam reiterar, mas pelo formato que adotam.

É um conceito escorregadio, se define se redefine e se negocia em âmbitos muito diferentes de decisão e através de diferentes tipos de práticas sociais, políticas, econômicas e escolares. Formas didáticas de relação entre os sujeitos operando de forma singular em cada sistema educacional e em cada um de seus níveis ou especialidades.

Para Alice Lopes, (2018), em diversos casos, o currículo ao invés de expressar os interesses democráticos da maioria da população, tende a favorecer os interesses de grupos restritos cujo poder se expressa privilegiadamente. E no tocante ao nosso universo de pesquisa percebemos isso, pois por mais que exista uma Gerência de Educação Étnico Racial, o trabalho desta ainda é pouco expressivo, com um material que não contempla todo o conteúdo que poderia e o fato de quem faz parte desta gerência não esteja sempre em contatos com as escolas, possuindo apenas algumas que fazem parte de suas atividades, mas já entendo com sendo o primeiro passo, mas como diz Alice Lopes, não podemos favorecer apenas um grupo, nem apenas incluir no currículo uma temática porque esta passou a ser obrigatória sem realizar uma formação com os profissionais que terão que aplicar essas modificações.

Um currículo escolar é um percurso educacional um conjunto contínuo de situações de aprendizagem as quais um indivíduo se vê exposto ao longo de um dado período no contexto de uma instituição de educação formal.

O currículo está no centro do empreendimento educativo, é o meio pelo qual o ensino se cumpre, sem ele, o ensino não teria veículo nenhum através do qual transmitir suas mensagens encaminhadas, suas significações, transmitir seus valores. É por ele e enquanto ele que o ensino se realiza como transmissor de algo ao mesmo tempo em que como programa de formação se dirige a alguém.

Temos hoje a proposta do currículo integrado parte do pressuposto de que cada estudante tem seu próprio ritmo de desenvolvimento, e é por isso que é preciso propor aos

alunos de cada sala de aula a possibilidade real de numerosas tarefas diferentes, utilizando meios didáticos também variados, nos quais podem entrar em ação os interesses e motivações próprios de cada estudante em particular para que se possa colocar em prática uma personalização da aprendizagem. Esse tipo de currículo é produto de uma filosofia social e política e de uma estratégia didática, uma concepção do que significa socializar às novas gerações um ideal de sociedade ao qual se aspira. Foi mais ou menos essa proposta que se tentamos desenvolver ao longo do processo de pesquisa para a realização deste estudo.

Hoje a ideia de currículo é concebida em todas as suas dimensões, distinguindo-se o currículo formal (preativo ou normativo) criado pelo poder estatal e o currículo real interativo. O que é realidade e realizado nas salas de aula, no currículo oculto são as ações que impõem normas e comportamentos vividos nas escolas, mas sem registros oficiais. Temos também o currículo avaliado, materializado pelas ações dos professores e das instituições ao medirem o domínio dos conteúdos explícitos pelos alunos e incorpora valores não apenas institucionais, mas também educacionais.

No currículo, desenvolvem-se representações codificadas de formas complexas nos documentos a partir de interesses, disputas e alianças decodificadas nas escolas, também de modo complexo pelos indivíduos nele presentes.

Espaço de educação onde se desdobram fenômenos relacionados do conhecimento. Pode ser visto como projeto e prática, seleção de cultura, artefato político ideológico, segundo Tomaz Tadeu da Silva (2010). Sendo o currículo espaço de seleção de cultura, está diretamente ligado a ela.

Para Lawton (Silva, Tadeu, 2010), designa as seleções feitas pelas escolas no interior da cultura e o modo no qual as prioridades são decididas e postas em prática.

2.6 Professor e sua formação

Precisamos ter em mente quem é o professor, seu papel e a necessidade de estar em constante processo de atualização, mesmo que não seja uma tarefa das mais fáceis, devido a inúmeras demandas de suas vidas. Entendemos que o professor é o profissional mais importante e imprescindível no processo de mudanças das sociedades, e isso se encaixa perfeitamente na nossa proposta de estudo, pois sem o professor a maioria dos alunos não receberia uma educação antirracista e conseqüentemente não seria um propagador disso em

seu meio social.

O professor contribui com valores, saberes, experiências na difícil tarefa de melhorar a qualidade do processo de escolarização, principalmente na rede pública, onde há um sucateamento cada vez maior.

Ele deve ver / entender o seu aluno como o outro do processo de ensino-aprendizagem, e fazer isso reconhecendo as peculiaridades do estudante, e assim consiga resgatar as diferenças de cultura, de saber sem pensá-las como uma deficiência, pois elas estão dadas ao aluno não por sua culpa, mas por responsabilidade de um sistema que exclui a população carente, em sua maioria negra, de possuir acesso a uma educação de qualidade e a eventos culturais de qualidade. Cabe ao professor uma compreensão totalizadora do outro, buscando conhecer não apenas seu mundo cultural, mas aspectos de sua vida, de sua família, pois assim irá entender um pouco da bagagem que este carrega consigo.

Esse profissional também pode ser entendido como sendo o intermediário do processo de reprodução do saber, cujo grau de eficiência é medido pela capacidade de gerenciamento das condições de adaptação do conhecimento científico ao meio escolar.

Quando o palco dessa função é a sala de aula, o professor é situado em contexto que condiciona suas intenções. Tornando-se assim, responsável pelo gerenciamento da multiplicidade e complexidade de componentes dessa situação, de conteúdos, objetivos, interações, fatores ambientais, entre outros.

Em sua função de mediador ele responde pela gestão pedagógica de uma sala de aula²⁸, gestão esta que para fins de identificação dos elementos envolvidos pode ser concebida como gestão das atividades curriculares e também disciplinar. Essa última refere-se a nossa compreensão do tempo, espaço e interações entre os sujeitos presentes na sala de aula. A primeira, por sua vez, diz respeito às modalidades próprias do docente no desenvolvimento de atividades diversas quando articula os conteúdos curriculares específicos e normativas do sistema onde atua.

Situamos o trabalho docente em uma ação que se desenrola em um processo desenvolvido por meio de constantes tomadas de decisão de um sujeito mediador e articulador de múltiplos elementos que condicionam o seu desempenho e os resultados pretendidos.

É o sujeito principal dos estudos sobre currículo real, ou seja, o que efetivamente acontece nas escolas e se pratica nas salas de aula, comparando com nossa pesquisa, quem definiu o que fazer com questão surgida na sala de aula e seguir a Lei, foi o professor e não a

²⁸ E foi baseada nessa autonomia pedagógica que realizei por dois anos esse projeto em um espaço extremamente hostil e racista

direção da escola. Para André Chervel (Monteiro, Ana, 2007) não há como ser professor sem ser educador, e aqui não está se falando de educação que deve ser fornecida pela família, e sim uma educação para a vida, para socialização, para entender seu papel no mundo, saber seus direitos e deveres. Esse personagem precisa buscar compreender que como toda realidade, a sala de aula, bem como o aluno e ele próprio, encontram-se inseridos em uma rede de relações e que tudo que ocorre naquele espaço faz parte de um processo interminável e impossível de ser controlado, pois lidamos com seres humanos e não temos como prever as reações, desejos e gatilhos que iremos despertar em nossos alunos, principalmente quando falamos de racismo e antirracismo.

De acordo com Ana Monteiro (2007), os professores são profissionais sujeitos de uma prática docente que implica um domínio de saberes que são resultado de uma elaboração pessoal, visto que os saberes a ensinar são fruto de escolhas, seja do sistema de ensino, seja pelo professor.

A democratização do ensino passa pela figura do professor e sendo assim, este assume uma responsabilidade muito maior, como mediador e dinamizador do processo como referência social, política e cultural para seus alunos, na medida em que recupera, reconstrói e possibilita experiências capazes de despertar vidas e esperanças.

No plano de fundo está sempre o compromisso com a aprendizagem do aluno, que precisa ser entendido com perícia suficiente para que o professor possa manejar as devidas motivações, falar linguagens contemporâneas, acompanhar o crescimento físico e mental além de enfrentar dificuldades de aprendizagem de toda ordem. Isso se encaixa bem no tipo de turma onde essa pesquisa aconteceu, pois recebemos alunos, que mesmo estando no Ensino Fundamental II, chegavam à escola ainda sem saber ler e escrever como deveriam e alguns apresentando problemas cognitivos que os impediam de acompanhar o ritmo da turma, e muitas vezes, não tínhamos nenhum apoio dos familiares, em outros casos, a família tentava agendar médicos no Sistema Único de Saúde, mas não conseguia vaga, o que só prejudicava o aluno.

Para Perrenoud (Monteiro, Ana, 2007), existe na prática docente uma dimensão inconsciente e não inteiramente racional o que explica o porquê de professores experientes não saberem mais como fazem para captar a atenção de seus alunos ou como acalmam um grupo agitado. São as rotinas que o docente põe em prática, como parte de uma tradição coletiva e de seus hábitos pessoais, cuja origem se perde no tempo.

Para Tardiff e seus colaboradores (1991), esses saberes da experiência seriam o núcleo vital do saber docente, uma vez que outros saberes docentes, como os pedagógicos, das

disciplinas, e curriculares mantem uma relação de exterioridade com a prática do professor, pois não foram produzidos no interior dessa prática, apenas foram sendo experienciados ao longo dos anos. Esses saberes da experiência agiriam como um filtro por meio do qual os outros saberes seriam avaliados, eliminando aquilo que não tem aplicação na realidade onde o docente atua e conservando o que lhe pode ser útil e aplicável. Esses saberes não se apresentam como um corpo sistematizado de conhecimento, mas são partes constituintes da prática, formando um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões.

Assim, atribuímos aos saberes da experiência um espaço privilegiado no trabalho docente, por serem construídos no cotidiano da profissão, formando um conjunto de representações a partir das quais os docentes interpretam, compreendem e orientam suas ações em sala de aula. (Tardif, Lessard e Lahayle, 1991). São saberes de natureza dinâmica e interativa, reflexos da pluralidade constitutiva do saber docente que tem a marca tanto do indivíduo quanto do coletivo ao qual pertence, destacando-se a heterogeneidade e a dialética dos elementos constitutivos bem como seus modos próprios de legitimação construídos nos processos de reflexão no chão da sala de aula resultam de julgamentos e decisões em momentos de intervenções pedagógicas.

Conceber o trabalho docente como sendo uma atividade eminentemente reflexiva (Schon, 1992) situada em um contexto de gestão pedagógica da sala de aula abre caminho para identificar e caracterizar racionalidade de um processo que se manifesta no fazer de um sujeito social cuja ação é orientada por objetivos ao mesmo tempo específicos de determinado espaço, tempo, grupo e sujeito e também gerais em relação ao processo educacional como um todo.

Trabalho ou prática docente implica na abordagem, decisão de ação. O contexto de ensino-aprendizagem da sala de aula é tipicamente uma situação de cognição (Gerais e Loyola 2000) em que o docente é constantemente obrigado a tomar decisões em situações complexas. Decisões estas que são fruto de um processo de reflexão na e sobre a ação, quando ele pondera múltiplos saberes para dar rumo as suas intervenções.

O docente deve ser abordado na sua tríplice relação com o saber, como sujeito que domina, que transforma e que ao mesmo tempo precisa manter a dimensão ética desses saberes. Essa capacidade de realizar a transposição didática e transformar os saberes produzidos cientificamente, na experiência reflexiva do cotidiano da sala de aula, envolve além dos saberes aos quais nos referimos fenômenos tais como a complexidade, a incerteza e a instabilidade da situação, a singularidade e os conflitos de valores entre outros.

As direções dadas ao processo de ensino-aprendizagem pelo docente situam-se num patamar ético que envolve decisões de teor político e ideológico suscetíveis de afetar a concepção de vida de mundo do aluno aprendiz. Essa última relação atribui ao trabalho docente sua característica eminentemente profissional.

Entre os múltiplos elementos condicionantes do trabalho docente na sala de aula destacam-se, os seguintes fatores que circundam a ação pedagógica do professor, trata-se de uma pessoa adulta tida como possuidora de saberes plurais e heterogêneos que mantém contatos regulares com um grupo de pessoas (crianças e adolescentes), que supostamente aprendem e cuja presença é obrigatória para lhes ensinar um conteúdo socialmente determinado, por meio de uma série de decisões tomadas, em alguns casos em situação de urgência.

Segunda proposta de Tardif, Lessard e Lahaye (1991), identificamos inicialmente as facetas do saber docente nas dimensões dos saberes disciplinares e curriculares do saber de formação pedagógica, do saber da experiência profissional e dos saberes da cultura e do mundo vivido na prática social. São saberes múltiplos que embora possam ser identificados de modo fragmentado na prática são articulados pelos docentes nos contextos e nas situações dos processos de ensino – aprendizagem onde impera a complexidade. É nesse momento que o professor imprime a marca de sua identidade apropriando-se do reservatório de saberes que domina e que construiu na trajetória de sua experiência docente, dando ao curso de sua ação características que lhe são próprias.²⁹

Consideramos o trabalho docente como sendo uma prática realizada por um trabalhador interativo, a qual se situa na confluência do mundo sistêmico e do mundo em contexto de complexidade.

Para Develay, (1995) tanto numa pedagogia que valorize a ação docente de ensino, como naquela em que o professor é visto como um mediador da aprendizagem dos alunos sempre existirá conteúdos a serem apropriados e diria até priorizados. Esse domínio do professor sobre os conteúdos a ensinar implica ir além do seu conhecimento, tornando-se necessário o desenvolvimento do que se chama competência de natureza epistemológica – domínio da matriz disciplinar ou de procedimentos de transposição didática.

Para conseguir realizar tudo isso e todas as outras situações que se espera que um professor possa dar conta, sua formação precisa contemplar aspectos técnicos e os ligados à sua atuação de liderança no processo de ensino – aprendizagem. A formação teórica na área

²⁹ Essa questão de impor características próprias do docente nos seus alunos, fica ainda mais perceptível quando falamos das turmas do Projeto Carioca da Secretaria municipal de Educação do Rio de Janeiro.

de História, em nosso caso aqui, torna-se fundamental e deve merecer mais atenção no currículo tanto nos cursos de graduação quanto de pós-graduação, aqui cabe uma ressalva à criação do Mestrado Profissional em Ensino de História, que permite ao professor estudar a sua própria prática, fazer o que chamamos de pesquisa – ação, e poder, nas aulas, trocar com seus colegas de profissão diversas experiências e com isso, ter a oportunidade de melhorar cada dia mais a sua prática.³⁰

O professor ao longo do tempo foi sendo culpabilizado pelo fracasso escolar do aluno, como se ele fosse o único responsável por isso.³¹ Frente a isso a atuação do professor em sala de aula começou a ser analisada em variados programas de pesquisa e aqui na cidade do Rio de Janeiro com programas de bônus por bons resultados, programas esses que às vezes nos tiram a autonomia pedagógica ao não nos permitir a reprovação dos alunos, de nos obrigar a preencher cada vez mais documentos e arquivos on line, nos tirando tempo de sala de aula, pois nosso tempo de planejamento acaba sendo, muitas vezes, utilizado para preencher planilhas, questionários e páginas de um sistema que nos engole um pouco mais a cada dia.

Essa formação inicial e a formação continuada são requisitos fundamentais para que ele possa atuar com autonomia superando o espontaneísmo e /ou certa ingenuidade calcada no senso comum, que acha que dar aula é vocação, algo fácil, pois é só ficar repetindo informações, datas, nomes, locais. O que o professor ensina somente se tornará conhecimento emancipador para seu aluno se for resultado de um processo onde ambos utilizem o conhecimento de forma autônoma como instrumento para compreensão e transformação do seu contexto histórico social.³² Esse é pré-requisito essencial para que seja possível desenvolver a consciência política desse grupo e do professor, que se encontra capacitado a uma ação transformadora.

A formação inicial dos professores encontra-se concentrada, ainda, em capacitá- los, ou seja, dotá-los de recursos oriundos de um componente cientificamente cultural para assegurar o conhecimento de um conteúdo a ensinar e de um componente psicopedagógico para aprender a atuar eficazmente na sala de aula. Nas práticas assim orientadas, são

³⁰ Pensando nessa melhora da prática que surgiu a ideia de nossa proposta pedagógica, pensada mais nos professores do que nos alunos, embora estes também possam ser compensados.

³¹ Os critérios de avaliação esquecem a negligencia familiar quanto à vida escolar do aluno, ao contexto de violência que a criança vive, seja familiar ou social, esquecem também dos problemas de saúde que levam uma criança a ter mais dificuldade de aprendizado e a falta de estrutura pública para diagnosticar, tratar e acolher nas escolas.

³² Os alunos envolvidos nessa pesquisa, muitas das vezes, eles próprios traziam temáticas, notícias para as aulas. Os responsáveis ficavam encantados vendo o quanto seus filhos estavam produzindo e alguns relatavam que eles chegavam a casa e contavam para os mesmos as discussões e descobertas.

comumente usadas as expressões eficiência e eficácia para qualificar os desempenhos dos professores e também de seus alunos face aos critérios de racionalidade previamente definidos.³³

Esses profissionais precisam voltar a estudar, sobretudo teorias e práticas de aprendizagem de tal sorte que o compromisso com a aprendizagem dos alunos possa ser devidamente instrumentado. É notório que grande parte dos professores não sabe minimamente pesquisar e elaborar, tornando-se incoerente imaginar que possam propor isso aos alunos. Primeiro, há que se resgatar o professor, pois propostas de inovação didática só possuem efeito quando inovam os professores antes de qualquer coisa, mas como fazer isso, se a cada dia, os professores estão cada vez mais desestimulados com sua profissão? Por isso, pensamos em divulgação de ideias de aulas para ver se assim, mais e mais profissionais conseguem realizar aulas antirracistas e com isso, consigamos vencer essa batalha.

No campo da formação docente busca-se conhecer como o professor é formado nas e pelas instituições escolares, seja na sua formação inicial, ou antes, dela, seja pela sua prática profissional. Busca-se também compreender como sua história de vida e sua trajetória profissional se cruzam, modelando seu comportamento, suas perspectivas profissionais, sua visão e sua concepção sobre educação. No meu caso, minha história de vida, marcada por situações racistas, me levou a sempre debater esse tema em casa, e depois nas salas de aula por onde passei, e foi essa necessidade de me especializar no tema que me levou a procurar o PROFHISTÓRIA, para poder conhecer melhor o tema e melhorar minhas aulas, meus debates e minhas atividades.

O processo de formação deve assegurar o desenvolvimento dos hábitos de um autocontrole disciplinar que proporciona ao aprendiz docente ser um sujeito reflexivo, produtor consciente dos saberes de sua prática, ou seja, um sujeito reflexivo que domina a complexidade do seu trabalho por meio da pesquisa como princípio científico e educativo. Essa trajetória de formação deve resultar na formação para uma real competência muito além da mera qualificação.

Atualmente não se pode apenas “dar aulas”, porque podemos piorar ainda mais o rendimento dos alunos, visto que eles hoje possuem a tecnologia na palma de suas mãos e muita informação com apenas um clique, o que faz com que o poder de concentração seja mínimo, e o interesse pela escola cada vez menor, pois esta se encontra obsoleta, presa nos

³³ De algum modo a rede municipal do rio ainda mede o aprendizado através de termos como esses, onde o aluno é classificado bimestralmente, como Muito Bom, Bom Regular ou Insuficiente.

moldes de ensino tradicional.³⁴

O professor precisa ser o profissional da aprendizagem, o que implica esforço interdisciplinar dos mais árduos. É importante ocupar o espaço das tecnologias em educação pela razão de que o futuro desta está na mistura do tradicional com o moderno, o que nos motivou a este estudo.

É preciso ter em mente que a apropriação de conteúdo pelo aluno é um processo de criação e recriação cultural de produção significativa de sentidos na construção de conhecimentos.

Cabe ao professor democrático e consciente buscar as alternativas para o trabalho do aluno real de forma a auxiliá-lo a avançar na construção dos conhecimentos que ele, como cidadão tem o direito de conhecer.

Ao analisar a prática docente verifica-se que ela exige uma série de competências que são simultaneamente acionadas no curso do exercício da profissão, competências essas que articulam saberes e saber fazer provenientes de diferentes campos de conhecimento e de experiências bastante diversificadas.

Antes de dar a sua aula o professor não pode pensar em um determinado conteúdo sem considerar o processo de ensino aprendizagem, assim como não se separa este último do primeiro durante seu planejamento e na condução das atividades em sala de aula. Quando o tema do racismo chegou à sala de aula, eu não tinha muito conhecimento do mesmo, mas pensei no quanto era importante aquele debate, principalmente porque partiu deles e isso não poderia ser ignorado.

Da mesma forma que cursos de formação continuada e especializações para os docentes começaram a serem criados, surgiram também pesquisas sobre a temática, que tem como intuito entender o que acontece de fato nas escolas e como esse professor analisa e realiza sua prática docente. Os estudos que focalizam o saber como objeto de investigação tem se realizado em grande parte, em relação à questão de currículo³⁵, ou seja, tudo aquilo que poderia ser chamado de dimensão cognitiva ou cultural do ensino, o fato de que a escola transmite aquilo que chamamos de conteúdos, saberes, competências, símbolos e valores.

Outra linha de pesquisa está voltada para a atividade docente, para investigar os saberes envolvidos e mobilizados em sua realização e que podem contribuir para sua

³⁴ Na cidade do Rio de Janeiro, com intuito de resolver essa questão da tecnologia, surgiram os chamados GET que são os Ginásios Educacionais Tecnológicos, que possuem um laboratório de multimídia que é utilizado pelas turmas para “colocar a mão na massa”, no sentido de experimentar o que aprendam nas aulas tradicionais.

³⁵ Esse conceito já foi aqui analisado, entre as páginas 73-76.

qualificação através da formação e fortalecimento da identidade profissional. Foi assim, criada a categoria “Saber docente” que busca dar conta da complexidade e especificidade do saber constituído no (e para o) exercício da profissão.

Durante muito tempo, e ousou dizer que ainda atualmente, os professores são culpabilizados pelo fracasso escolar de seus alunos, que eram acusados de não ministrar aulas de qualidade e de não saberem estimular os alunos ao processo de ensino aprendizagem, e isso começou a ser investigado em uma série de pesquisas, que mostram que a realidade familiar e social dos alunos tem uma parcela significativa de “culpa” nesse fracasso, pois como estudar tendo que cuidar de uma casa, dos irmãos, enquanto os responsáveis trabalham, ou terem que estudar em um turno e trabalhar no outro, isso sem contar na questão da violência a que são submetidos em seus locais de moradia. Não podemos culpabilizar as escolas e muito menos os professores, temos que analisar o todo para poder entender os motivos não só do fracasso, mas também da evasão escolar.

Esse processo de desqualificação do professor, não é algo atual, mas sim um fato originado nos anos 60/70, onde se buscou minimizar o papel do professor, que eram entendidos como simples transmissores de conteúdos produzidos por outras pessoas, sendo assim, simples administradores de materiais didáticos. Entendia-se que o professor, de qual disciplina fosse, seria um ser inferior, que não era capaz de produzir seu próprio conhecimento, precisando sempre “copiar” de outras pessoas.

Algo que é muito importante termos em mente é o fato de que os dois indivíduos envolvidos no processo de ensino – aprendizado possuem visões de mundo e interesses diferenciados e que estabelecem relação entre si com múltipla apropriação e interpretação. No decorrer dessa pesquisa, pudemos perceber essa diferença de realidade, pois por mais que eu seja uma pessoa parda, não sofri nada perto do racismo e outras formas de discriminação que meus alunos negros e “favelados” relatavam, e isso foi um dos maiores motivadores da realização desse trabalho com eles.

3 VARIAÇÕES DE TRABALHO SOBRE UM TEMA POLÊMICO

Nenhuma educação é politicamente neutra.

Neste capítulo será relatado e analisado as experiências didáticas realizadas durante três anos em duas turmas e escolas diferentes, conforme explicado no capítulo anterior, que renderam bons debates, textos dos alunos, e muito material pedagógico para análise e criação de um banco de planos de aula que poderá ser divulgado para que outros professores possam utilizá-los.

Parte da prática pedagógica detalhada aqui se originou sem planejamento prévio por parte da professora, pois como se diz aconteceu “no impulso”. Vejo essa prática que tanto fruto rendeu como sendo resultado de uma mistura de vários elementos e experiências pedagógicas em uma sala de aula, com uma turma que se mostrou disposta a mergulhar nessa aventura de cabeça, mas também percebi, com a segunda da turma, que nem sempre colheremos flores em nossas atividades e que cada turma será uma turma, mas que não podemos desistir de fazer dar certo, pois como diz o ditado popular “*água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.*”

Não posso dizer que foi uma tarefa fácil de realizar, principalmente na Escola do Vidigal, pois eu era uma única professora lutando contra todo um sistema racista, que sofreu muito para colocar esse projeto para funcionar, sofrendo boicotes de todas as formas, mas não podia desistir, pois tudo que se fazia era em consonância com a Lei 10639/03 (Brasil, 2003) e Lei 11645/08 (Brasil, 2008). E sempre me perguntava o que estava fazendo para efetivamente combater o racismo dentro do sistema? E cada vez que essa pergunta surgia, eu me fortalecia e produzia ainda mais.

Inspirada por Bell Hooks³⁶ em sua obra *Ensinando a transgredir* (2013), que nos fala sobre a visão de educação como prática da liberdade, e coloca que o engajamento dos educadores em criar uma prática docente capaz de transgredir as tradições escolares é algo necessário, pois só através dessa educação libertadora nossos alunos poderão mudar sua vida.

Tratar a diversidade racial é direito de todos e dever das escolas, pois como nos mostra Enguita (1995), as escolas são o lugar chave para determinadas discussões porque são essenciais na produção e reprodução de culturas, e no nosso caso específico falar sobre a

³⁶ Hooks, Bell, 2013, p. 53.

cultura afro – brasileira. A importância desse estudo está em fazer os alunos conhecerem, compreenderem e terem orgulho de sua ancestralidade e poderem também atuar na luta antirracista.

Segundo a Lei 10639/03 (Brasil, 2003) o ensino de História da África e cultura afro-brasileira deverão ser incluídos no currículo escolar e com isso devemos também incluir reflexões diferentes sobre as lutas dos negros na história de nosso país, entendendo assim o papel do negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do negro nas áreas sociais, econômicas e políticas da História brasileira.

É ancorada nessa Lei que essa Proposta Pedagógica se encontra e se justifica, pois estamos o tempo todo tratando cotidianamente das questões do negro, desmitificando personagens, quebrando preconceitos e fazendo com que os alunos possam enxergar a importância do “ser negro” e da história de lutas que esse povo viveu tanto na África quanto no Brasil. A escritora Chimamanda Ngozi Adchie (2019) nos mostra o quanto é danoso que uma sociedade seja refém de uma história única, e assim não conheça a história dos povos que a construíram desde sua origem.

Em uma educação antirracista temos como ponto chave o fortalecimento da identidade, que presume que não devemos homogeneizar o conteúdo didático, fazendo com que exista uma única interpretação, única história, vista sempre do viés do homem branco colonizador. Esse é um grande desafio também para o professor, que durante toda a sua formação recebeu uma educação eurocêntrica.

Trazer para os alunos questões da história e cultura africana faz parte de tentar evitar maior silenciamento e mais tentativas de apagamento dessa história. Outro ponto de destaque é o de mostrar aos alunos parte da história e cultura de seus antepassados, fazer com que eles entendam a importância dessa cultura, desse povo para a formação sócio-política-econômica do Brasil. Sendo assim, fazer com que se sintam representados na história que os livros didáticos insistem em contar, eurocêntrica e que representam a população negra apenas pela sua cor de pele ou gênero e nunca por seu nome, como acontece com a população branca, que possui nome e sobrenome.

Com isso percebemos como a ideologia do branqueamento, apresentada principalmente nos Livros Didáticos, ajuda aos alunos negros a acreditarem no fato de ser negro é ser inferior, negativo, e em oposição, ser branco, é algo superior, positivo. Isso corrobora a frase de Fanon (2017) de que para o negro só há um destino, e ele é branco, pois só este grupo tem uma história positiva, a qual merece ser contada e valorizada pela sociedade. Assim os estereótipos dos negros como inferiores e subalternos ganham cada vez

mais força e nos fazem perceber a necessidade de investir em realizar uma educação antirracista visando essa autoimagem e esses estereótipos.

Precisamos fazer com que nossos alunos, sejam eles negros ou brancos e ousar dizer, principalmente os brancos, que não só eles, por sua ascendência europeia, em alguns casos, tem uma ancestralidade real, pois os povos africanos também eram compostos por reis e rainhas, visto que os primeiros reinos surgiram no continente africano. Outro ponto que pretendo provar é que apenas conhecendo nossa origem (olhando para o passado) saberemos quem somos e podemos ser e só com esse conhecimento podemos construir novos passos para a libertação de nosso povo desse racismo tão bem estruturado em nossa sociedade.

É através desse tipo de educação que podemos fazer nossos alunos adquirirem uma postura de criticidade em torno do racismo e preconceito criado pela visão eurocêntrica da história e ainda enfatiza nos livros didáticos, mesmo após 20 anos da promulgação da Lei 10639/03.

Buscamos com nossa proposta pedagógica, além de provocar e construir através do processo de ensino- aprendizagem aos adolescentes suas origens, ancestralidade, conexões com o passado, cultura negra, vitórias do movimento negro até os dias atuais. Por meio dessas questões e elementos possibilitar reflexões que possam contribuir em uma redefinição de identidade. Com isso fazer terem orgulho e entendimento de que não há motivo para ter vergonha de ser negro, mas sim motivo para muito orgulho, percebemos a necessidade de se falar em Memória, fazer um resgate da memória negra, dos heróis, das vivências e isso pode ser feitos através do documentário Sankofa, que assistimos em quatro dias.

Esse projeto é um desafio não só para os alunos, mas para mim também, ainda mais porque comecei antes de ingressar no Programa de Mestrado do PROFHISTÓRIA e tinha pouca leitura sobre o tema, o que me levou a adquirir um arcabouço teórico, estudar por conta própria, para poder levar esses questionamentos para os alunos em sala de aula, e isso não é e não foi fácil, pois precisei de tempo e interesse deles, os quais me surpreenderam com o interesse e a vontade de saber mais e discutir notícias e assistir filmes, séries sobre o tema.

Nós, educadores, precisamos ter em mente o fato de a educação ser um veículo importantíssimo nessa luta contra o racismo, como nos diz Fanon (2017, p.16), “tal luta acontece não apenas no âmbito das interações sociais, mas também em relação à razão ao conhecimento.” E isso fica muito claro quando pensamos a quantidade de professores negros que existem hoje ou tivemos em nossa vida, e na quantidade de intelectuais negros no país.

Durante as aulas dessa proposta didática discutiremos também tema racismo, para mostrar aos alunos a questão do racismo estrutura, conforme proposto por Silvio Almeida na

obra “Racismo Estrutural, de 2019, e explicar a eles que hoje, racismo é crime, previsto em lei”.

Trataremos o racismo como sendo fruto da dominação europeia na África, Ásia e América, pois essa ideologia se manifesta na prática do tráfico negreiro e vai ganhando força ao longo dos séculos, mesmo com o fim do colonialismo. Essa ideologia, como presente nos Livros Didáticos, adotados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), volta a ganhar força com o neocolonialismo do século XIX. Mesmo analisando isso, não podemos pensar, nem fazer nossos alunos pensarem que o racismo surgiu repentinamente, mas sim entendê-lo consequência de um longo processo, que buscava explorar outros seres humanos em busca de lucro e poder para o homem branco/ europeu.

3.1 Travar uma luta contra o racismo em um espaço racista

Em 13 de maio de 2022, teve início o projeto de educação antirracista que aqui será apresentado. Ao chegar à escola, a direção, (como já dito anteriormente, possuía uma visão racista), fez uma reunião com os professores para que naquele dia não nos esquecêssemos de falar da importância histórica da data e tudo que significava a atitude da Princesa Isabel. Ouvi em silêncio, pois não adiantaria discutir e fui para minha sala de aula, onde sim, falei sobre a data, mas de outra forma, mostrando que a abolição, “*não veio dos céus nem das mãos de Isabel*”, como nos mostra o samba Enredo da Estação 1 de Mangueira de 2019, mas sim por meio de lutas e que no momento da assinatura da Lei Aurea a grande maioria da população negra já estava liberta e terminei utilizando os livros da Coleção Black Power da Editora Mostarda³⁷, sobre personalidades negras.

Os alunos mostraram-se muito entusiasmados com as leituras, pois se identificavam com a história de vida de alguns personagens e entendiam que poderiam chegar a qualquer lugar, e que para isso era preciso estudar.

Os trabalhos foram postos em cartazes e expostos no corredor em que a sala de aula se localizava. Quando a direção viu os trabalhos questionou o porquê de ter sido realizado aquele

³⁷ Essa coleção nos apresenta biografias de personalidades negras que foram importantes em sua época e assim se tornaram inspiração para gerações futuras. Leva o nome de um movimento pelos direitos do povo negro nos EUA dos anos de 1960 e 1970 do século XX, luta que ainda se faz necessária no século XXI. Esses livros são voltados para crianças e adolescentes e considero uma ótima ferramenta para se usar em sala de aula e tratar temas e períodos históricos de uma forma mais atrativa aos alunos

tipo de atividade e não ter nada sobre Princesa Isabel, eu respondi dizendo que sendo professora de História não poderia compactuar com essa versão já questionada pela historiografia e estando em uma comunidade de maioria negra e principalmente numa turma com 80 % dos alunos negros e professora negra, obedecer a Lei 10639/03 era mais do que uma obrigação, era um dever histórico. A partir desse momento, nenhum apoio foi dado ao trabalho da turma, nem mesmo cartolina para os cartazes.

Somado a essa atitude da escola e ao fato da turma ter demonstrado espanto em me perceber negra como eles, pelo simples fato de eu ser professora, tomei a iniciativa de realizar com eles um trabalho de educação antirracista. Nesse período ocorreu reunião com os responsáveis da turma comigo e eu conversei com eles sobre o assunto e a proposta de trabalharmos a temática nas aulas. Todos foram muito receptivos e concordaram com o trabalho, julgando ser necessário falar sobre o assunto, ainda mais para adolescentes negros moradores de uma comunidade. Após essa atitude da direção pude perceber uma das dimensões do racismo no meu ambiente de trabalho.

E para eles achar esse espaço de poder falar de suas próprias experiências foi muito importante e diria libertador, pois eles estavam se sentindo importantes pelo simples fato de serem ouvidos por alguém que eles consideravam melhor do que eles, mesmo eu falando inúmeras vezes que éramos iguais.

Para mim estava muito claro que para tratar e analisar a questão do racismo em nossa sociedade era necessário tirar esse tema “da gaveta”, da invisibilidade, que a escola tanto queria colocar e fazer esse tema aparecer e servir para que aqueles alunos aprendessem a se defender e entender seus lugares no mundo.

Pelo menos uma vez na semana realizávamos debate sobre a questão racial em nossa sociedade e muitas vezes, eles começavam as discussões trazendo temas que viram na televisão ou em redes sociais ou contanto fatos do seu cotidiano, como moradores de uma comunidade na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. E não foi fácil para mim, pois não possuía as habilidades necessárias para tal trabalho, mas fui atrás de aprender e comecei a estudar por conta própria, e isso falta nos educadores, essa vontade constante de se aprimorar, muitos se acostumam como básico e pensam estar bom, ainda mais para lidar com alunos “favelados, que não irão passar de caixa de supermercado”. Fala de uma das diretoras da escola do Vidigal.

Entender a sala de aula como um espaço onde todos que ali se encontram possuem uma responsabilidade de contribuir com as discussões e projetos é uma dos objetivos da pedagogia transformadora. E outro ponto aqui percebido é que os alunos são muito mais

abertos às mudanças da forma de se ensinar do que os professores que se encontram engessados em métodos tradicionais de aprendizagem e presos ao material didático que tratam como “a bíblia”.

Os professores precisam perceber a importância de um curso de especialização para darem “conta” nas mudanças no modo de ensinar que mudam de forma mais dinâmica do que os conteúdos a ensinar.

Para mim, enquanto professora tradicional, passar a entender a aula como um processo coletivo, aonde as discussões em alguns momentos vinham propostas pelos alunos e isso gerasse belos trabalhos não foi fácil, pois me fez lançar mão de uma autoridade que eu achava necessária possuir enquanto professora e me fez também entender que cada um possui um ponto de vista sobre um tema e que isso não é nenhum grave problema, pois são seres individuais, com bagagens diferentes e que os fazem perceber os fatos de formas distintas. Ao mesmo tempo em que senti essa dificuldade em mudar também pude sentir orgulho de perceber ao longo dos dois anos o crescimento deles em suas falas e escritas e conseqüentemente o crescimento deles enquanto seres humanos.

Nessas duas turmas, de maioria de alunos negros, sempre procurei deixar claro que os alunos brancos também deveriam ser escutados e respeitados em suas falas e que eles não são inimigos, mas sim poderosos aliados em nossa luta antirracista. Aqui cabe falar em Said que nos mostra o quanto é equivocado pautar a questão da identidade excluindo algum grupo da discussão, não podemos colocar que somente os negros podem entender sobre o racismo. Precisamos entender que quanto mais pessoas no combate ao racismo, mais efetivo esse combate pode ser.

Como nos mostra Bell Hooks (2013, p.120), “a política de identidade nasce da luta de grupos oprimidos ou explorados para assumir uma posição a partir da qual possam criar estruturas dominantes, uma posição que dê objetivo e significado à luta.”

Muito das atividades realizadas e planos de aula aqui sugeridos foram desenvolvidas seguindo o conceito de pesquisa-ação, que trata de se analisar as experiências vividas em sala de aula, e a forma como decidi realizar essa pesquisa mostra que estou percebendo e pensando o que acontece no interior de minhas salas de aula e durante o processo de ensino aprendizagem, e sempre tendo em mente que nesse tipo de pesquisa eu sou pesquisadora e objeto de pesquisa simultaneamente.

Outro ponto que pretendo deixar claro antes de dar início às demonstrações das práticas é que elas nasceram de uma forma impulsiva, espontânea, foram sendo elaboradas no dia a dia, percebendo as necessidades da turma, e apenas no segundo e terceiros anos, já com

o curso do mestrado, essa espontaneidade foi cedendo lugar a um pensamento, uma organização e maior planejamento.

Nos plano de aula aqui divulgados pretendo fazer com que meus colegas professores e seus alunos se vejam como autores da aula como texto, como nos fala Ilmar Rohloff (2005), pois são os professores os responsáveis pela sistematização do que será ensinado em sua sala de aula. Outro ponto importante a ser destacado é que devemos considerar a “bagagem” dos alunos para a escolha das atividades, pois nem todas serão adequadas a todas as turmas, pois cada ser / aluno é único e sendo assim, cada turma que entro para dar aula é única e responderá de forma diferente da outra em uma atividade e isso faz parte, não é para ser lido como fracasso do trabalho docente.

3.2 O uso do audiovisual para pensar o racismo no mundo ao longo do tempo

Levando em consideração que nossos alunos vivem em uma sociedade imagética, ou seja, uma sociedade que precisa da imagem para se comunicar, uma sociedade do tempo imediato, onde estudar História se torna algo muito “chato”, e desinteressante para eles. De acordo com o historiador Robert Rosenstone, o mundo atual é um mundo dominado pelas imagens onde as representações do passado que as pessoas possuem são cada vez mais construídas pelo cinema e televisão. E diz ainda, “hoje em dia a principal fonte de conhecimento histórico para a maioria da população é o meio audiovisual.”³⁸ Outra autora que trata dessa questão é Cristiane Nova que fala que

essa é uma verdade incontestável no mundo contemporâneo [...] a imagem domina as esferas do cotidiano do indivíduo urbano. E, em grande medida, esse fato deve-se à existência e à popularização dos filmes ditos históricos.³⁹

A ideia de se trabalhar com o audiovisual está relacionado ao fato de que este ajuda a revitalizar a linguagem verbal seja ela escrita ou oral tão presente em sala de aula, sob

³⁸ ROSENSTONE, Robert. História em imagens, história em palavras: reflexões sobre as possibilidades de plasmar a história em imagens. *O Olho da História*, Salvador, v. 1, n. 5, p. 106, set. 1997. O artigo foi publicado, originalmente, na revista *The American Historyistcurriculooficial Review* (v. 93, n. 5, p. 1173-1185, december 1988), com o título de “History in images/History in words: reflections on the possibility of really putting history onto filme”.

³⁹ NOVA, Cristiane. O cinema e o conhecimento da história. *Olho da História*, Salvador, v. 2, n. 3, p. 226, nov. 1996.

domínio dos docentes. Precisamos ver o file/documentário como um aliado no ensino de História, em nosso caso, ao mostrar aos alunos, por meio de imagens, cenas de épocas tão distantes deles que muitas vezes tornavam-se desinteressantes só ler ou ouvir a voz do professor.

Realizando essas aulas percebi que os alunos retém mais as informações visualizadas na tela, retomando os assuntos sempre que algo os remetesse a ele, como aconteceu com cenas do documentário Sankofa.

Segundo Sergei Eisenstein, o cinema parte da imagem para a emoção e da emoção para ideia. No caso da educação a imagem levaria à emoção e esta motivaria o educando a buscar informação.

Não podemos esquecer que precisamos deixar claro que há dois tipos de filme, um com enredo histórico outro com enredo ficcional, e que o histórico foi fruto de investigação documental para possuir verossimilhança com o fato real, enquanto o ficcional foi todo ele criado pelo seu criador. Sempre pontuando que o fazer histórico exige regras e compromisso com a verdade.

Pensando nesses pontos escolhi passar para a turma, ao longo de dois anos, alguns filmes, séries e documentários sobre África, racismo, protagonismo negro, para que eles pudessem “visualizar” as possibilidades e o quanto a sociedade já evoluiu no sentido de combater o racismo, mesmo estando ainda longe do fim do mesmo. Claro, no caminho entre o campo das ideias e a vida real, muitos problemas foram vividos nesse sentido, como falta de internet na escola, dificuldade de acesso à sala de vídeo, sendo o único espaço de vídeo da escola, havia uma disputa e toda uma má vontade quando se sabia para qual turma seria, por ser a turma que luta pelos seus direitos e pelo antirracismo.

Mesmo assim conseguimos assistir duas séries, dois documentários, três filmes. Sobre quais trataremos a seguir.

3.2.1 Vida e história de Madam CJ Walker

Produzida nos EUA no ano de 2020, com Otavia Spencer no papel principal, Tiffany Haddish, Carmen, entre outros, trata a história de uma mulher negra, CJ Walker, que se torna ativista social e primeira mulher milionária dos EUA a conquistar sua própria fortuna: por meio de uma linha de produtos capilares e cosméticos para mulheres negras.

A série tem uma temporada dividida em quatro capítulos, passados nos EUA no início do século XX, muito perto do fim da escravidão por lá, no ano de 1863.

Antes de passar a série para a turma, assisti em casa para ver se não teria nenhum tipo de problemas com responsáveis, e depois dividi em dois dias para assistir com eles, dois episódios por dia. Antes do primeiro episódio, trabalhei a questão do racismo e do preconceito nos Estados Unidos, da questão do machismo presente naquela sociedade e esse fato piorava, pois CJ Walker era uma mulher negra.

Fiquei bem surpresa com o entusiasmo dos educandos com a série e após cada apresentação realizávamos uma roda de conversa onde apontavam o quanto tinham se incomodado com as cenas de machismo e racismo que viram, e também a surpresa com o fato personagem principal ter conseguido vencer todos os problemas/ obstáculos que enfrentou.

A boa recepção dos alunos ao formato de série de televisão, aos questionamentos feitos por eles, me levaram a escolher uma segunda série televisiva sobre o tema do racismo.

3.2.2 Colin Preto e Branco

Outra série exibida para a turma foi Colin Preto e Branco uma biografia sobre a vida do jogador Colin Kaepernick, produzida em 2021 nos EUA.

Criada por Michael Starrbury e Ava DuVernay, é uma série original da Netflix que conta a história real de Colin Kaepernick (Jaden Michael), ex-jogador de futebol americano que atuou no San Francisco 49ers. Narrada pelo próprio atleta, a produção acompanha sua adolescência e seus anos de ensino médio, bem como o início de sua carreira esportiva na Califórnia. Adotado pelo casal Teresa (Mary-Louise Parker) e Rick Kaepernick (Nick Offerman), Colin encara uma jornada nada fácil como uma criança negra que cresce no seio de uma família branca. Mas foram essas experiências que o levaram a se tornar ativista. Em 2016, Colin ganha maior destaque nos EUA depois que se recusa a levantar durante o hino nacional, ficando de joelhos em repúdio ao tratamento que a comunidade negra recebe no país. O gesto influencia outros jogadores e gera muitas discussões por lá, inclusive envolvendo o ex-presidente Donald Trump.

Os alunos ficaram indignados com o fato dos pais adotivos do jogador não entenderem nada sobre a questão racial vivida pelo menino e com isso não conseguiam lidar com os problemas surgidos no caminho. Comentaram que não saberiam viver em um mundo

de brancos, no sentido de serem adotados por uma família branca e então expliquei caso fossem adotados bebês, acabariam fazendo sim parte daquele mundo.

O aluno Y, fez uma comparação entre as duas séries assistidas falando que por mais que a questão do negro nos EUA ainda seja complicada, quando se trata de uma mulher negra ficava muito pior, porque também existia o machismo pesando sobre ela. Achei muito interessante a fala e a percepção de um menino de 15 anos.

3.2.3 Sankofa: a África que te habita

Sinopse: Sankofa: A África que te Habita é uma série documental que narra à expedição de César Fraga, fotógrafo afrodescendente, e Maurício Barros de Castro, escritor e professor pesquisador da diáspora africana. César vai de encontro com sua própria história na África e, na companhia do pesquisador, percorre dezenas de cidades e povoados de nove países do continente africano em busca de lugares de memória do tráfico transatlântico de pessoas negras. O fio condutor do documentário são as imagens registradas e os relatos de César e Maurício.

Após assistir esse documentário por indicação de uma amiga, resolvi exibi-lo para a turma, já em nosso segundo ano de projeto, pois estavam mais maduros para o tema, pelo menos era o que pensava, e porque falava de pontos diferentes dos quais vinhamos trabalhando que era apenas a questão racial. Com esse documentário eu me propunha a mostrar a eles uma África não como é vista na TV, seus problemas, suas cores, sua história e como tudo isso se liga a nós, brasileiros e a nosso país. Confesso ter ficado receosa deles não gostarem, por ser um documentário, ser mais lento, e denso do que os filmes, mas eles adoraram e sempre falavam sobre Sankofa, que de algum modo os marcou.

No meio do processo de exibição, em quatro aulas, pois são 10 episódios mais longos, eu me surpreendi algumas vezes com os comentários dos alunos e a boa aceitação especialmente quando se falava sobre as religiões de matriz africana. Alguns até mostrando interesse em saber, por serem dessas religiões aqui no Rio de Janeiro.

Um dos comentários mais marcante foi o do aluno X ao questionar o fato de que os especialistas em África, eram sempre brancos, embora no documentário tivesse alguns negros, mas ele quis dizer que quase sempre ao se vai falar de África é um intelectual branco e ele fez esse comentário durante a fala do diplomata Alberto da Costa e Silva. Parei o vídeo e

expliquei a ele sobre a dificuldade que um negro possuía e ainda hoje possuí em entrar numa universidade, se formar e poder seguir com seus estudos a ponto de se tornar um grande especialista em determinado assunto. Mostrei para ele como para mim estava sendo difícil, estudar e trabalhar, pois eles sempre me viam com textos e livros e perguntavam sobre meu final de semana e eu dizia que tinha sido estudando.

Quando essas questões são levantadas pensamos que está andando na direção correta e fazendo deles cidadãos críticos.

3.2.4 AmarElo – É tudo pra ontem

Sinopse: O documentário AmarElo - É Tudo Pra Ontem explora todo o processo de criação do projeto AmarElo, do músico e militante negro, Emicida. Criado em estúdio, AmarElo foi apresentado no Theatro Municipal, em São Paulo, 2019, em um show que abordou a história da cultura negra no Brasil.

Após realizar a prova para ingresso no programa do ProfHistória em 2022 e ler sobre esse documentário decidi que os alunos precisavam assistir e conhecer um pouco do Emicida e outras personalidades negras citadas por ele, as quais já havíamos pesquisado.

Alguns alunos não conheciam o cantor, outros já tinham ouvido falar e poucos sabiam as músicas, mas após essa exibição saíram da sala de vídeo dizendo que passariam a escutar suas músicas.

3.2.5 Filhos do ódio

Sinopse: Filhos do Ódio conta a história real de Bob Zellner (Lucas Till), um jovem branco, neto de um líder da Ku Klux Klan, que decide questionar o histórico de ódio onde nasceu e se tornar aliado da luta pelos direitos civis dos negros na década de 1960.

Zellner se torna um importante porta-voz contra a segregação no sul dos Estados Unidos e se aproxima de vários revolucionários da luta antirracista como Rosa Parks e John Lewis.

Após a leitura coletiva do livro *Martin Luther King Jr e Rosa Parks: unidos pela*

liberdade, da editora Pequena Zahar, resolvi pela exibição do filme *Filhos do Ódio*, que mostra a questão racial nos EUA e a famosa marcha de Montgomery e mostra Martin Luther King Jr e Rosa Parks, numa tentativa de reforçar o que foi lido no livro mencionado acima, e poder mostrar mais sobre personagens tão importantes na luta dos negros não só nos EUA, mas no mundo.

Um dos impactos percebido pela turma foi à presença de pessoas brancas na luta antirracista, o que gerou um debate intenso e eu pude falar o quanto essa luta não é exclusiva do povo negro, mas de todos, e como diz Angela Davis, “*numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista.*” Essa fala desta filósofa, provavelmente foi proferida em alguma de suas palestras ou entrevistas, caindo assim em domínio público.

Outro ponto significativo do trabalho desenvolvido e que mobilizou a turma apresentou-se na forma como a violência e a segregação ocorreram nos Estados Unidos. De modo que os alunos envolvidos nesse projeto questionaram se no Brasil havia ocorrido do mesmo modo. Percebi nesse momento uma oportunidade para avançar um pouco no conteúdo programático e estabelecer conexões sobre racismo e seu desenvolvimento em diferentes países do mundo, explicando que diferentemente do ocorrido nos Estados Unidos e África do Sul, aqui não havíamos tido Leis Segregacionistas, apenas leis que proibiam a entrada de imigrantes negros, numa tentativa de embranquecer a população brasileira, causando uma grande revolta nos alunos. Hoje percebo o quanto as leituras obtidas no mestrado posteriormente, me ajudariam a melhorar o teor desse debate.

3.2.6 Medida provisória

Sinopse: Em um futuro distópico, o governo brasileiro decreta uma medida provisória, em uma iniciativa de reparação pelo passado escravocrata, provocando uma reação no Congresso Nacional. O Congresso então aprova uma medida que obriga os cidadãos negros a migrarem para a África na intenção de retornar a suas origens. Sua aprovação afeta diretamente a vida do casal formado pela médica Capitú (Taís Araújo) e pelo advogado Antonio (Alfred Enoch), bem como a de seu primo, o jornalista André (Seu Jorge), que mora com eles no mesmo apartamento. Nesse apartamento, os personagens debatem questões sociais e raciais, além de compartilharem anseios que envolvem a mudança de país. Vendo-se no centro do terror e separados por força das circunstâncias, o casal não sabe se conseguirá se

reencontrar. O longa é uma adaptação de "Namíbia, Não!", peça de Aldri Anunciação que o diretor e ator Lázaro Ramos dirigiu para o teatro em 2011.

Por ter sido um filme muito comentado em seu lançamento, os alunos me pediram para exibi-lo, pois queriam saber a respeito do assunto do filme. Então assisti e depois realizei a exibição em sala de aula.

Expliquei todo contexto do filme dizendo se tratar de uma obra de ficção, e mesmo tratando de um tema real, o racismo, as ações do filme, eram ficcionais.

O professor precisa frisar para seus alunos que um filme, seja ele de que tipo for não tem a pretensão de conter a verdade plena dos fatos, até porque em se tratando de História não existe uma “verdade absoluta” e também que este filme nunca poderia recuperar a História como ela aconteceu. Até porque para sua realização ele passará pela interpretação e ideologias de várias pessoas antes de chegar até nós, como a visão do diretor, do produtor, do roteirista. Essas visões delimitadas por conhecimentos da época de sua produção, podem nos remeter a uma “verdade” histórica, um tanto quanto diferente do que de fato possa ter ocorrido. Funciona da mesma maneira que as perguntas realizadas as fontes escritas, cada historiador terá suas questões a “perguntar” seja por interesse ou movido por questionamentos pertinentes a sua época.

Temos que ter em mente que qualquer forma de filme – desenho animado, curta metragem, ficção, épico, documentário, comédia, drama, romance, série de televisão – é passível de ser utilizado como fonte histórica e fonte para o educador valer-se com o intuito de estimular ainda mais seus alunos com sua disciplina, desde que sejam feitas as perguntas adequadas e que não se esqueça de que o filme é apenas uma representação da realidade⁴⁰ e que nunca abolirá o Livro Didático nem mesmo as tradicionais aulas expositivas, mas que atuará como um facilitador da produção de conhecimento e que também irá aguçar a curiosidade e o interesse dos alunos.

Após essa conversa, assistimos ao filme e eles se mostraram indignados com as falas e ações e expunham isso durante a exibição do filme, não conseguindo aguardar o momento do debate pós-filme.

Alguns alunos se emocionaram bastante, outros se mostraram revoltados e no final disseram que deveria ser feito o volume dois do filme, para eles saberem sobre “o futuro” dos negros no Brasil do filme.

O debate pós-filme, foi bem interessante, com discentes bem exaltados, falando que se

⁴⁰ Essa questão é de extrema importância para o sucesso desse trabalho e dessa pesquisa, por isso vamos frisar tanto nela durante este estudo.

aquilo de fato ocorresse , pegariam em armas para resistir , outros disseram que fugiriam, mas jamais aceitariam o fato de serem “expulsos” do Brasil, pois aqui é o país deles e não nenhum lugar do continente africano, por mais que sua ancestralidade esteja por lá, eles não saberiam, como viver em cultura tão diferente e não teriam também onde morar.

Os alunos se mostraram bem incomodados com as falas e atos das personagens de Renata Sorrah e Adriana Esteves e comentaram que apesar do filme ser uma obra de ficção, aqueles pensamentos sobre os negros são bem reais.

Esse filme também foi passado na Escola Municipal José de Alencar e a indignação dos alunos com as propostas do filme as falas racistas foram muito próximas da outra turma. E esse filme os marcou tanto que várias vezes ao longo do ano, falavam algo sobre o mesmo.

3.2.7 Estrelas além do tempo

Sinopse: Em 1961, plena Guerra Fria, Estados Unidos e União Soviética disputam a supremacia na corrida espacial ao mesmo tempo em que a sociedade norte-americana lida com uma profunda cisão racial, entre brancos e negros. Tal situação é refletida também na NASA⁴¹, onde um grupo de funcionárias negras é obrigada a trabalhar a parte. É lá que estão Katherine Johnson (Taraji P. Henson), Dorothy Vaughn (Octavia Spencer) e Mary Jackson (Janelle Monáe), grandes amigas que, além de provar sua competência dia após dia, precisam lidar com o preconceito arraigado para que consigam ascender na hierarquia da NASA.

Mais uma obra que trata não só do racismo, mas também do machismo, principalmente no tocante à mulher negra. E esses assuntos geram revolta nos alunos e no caso desse filme, eles foram surpreendidos pelo fato de que mesmo naquela época do filme, onde “tudo” era proibido às mulheres, ainda mais mulheres negras, as três personagens principais conseguem vencer esse fato e ocupar cargos importantes na NASA e estudar em Universidades.

Inicialmente alguns meninos duvidaram de o filme ser baseado em fatos reais e com isso da existência dessas três personagens. Então após o filme e antes do debate fizemos uma pesquisa na internet sobre as mulheres do filme e assim eles comprovaram a veracidade da existência dessas mulheres, feito isso eles comentaram que haviam realizado esse

⁴¹ NASA- Associação Nacional da Aeronáutica e Espaço, é uma agência do governo federal norte americano responsável por pesquisas e desenvolvimento de tecnologias e programas de exploração espacial

questionamento porque era difícil imaginar o fato de “tudo aquilo” ser verdade, devido a tudo o que já tinham visto em outros filmes/séries e nas aulas, mas ficaram felizes em ver ser possível realizar e então falei que algo ser difícil, não significa ser impossível, mas que para ser possível é preciso dedicação, esforço e estudo.

Falei também que fácil nunca será, principalmente para nós, pessoas negras, periféricas, mas não podemos acreditar que é impossível.

3.2.8 Histórias cruzadas

Sinopse: Histórias Cruzadas se passa em Jackson, pequena cidade no estado do Mississippi, nos anos 1960 do século XX. Skeeter (Emma Stone) é uma garota da sociedade que retorna determinada a se tornar escritora. Ela começa a entrevistar as mulheres negras da cidade, as quais deixaram suas vidas para trabalhar na criação dos filhos da elite branca, da qual a própria Skeeter faz parte. Aibileen Clark (Viola Davis), a empregada da melhor amiga de Skeeter, é a primeira a conceder uma entrevista, desagradando à sociedade como um todo. Apesar das críticas, Skeeter e Aibileen continuam trabalhando juntas e, aos poucos, conseguem novas adesões.

O último filme assistido nesses dois anos com a turma 7101 foi um que eu particularmente gosto muito, mas busquei não demonstrar isso a eles.

Logo nas primeiras cenas de discriminação a revolta tomou conta da sala de leitura, onde fica localizado o equipamento de vídeo. Assim como toda indignação com o fato da empregada negra não poder utilizar o banheiro da casa foi motivo de muita reclamação.

No momento do debate, eles lembraram que uma das atrizes do filme, Octavia Spencer, já tinha feito outras produções vistas por nós, como Vida e Obra de Madame C.J.Walker e Estrelas além do tempo, e por isso questionaram se ela só fazia filmes tratando da questão racial, falei com a turma que não e dei como exemplo o filme A Cabana onde ela interpreta Deus.

Durante o debate eles teceram comparações entre os filmes e séries vistos no tocante a questão do racismo e também do machismo vivido pelas personagens femininas.

Também fizeram uma comparação com o filme Filhos do Ódio devido ser uma mulher branca a ajudar na luta contra a discriminação, através da publicação de seu livro contando as histórias de mulheres negras que trabalhavam de empregadas/babás nas casas de mulheres

brancas de classe média alta.

No ano de 2024, na escola José de Alencar e após as leituras e discussões do Metrado Profissional em História, acrescentei a essa lista de filmes.

3.2.9 Dr. Gama (2021)

Sinopse: Esta produção foi apresentada a turma durante as aulas sobre Os abolicionistas, onde discutimos a importância desses homens na luta do movimento abolicionista. Os alunos mostraram-se admirados pela força e luta do protagonista do filme e de que ele não teve medo das consequências de seus atos.

Junto com a análise de biografias dos abolicionistas, Dr. Gama, um filme biográfico, ajudou a mostrar às várias maneiras de se contar a história de um personagem importante de nossa história.

Doutor Gama é um filme biográfico sobre a vida do escritor, advogado, jornalista e abolicionista Luiz Gama, uma das figuras mais relevantes da história brasileira. Ele utilizou todo seu conhecimento sobre as leis e os tribunais para libertar mais de 500 escravos durante sua vida. Nascido de ventre livre, Gama foi vendido como escravo aos 10 anos para pagar dívidas de jogo de seu pai, um homem branco. Mesmo escravizado, ele conseguiu se alfabetizar, assim conquistou sua liberdade, se tornando um dos mais respeitados advogados de sua época.

3.2.10 Besouro – 2009

Sinopse: Ao falar do período pós-abolição, da situação do povo negro no Brasil no início da República reproduzi para eles, esse filme que trata a história da capoeira através da figura de Besouro.

Besouro conta a história do mais famoso capoeirista brasileiro, uma figura heroica e digna de mitos e lendas. Este personagem realmente existiu, e ganhou destaque ao lutar contra a opressão aos negros no Recôncavo Baiano no começo do século XX. Manoel Henrique Pereira ganhou o apelido de ‘Besouro’ quando começou a praticar capoeira. Sua escolha pelo

inseto revela suas intenções: “se um bicho preto e grande consegue voar, mesmo com essas asas minúsculas, eu também conseguirei realizar feitos inexplicáveis”. E assim o fez. Besouro tinha apenas 24 anos quando morreu, mas até lá aprontou muito e garantiu seu lugar nas lembranças de todos os que o conheceram. Mestre capoeirista enfrentou os brancos que ignoravam a Lei Áurea e mostrou que seu povo poderia ter não só vontade e anseios iguais aos de todo mundo, mas também uma cultura própria e igualmente rica.

3.2.11 Marighela (2019)

Sinopse: Durante as aulas sobre Ditadura Militar, resolvi passar para eles esse filme que além de tratar do tema da aula, mostrava uma personalidade negra como protagonista. E as reações foram ótimas, chegando a ouvir de um aluno que gostou do filme porque Marighela havia sido um herói negro e que isso era muito importante para aquela parcela da população.

Este filme segue com a sequência de trabalhos com biografias de personalidades negras. Neste filme biográfico, acompanhamos a história de Carlos Marighella, em 1969, um homem que não teve tempo pra ter medo. De um lado, uma violenta ditadura militar. Do outro, uma esquerda intimidada. Cercado por guerrilheiros 30 anos mais novos e dispostos a reagir, o líder revolucionário escolheu a ação. Marighella era político, escritor e guerrilheiro contra a ditadura militar brasileira.

3.2.12 Curta O papel e o mar (2010)

Sinopse: Após a aula sobre Revolta da Chibata e leitura da biografia de João Cândido, assistimos esse curta metragem que mostra um encontro fictício sobre João Cândido e Carolina Maria de Jesus, que já tínhamos falado sobre ela na aula sobre biografias de mulheres negras para o Dia das Mulheres.

3.3 Planos de aula com utilização do audiovisual

Para as aulas com cinema foram elaboradas um plano de aula que serviu como base para todas as exibições variando apenas as atividades realizadas.

O objetivo geral desta aula é o uso do audiovisual como ferramenta pedagógica para contribuir para o enriquecimento do aprendizados de nossos discentes, gerando discussões e análises críticas e reflexões sobre os conceitos e temas tratados nas aulas, outra intenção desse tipo de atividade é desenvolver a criatividade e a capacidade de interpretação de fatos, situações por parte dos alunos.

Objetivos específicos são o desenvolver habilidade de interpretação de um fato de forma crítica por meio do debate pós-filme; estimular a produção textual e exposição oral por parte dos alunos; aguçar a cooperação e os trabalhos em grupo; e trabalhar a concentração dos alunos

Conteúdo pretendido é, seguindo o currículo da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, escolheremos um filme que se encaixe com o que este currículo se propõe e faremos dele o ponto de partida para as discussões mais profundas dos conceitos, períodos e fatos apresentados pela película.

Os recursos didáticos utilizados seriam: filme selecionado para a aula; Televisão, caixa de som e internet; caderno para anotações; quadro branco e marcadores; e folhas para realização do texto críticos dos alunos em trios.

Metodologia, antes da exibição do filme será realizada uma breve explanação sobre o conteúdo com perguntas aos alunos sobre o que eles esperam assistir e minha fala sobre o contexto. Também se deve deixar claro que toda produção cinematográfica é uma produção feita em um época diferente do ocorrido e que recebe influência das visões dos diretores e produtores, por mais que diga se basear em fatos reais, sempre passa por visões de pessoas distintas de épocas diferentes que apresentam um interesse próprio sobre os temas.

Sugestões de atividades, após exibir o filme dividir a turma em trios e propor que façam uma resenha crítica do filme e coloquem isso por escrito para que depois possamos produzir um cartaz para exibir na feira cultural

Propor que os alunos em trio escrevam os pontos que mais gostaram e os que menos gostaram do filme e depois fazer uma tabela comparativa com os trabalhos da turma para vermos quais os pontos em comum.

Pedir aos alunos que criem um novo final para o filme, mas sem sair do contexto

histórico em que o enredo se passa.

A avaliação do aprendizado irá acontecer por meio de análise da participação deles nos debates e nos trabalhos em grupo. Levar em conta a criatividade, argumentação e compreensão do contexto histórico e da questão da produção cinematográfica, ser uma obra de ficção, mesmo a que diz ser baseada em fatos reais.

3.4 Como a música nos ajuda na educação antirracista

Entendendo a música como uma das formas mais antigas e fortes do combate ao racismo na sociedade brasileira, selecionei algumas músicas e levei para a turma para realizarmos uma discussão sobre o tema, esse tipo de aula aconteceu umas três vezes nesses dois anos, devido dificuldade com material de som na escola, outro motivo foi pelo fato da música estar presente em nossa vida em muitos momentos. Eu a entendo como um elemento facilitador da comunicação, que agrega algum valor e estimula a curiosidade.

De acordo com Marcos Napolitano (2002), a música é responsável por traduzir nossos impasses sociais e também se apresenta como veículo de nossos sonhos. Ela nos auxilia pensar a história e a sociedade, sendo assim algo que nos ajuda a pensar, mexe com afetos e atrai a atenção para o que “fala”, e no caso das aulas, a intenção era atrair a atenção para o tema do nosso projeto.

Assim como os filmes, a música funciona também como uma maneira de atrair a atenção dos alunos para temas da sala de aula, auxilia no processo de interpretação, escrita e de debates, além de ajudar na transformação dos alunos em cidadãos críticos. Essa criticidade surge com os debates e as interpretações sejam individuais ou em grupos, levando sempre em consideração as experiências de cada aluno. E com isso acaba por estimular à escrita.

Antes do primeiro dia com esse tipo de exercício perguntei se já tinham percebido como algumas músicas serviam de denúncia do racismo, violência e problemas sociais, e disseram que sim, mas não sabiam que poderiam utilizar essas letras nas aulas, pois às vezes eram letras de funk, aqui vem todo preconceito enfrentado por esse ritmo na sociedade, eu disse que poderia se soubéssemos analisar e retirar da letra o que realmente importava para determinada aula.

Falei do fato de antes do funk ser só essas letras de apologia ao sexo ou drogas, ele foi uma forma de se retratar os acontecimentos nas comunidades, nos bailes.

Sempre que tínhamos essas aulas eu levava para sala o equipamento de som e colocava para eles escutarem a música, sua melodia, e não apenas lessem as letras que eu imprimia e distribuía nos grupos pra fazer uma análise do tratado pela música.

Nessas aulas eu pouco falava, apenas auxiliava em questões de dúvidas com vocabulário, pois queria mesmo ver como eles iriam entender as músicas.

As músicas selecionadas para essas aulas foram:

- ✓ Redemption Song – Bob Marley
- ✓ Tribunal de Rua – O Rappa
- ✓ Hey Joe – O Rappa
- ✓ A Carne – Elza Soares
- ✓ Kizomba festa da Raça - Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos de Vila Isabel – 1988
- ✓ Ilê Ayê – O Rappa
- ✓ Boa Esperança – Emicida

No dia em que ouvíamos Bob Marley, um professor passou pelo corredor, ouviu e foi reclamar com o coordenador e agentes educadores do fato de eu estar ensinando para os alunos “coisas de maconheiro”, e o coordenador disse que deveria haver algum propósito para a realização da atividade e veio falar comigo sobre o ocorrido e eu prontamente expliquei tudo e disse que se o mesmo professor se mostrava tão incomodado poderia ter ido falar diretamente comigo para uma conversa, na qual eu mostraria a Lei 10639/03, e diria se tratar de uma atividade, inclusive se interpretação textual, algo tão cobrado pela Prefeitura do Rio de Janeiro em suas avaliações.

Além de músicas inteiras, também fizemos atividades com trechos de músicas que abordassem o tema do racismo, como:

- i. “O racismo é um mal, mas o mal a gente cura, basta um pouco de ternura, alma pura e razão.” - Vidas Negras importam – Martinho da Vila;
- ii. “Em vários momentos da História mundial, o povo preto deu seu toque genial .Lutou. construiu nossa riqueza...” Kindale, que o amanhã não seja só um ontem com um novo nome – Sociedade Rosas de Ouro, 2023;
- iii. “Senhor, a liberdade ainda não raiou. Quem deveria me chamar de irmão, tem tanto desprezo na alma. Porque se somos iguais na raiz, primatas na essência, mas só a mim restou à cicatriz?” - Bananas para o preconceito – Acadêmicos da Rocinha, 2019.;
- iv. “Resistindo há tanto tempo e bem antes da Lei de Isabel, sob a minha melanina

uma ambição cruel. – Poder é pele preta – Arruda e Jorge Aragão;

v. “Eu sou negro sim, liberdade e poesia. E na atual sociedade lutamos pela igualdade, sem preconceitos sociais.” - Templo Negro em tempo de consciência negra. GRES Acadêmicos do Salgueiro, 1989;

vi. “Cada negro que for, mais um negro virá para lutar com sangue ou não com uma canção também se luta irmão.” Tributo a Martin Luther King Jr, Wilson Simonal;

vii. “Uma vida negra importa, e quem assim não pensa tem a consciência torta”. – Vidas Negras importam Martinho da Vila;

viii. “Mais da metade do país é negra e se esquece, que tem apenas ao resto que ele oferece.” Voz Ativa – Racionais MC’s;

ix. “Negro é lindo, negro é lindo, negro é amigo, negro também é filho de Deus.” - Negro é lindo, Jorge Bem;

x. “A verdade é que você tem sangue crioulo, tem cabelo duro Sarara Crioulo.” – Olhos Coloridos – Sandra de Sá;

xi. “Ei, pela minha raça não tem amor, lava a boca para falar da minha cor.” – A coisa tá preta , Rincon Sapiência;

xii. “Me perdendo eu encontrei nua e crua essa verdade que a raiz do preconceito nasce do olhar estreito da cruel desigualdade.” - Ka Riba Ti Ye- GRES Paraíso do Tuiuti, 2022;

xiii. “Negra drama, cabelo negro e a pele escura. A ferida , a chaga a procura da cura.” – Negro Drama – Racionais Mc’s;

xiv. “Moço não se esqueça que o negro também construiu as riquezas do nosso Brasil.” – 100 anos de liberdade, igualdade ou ilusão, GRES Estação 1 de Mangueira,1988;

xv. “Negro um escravo da vida e não pode negar, não, não, não. O que sente na pele, não pode explicar. Pega no batente pra vida levar.” – Negra raiz, eu sou negro e bato no peito, SRBC Academia de Samba União da Tinga, 2019;

xvi. “Foi-se o açoite e a chibata sucumbiu, e o meu povo ainda chora pelas balas de fuzil.” Empretecer o pensamento é ouvir a voz da Beija Flor, GRES Beija Flor de Nilópolis, 2022;

xvii. “Mesmo depois de abolida a escravidão, negra é a mão de quem faz a limpeza, lavando a roupa encardida, esfregando o chão.” A mão da limpeza, Gilberto Gil;

xviii. “Racismo, preconceito e discriminação em geral é uma burrice coletiva sem explicação.” Racismo é burrice – Gabriel o Pensador;

xix. “Preto joga charme, come carne, preto roda de chofer, anda de avião, craque de

gamão, troca de talher..., estranhou o que? Preto pode ter o mesmo que você.”

xx. - Estranhou o que?, Moacyr Luz.

No ano de 2024, trabalhamos além das músicas citadas *O mestre Sala dos Mares*, de João Bosco e Aldir Blanc quando falamos sobre Revolta da Chibate e João Cândido e também os sambas enredo na integra, para que eles percebessem o quanto a temática negra é rica em composições e nunca esquecida.

3.5 Sugestão de plano de aula com uso de músicas

Os objetivos para esta aula tem como objetivo geral a utilização da música como fonte histórica e conseqüentemente ferramenta pedagógica com a intenção de contribuir no ensino-aprendizado do tema proposto, a questão do racismo e do povo negro e assim fomentar discussões com os discentes sobre suas sensações e interpretações de cada música trabalhada.

Os objetivos específicos seria: analisar a importância da vinda dos negros africanos ao continente americano como escravizados e comparar com a situação de vida do povo negro hoje; debater situações cotidianas de Racismo estrutural; estimular a produção textual e exposição oral por parte dos alunos; aguçar a cooperação e os trabalhos em grupo; e trabalhar a concentração dos alunos

O conteúdo planejado seria a História da escravização no Brasil e as conseqüências desse fato na atualidade; entender as formas de resistência do povo negro na História do Brasil; e compreender diferentes momentos da história nacional tendo como fio condutor a história do povo negro.

Os recursos necessários seriam a Letra da música impressa; caixa de som; televisão (para reproduzir o clip da música); folha de caderno para realizar o trabalho de análise das letras

Metodologia seria, antes da exibição do música e entrega das letras será realizada uma breve explanação sobre quem compôs e quem canta cada música, época em que foram escritas e as intenções por trás. Perguntar a eles se já ouviram falar da música, seus interpretes e autores, para fazer assim uma contextualização do que será a proposta didática.

As sugestões de atividades seriam: antes exibir o clipe da música dividir a turma em trios e propor que façam uma leitura da letra da música e reflitam sobre o que se propõem. Também propor que os alunos em trio escrevam suas interpretações da letra e do clipe

(quando possível) e fazer um cartaz com esses textos para uma exposição na escola. E, pedir com que cada trio faça uma leitura para a turma sobre sua interpretação e assim iniciarmos um debate sobre as diversas leituras e opiniões.

A avaliação do aprendizado irá acontecer por meio de análise da participação deles nos debates e nos trabalhos em grupo. Levar em conta a criatividade, argumentação e compreensão do contexto histórico.

3.6 Meu nome é favela, é do povo do gueto, a minha raiz

No dia 3 de novembro de 2022, descobri o fato de no dia seguinte, 4, se comemoraria o dia da Favela, e logo, pensei em fazer uma atividade com a turma. Levei as músicas Meu nome é favela, de Arlindo Cruz, Lei Áurea, Borges MC; O morro não tem vez, Tom Jobim; Eu só quero é ser feliz, Cidinho e Doca e Favela, Exaltasamba; Favela, Mc Marcinho; Respeito às favelas Bezerra da Silva.

Eu os deixei livres para expressarem seus sentimentos sobre morar em Favela e alguns fizeram desenhos, outros produziram textos sobre o tema.

Levei impresso, a origem do termo Favela, História do Morro do Vidigal e o porquê da data comemorativa. Li para eles e fizemos uma roda de conversas sobre isso tudo.

Levei também algumas frases de pessoas famosas e eles decidiram colar tudo em cartaz. Colocamos os cartazes na rampa da escola que dá acesso às salas de aula do 2 andar, assim todos iriam ver a produção. A diretora J foi questionar sobre os objetivos do trabalho e do seu desenvolvimento, de qual assunto se tratava o trabalho que estávamos prendendo na parede e os alunos a responderam e a mesma falou não saber que favela tinha dia, riu e deu as costas. Eles ficaram chateados e foram para sala onde conversamos e eu disse a eles que infelizmente eles sempre irão encontrar pessoas assim, as quais desdenharão do que eles tem para oferecer e seguimos a aula.

As frases usadas foram: *“O negro que antes era caçado no mato, hoje é exterminado na favela”* (Mario Pereira Gomes); *“Na favela o comum é a falta, a escassez, a dor, a violência. Por outro lado há também arte, resiliência, capacidade de empreender. Precisando construir comunidades empreendedoras para gerar renda com dignidade para as pessoas.”* (Edu Lyra); *“Ser favelado é ser soldado de bandeira nenhuma e desconfiar dos dois lados sem temer coisa nenhuma.”* (Emicida); *“A favela que agora puseram um nome mais bonito:*

comunidade, porque o remorso é tanto. Eles sabem que o favelado é vítima de uma sociedade famigerada.” (Bezerra da Silva); É preciso garantir que as favelas sejam também cidades, já que elas estão por todo município.” (Marielle Franco); Morar na favela não é sinônimo de malandragem e sim de necessidade.” (Michael Conde).

No ano de 2004, repeti essa atividade com a turma, mas apenas com as músicas e discussão acerca do que significa favela/comunidade, seus problemas, seu lado positivo, e também assistimos vídeos no Youtube explicando a origem das favelas. Os alunos lembraram dos trechos do livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus que lemos juntos ao falar sobre a favela hoje.

3.7 Sugestão de plano de aula para dia da favela

Os objetivos foram promover um debate a cerca do tema Favela e fazer com que os alunos exponham sua visão do que é morar em uma.

Os objetivos específicos eram de promover a capacidade interpretativa ao levar letras de músicas sobre o tema. Promover a criatividade através da livre expressão escrita ou desenho sobre o que pensam sobre comunidade. E desenvolver a habilidade de listar os prós e contras de algum assunto e fazer uma lista e perceber o que tem mais se pontos positivos ou negativos.

O conteúdo desejado foi poder fazer uma associação do tema, FAVELA, à guerra de Canudos e a Reforma Urbana de Pereira Passos e estabelecer assim os paralelos necessários.

Os recursos necessários eram: folha com a letra das músicas impressas e folha para as anotações, desenhos e interpretações, caixa de som, Televisão com internet e cartolina para montagem de cartazes para expor na escola

A metodologia do trabalho era iniciar a aula fazendo uma breve explanação sobre a história da favela, passar vídeos no Youtube que contem sobre essa história e fazer um debate com eles sobre suas experiências e sensações. Depois dividir em grupos e entregar as letras das músicas e propor que façam um texto interpretativo sobre as letras. Propor também a realização de desenhos e um texto argumentativo sobre o que é morar na favela.

Sugestões de atividades era a realização de desenhos sobre a favela; e interpretação das músicas texto com o que pensam sobre morar em uma favela.

A avaliação do aprendizado irá acontecer por meio de análise da participação deles

nos debates e nos trabalhos em grupo. Levar em conta a criatividade, argumentação e compreensão do contexto histórico em que a favela surgiu e sua permanência em nossa sociedade.

3.8 O tal do racismo estrutural

Enquanto conversávamos sobre como o racismo está enraizado em nossa sociedade, em nossas criações, a turma decidiu fazer um levantamento de frases racistas já ouvidas. Propus então, realizar um quadro de expressões já naturalizadas no nosso dia a dia. As frases ditas por eles, vieram de suas experiências enquanto negros periféricos na Zona Sul do Rio de Janeiro. Como tínhamos cartolina na sala fizemos um cartaz com o título Frases racistas na visão da turma 7101.

- ✓ “Você é uma negra do cabelo duro”;
- ✓ “Sai daí seu preto”;
- ✓ “Aquele macaco ali”;
- ✓ “Se retire, seu macaco”;
- ✓ “Você não é bem vindo nesse lugar, seu negro”;
- ✓ “Você é uma pessoa de cor”;
- ✓ “Você não vai ser nada nesse mundo”;
- ✓ “Esse pivete não vai ter futuro”;
- ✓ “Preta suja”;
- ✓ “Seu macaco”;
- ✓ “Olha lá um preto, aposto como vai nos assaltar”;

Expressões racistas

- ✓ “Mulata”;
- ✓ “Cor do pecado”;
- ✓ “Não sou suas negras”;
- ✓ “Denegrir”;
- ✓ “A coisa está preta”;
- ✓ “Caderno negro, mercado negro, lista negra, ovelha negra, magia negra”;
- ✓ “Nasceu com um pé na cozinha/senzala”;

- ✓ “Cabelo ruim ou cabelo duro”;
- ✓ “Preto de alma branca”;
- ✓ “Você é um negro de traços finos”;

No ano de 2024, no material pedagógico desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação, os alunos tiveram como exercício, na parte de Língua Portuguesa, a tarefa “Tire o racismo do vocabulário”, onde deveriam em grupos propor uma releitura dessas frases, com o intuito de incentivar a mudança do vocabulário deles e de seus familiares e amigos.

3.9 Plano de aula com frases de cunho racista

O objetivo era promover a discussão e entendimento de frases populares. perceber o que está sendo dito e como isso afeta uma parcela da sociedade brasileira compreender o quanto o Racismo encontra-se enraizado em nossa sociedade e por isso ser tão difícil acabar com ele.

Os objetivos específicos seriam de ressignificar frases racistas; estabelecer diálogo e compreensão em grupos; promover o entendimento negativo dessas frases; fazer com que percebam o contexto histórico em que essas frases eram mais utilizadas.

O conteúdo pretendido era a questão do negro na história do Brasil e como o vocabulário ajuda na disseminação do preconceito racial.

Recursos necessários seriam, como essa tarefa foi realizada em duas turmas diferentes em anos diferentes, os recursos foram outros. Em 2023, eu coloquei as expressões racistas para eles analisarem e eles falaram algumas frases que estavam acostumados a ouvir. Em 2024, a própria apostila da Rede Municipal da Secretaria de Educação trazia essa atividade na parte de Língua Portuguesa e além de respondermos a atividade, fizemos umas cartas para a criação de um jogo onde colocaríamos as duas versões da frase, a racista e a politicamente correta.

A metodologia de trabalho seria escrever no quadro branco as frases sugeridas por eles e perguntar onde está o racismo em cada uma e onde as ouviram e fazer um debate sobre a problemática de cada uma.

A sugestão de atividades é de reescrever as expressões racistas de uma forma politicamente correta; perceber e explicar aonde se encontra o racismo nas frases ditas pela turma 7201; e elaborar um jogo da memória com as frases racistas e as politicamente corretas.

A avaliação do aprendizado irá acontecer por meio de análise da participação deles nos debates e nos trabalhos em grupo. Levar em conta a criatividade, argumentação e compreensão do contexto histórico.

3.10 Conhecendo a história, geografia, sociedade africanas e suas influências no Brasil

Em sala de aula pedi para os alunos se organizarem em grupos e entreguei a cada grupo, livros antigos de História e Geografia e para procurarem os capítulos que tratassem da História da África, lessem e depois contassem para os demais grupos sobre suas conclusões. Após a exposição, pedi que recortassem as páginas e se organizassem de acordo com a ordem cronológica dos fatos para montarmos os cartazes e colocarmos em exposição no corredor da sala de aula. Após essa parte da tarefa conversei com eles sobre o tema e como a História da África se interliga a nossa e eles relacionaram essa ligação ao documentário Sankofa, que estávamos assistindo nesse período.

Como forma de avaliar os alunos, de acordo com as exigências da Secretaria Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro, requisitei, ao longo dos 7 bimestres nos quais esse projeto ocorreu, que eles fizessem pesquisas de assuntos ligados ao tema como:

- ✓ Influência africana na Língua Portuguesa;
- ✓ Biomas Africanos;
- ✓ Revolta dos malês;
- ✓ Exploração do continente africano;
- ✓ América e África: colonização e exploração;
- ✓ Áfricas: as marcas da exploração;
- ✓ Países Africanos: Somália, Sudão do Sul, República Democrática do Congo, Angola, Quênia, África do Sul, Camarões, Marrocos, Moçambique;
- ✓ Elementos da cultura negra com influência no Brasil: Bumba meu boi, Capoeira, Samba, Maracatu, Jongo. Aqui a pretensão era perceber e entender o quanto a nossa história e cultura tem influência da África e da diáspora dos povos africanos.
- ✓ Boko Haram: África no século XX;
- ✓ Grupos Étnicos Africanos: Tswanas; Zulus, Mandingas, Somalis, Tongas, Bantos, Tutsi, Sotos, Fulas, Malinke, Xossas, Shirazi, Makongo, Iorubá, Pedi. Perceber que o continente africano possui uma variedade de povos, línguas e cultura e

que não é uma unidade como muitos pensam.

- ✓ Receitas de comidas africanas: Xalwo, Cuscuz, Alloko, Arroz Jollof, Qumbe, Koki, Puff Puff, Bunny Chou, Pudim de Malva, Melkert, Cachupa, Feijoada, Acarajé, Mungunza, Abará, Muamba de Galinha, Bobotie. Aqui a intenção era fazer com que tivesse contato com a culinária de diversos países africanos e assim perceber se tivemos alguma permanência na nossa culinária.

- ✓ Religiões Africanas e Afro-brasileiras;
- ✓ Intolerância Religiosa;
- ✓ Mitologia Banto;
- ✓ Orixás;
- ✓ Racismo Estrutural ;Racismo Ambiental; Racismo Recreativo. Nesse trabalho o intuito era fazer com que eles entendessem o que é o racismo, e que ele se manifesta de forma estrutural, aquele que inserido no nosso cotidiano. Ambiental, quando se trata do fato de que as maiores vítimas de desastres ambientais são populações negras e que são esses grupos que acabam por viver em locais sem a menor condição de infraestrutura; recreativo, que é o racismo disfarçado de brincadeira, de piada. Por meio de pesquisas e debates os alunos tiveram conhecimento dos diversos tipos de racismo que temos no país, mas deixei claro, que tudo é RACISMO, apenas se divide para estudo do tema.

- ✓ Antirracismo
- ✓ Branquitude
- ✓ Lei 10639/03, a intenção era mostrar a Lei que nos embasava para a realização desses 2 anos de projeto.

- ✓ 100 anos dos Camisas Negras, com essa pesquisa a intenção era fazer com que eles soubessem da importância da Instituição Clube de Regatas Vasco da Gama para o combate ao racismo no futebol brasileiro.

- ✓ Movimento Negro, fazer com que eles entendam que as conquistas da população negra no Brasil é fruto de lutas desse movimento e de outros também.

O real objetivo por trás dessas pesquisas é fazer com que os alunos conhecessem a importância africana e negra na História do Brasil, assim como a própria História Africana antes, depois do europeu invadir e explorar. Outro objetivo é reforçar a ideia de ser uma cultura rica, heterogênea e de luta do povo negro, tudo embasado na Lei 10639/03.

3.11 Plano de aula para promover a compreensão da história, geografia e cultura africana

Os objetivos seriam desenvolver habilidade de pesquisa; ensinar a importância de se fazer uma pesquisa para melhorar a aprendizagem; orientar a produção textual; aprender a interpretar um fato

OS objetivos específicos seria promover o enriquecimento do conhecimento sobre continente africano e sua influência na nossa cultura; tratar de fatos que influenciam de forma significativa nossa história; entender porque utilizamos certas palavras em nosso vocabulário; e possuíamos algumas receitas em nossa culinária.

O conteúdo trabalhado seria a história do continente africano e sua relação com a história do Brasil

Os recursos para o trabalho realizado em sala de aula foram utilizados livros didáticos que a escola possuía. Nas demais pesquisas pedi que fossem realizadas em casa com auxílio da internet.

A metodologia do trabalho seria separar em grupos e entregar um livro didático para cada grupo e pedir que buscassem os capítulos que falassem sobre África e recortar as informações encontradas. Depois recolher os recortes e por em ordem cronológica e entregar cartolinas e pedir que fizessem os cartazes na ordem de acontecimentos, para termos um painel sobre a História do Continente Africano. Pedir que realizassem pesquisas em casa, com auxílio da internet, mas antes realizar sorteio dos temas que cada aluno iria pesquisar e assim conseguir reunir um maior número de informações sobre.

As sugestões de atividades seria de preparar cartazes com os assuntos agrupados por temas para a elaboração de uma exposição na escola; propor que os alunos troquem informações sobre suas pesquisas para que todos tenham acesso a todas as informações reunidas.

Por fim, avaliar como cada aluno conseguir se expressar e realizar suas tarefas no prazo e com as especificidades propostas.

3.12 Pequeno Manual Antirracista

Em 2022 fiz a leitura coletiva do livro Pequeno Manual Antirracista, parando fazendo explicações e conversando com eles e no final selecionei alguns trechos para que eles fizessem a análise, com a visão deles sobre cada trecho.

A escolha do livro se deu por ser de uma leitura mais “fácil” para a idade deles e por acreditar ser um bom começo para o projeto que estava desenvolvendo com eles.

Os trechos escolhidos foram:

- i. “De acordo com Grada Kilomba, o racismo é uma problemática branca.”
- ii. “O racismo assume diversas dimensões em um ambiente de trabalho.”
- iii. “O antirracismo é uma luta de todos e todas...”
- iv. “Pessoas brancas devem ser responsabilizadas culturalmente pelo sistema de opressão que as privilegia historicamente , produzindo desigualdade.”
- v. “Reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo.”
- vi. “Numa sociedade racista, machista e heteronormativa. As mulheres negras ficaram relegadas ao papel de servir seja na cozinha e seja na cama.”
- vii. “A mudança da sociedade depende, antes de tudo, da tomada de postura e da adoções de práticas antirracistas.” (Silvio Almeida)
- viii. Para Adilson Moreira, temos estruturalmente um mecanismo que encobre a hostilidade social por meio do humor.”
- ix. “Por causa do racismo estrutural a população negra tem menos condições de acesso a uma educação de qualidade.”
- x. “É preciso questionar padrões e estilos que desumanizam as mulheres negras.”
- xi. “Há um poder instituído na sociedade desde a colonização que delega aos dominantes o direito de definir que é inferior nessa estrutura...” (Rodney William)
- xii. “Kathleen Cleavi aponta para a importância de que pessoas negras quebrem com a visão de que somente pessoas brancas são bonitas, valorizando o cabelo natural e as características típicas do povo negro e criando para ele nova consciência.”

3.13 Plano de aula de como ler o Pequeno Manual Antirracista em sala de aula

Os objetivos seriam reconhecer a existência do racismo; fazer com que percebam que não se pode naturalizar o racismo; e colocar em prática as demandas da Lei 10639/03.

Os objetivos específicos seriam de estabelecer um debate a cerca do racismo; fazer com que os alunos repensem suas atitudes e perceber se alguma delas é racista; refletir a Branquitude e seus privilégios. O conteúdo trabalhado foi a questão no negro na História do Brasil.

Os recursos necessários foram livro de Djamila Ribeiro, “Pequeno Manual Antirracista”; Caixa de som e microfone para a leitura coletiva.

A metodologia do trabalho foi realizar a leitura do livro em 2 aulas e explicar as partes e selecionar trechos para que os alunos interpretem e produzam pequeno texto sobre as partes selecionadas escolhidas por eles

As sugestões de atividades eram a de propor que reinterpretem trechos pré-selecionados do livro por escrito; pedir que eles escolham uma parte do livro e façam sua interpretação da fala da autora; propor uma pesquisa sobre antirracismo e sobre a biografia da autora.

Para a avaliação, iremos avaliar a concentração dos alunos durante processo de leitura do livro e o poder de reter as informações realizar um debate a cerca dos trechos selecionados. Também iremos considerar como ponto avaliativo as pesquisas realizadas pelos alunos.

3.14 Discutindo absurdos falados por um racista famoso, mas sem saber quem é

Em uma aula, coloquei no quadro da sala algumas das falas racistas do ex- presidente da República, mas não disse quem era o autor e sugeri a cada aluna escolher a frase que mais o incomodou e desse sua opinião e depois dividiu a frase e a opinião com a turma. Só no final do trabalho falei quem é o autor e a indignação foi enorme por parte deles pelo fato dele ter sido eleito e que poderia ter vencido as eleições novamente. A “revolta” ficou maior quando falei que as frases foram ditas anos antes da eleição e era do conhecimento de todos, ou seja, ninguém poderia dizer não saber de nada.

- ✓ “O negro não é melhor do que eu.”
- ✓ “Meu filho não vai se relacionar com uma negra porque ele foi bem educado.”
- ✓ “Quem usa cota no meu entender está assinando embaixo que é incompetente.

Eu não entraria em um avião pilotado por um cotista, nem aceitaria ser operado por um médico cotista.”

3.15 Planos de aula sobre frases racistas e polêmicas

O objetivo seria de fazer com que desenvolvam senso crítico frente frases tão fortes despertar senso de justiça e antirracismo nos alunos

Os objetivos específicos seriam de promover a escrita crítica dos alunos, desenvolver a empatia com quem foi “vítima” das falas, e despertar o senso de justiça entre os alunos

O conteúdo trabalhado seria a presença do racismo nos dias atuais do Brasil.

Recursos necessários seriam quadro branco para anotar as frases, caneta de quadro, folhas soltas para que eles escrevam as frases que irão analisar e cartolina para expor em cartaz

A metodologia de trabalho seria expor as frases no Quadro e perceber as sensações despertadas nos alunos. Depois, questionar o que sentiram e o que pensavam de quem fala tudo isso. No momento seguinte, entregar as folhas e pedir que cada aluno escolhesse a frase que mais incomodou ele e dizer, por escrito, o que causou essa sensação. Por fim, revelar o autor das mesmas e novamente prestar atenção nas reações. Organizar as repostas em forma de cartaz e expor na sala de aula ou corredor.

As sugestão de atividades seriam pedir que escolham uma frase façam sua leitura crítica dela; e propor cartaz de exposição

Ao fim, avaliar como cada aluno expressa-se por escrito em um momento de intensas sensações de indignação, raiva e tristeza.

3.16 O racismo nos noticiários

No ano de 2023, a Gerência de Educação Étnico Racial, pertencente à Secretaria

Municipal de Educação, pediu que todos as turmas da Rede Municipal fizessem uma tarefa com notícias de jornais com casos de racismo e que o tema fosse trabalhado em sala de aula, com interpretação das notícias e debates sobre as mesmas e que se aproveitasse o momento para se debater o tema do racismo em sala de aula, visto que mesmo com a implementação da Lei 10639/03, poucas escolas promovem esse debate, na verdade, poucos professores.

Apesar desse debate ser constante em minha turma, realizei a tarefa proposta, até porque tínhamos que enviar fotos, para comprovar a realização da tarefa, inclusive fotos dos trabalhos realizados. Acredito que deve ter sido o único momento em que toda rede parou para debater racismo.

Para a seleção das notícias me baseei nos interesses da turma, que no momento estavam muito incomodados com a situação do jogador de futebol, Vinícius Júnior e as inúmeras situações de racismo que ele sofria.

Junto com essa tarefa, aproveitei para explicar a questão do racismo ao longo mundo, as diferentes maneiras de que o negro é visto ao longo do mundo e como isso pode ser mudado. Fiz um passeio pela história do racismo para mostrar que mesmo que este se apresente de forma diferente nos variados países, ele sempre está lá e fere quem sofre da mesmo forma.

Aproveitando que essa tarefa foi proposta pela GERER, coloquei também uma notícia da cidade de São José, em Santa Catarina que nos informava que os professores teriam formação continuada no combate ao racismo e debatemos a importância dessa iniciativa e como isso poderia ajudar a se mudar o fato da escola ser tão hostil aos alunos negros.

3.17 Plano de aula para trabalhar com notícias de jornal

Os objetivos seriam de propiciar aos alunos a reflexão de forma crítica sobre as notícias do Brasil e do Mundo a cerca do Racismo; explorar temas da atualidade e proporcionar a troca de ideias entre eles; e estimular a leitura de notícias on line ou em jornais e revistas físicos

Os objetivos específicos seriam de estimular a concentração e leitura; fazer com que aprendam a ouvir a opinião dos outros e debater sem brigar; e conhecer diferentes realidades e modos de lidar com o mesmo tema

O conteúdo trabalhado seria tratar a questão do Racismo ao longo do mundo.

Os recursos seriam as notícias impressas de jornais *on-line* por mim; folha de caderno para a produção textual dos grupos; e cartaz para colocar o material produzido e expor e fotografar

A metodologia do trabalho seria a de separar a turma em 4 grupos e entregar uma notícia a cada grupo. Pedir que leiam em voz alta para um debate coletivo das mesmas e só após pedir que façam o debate do grupo. No final, fazer a explicação do racismo no mundo e da importância da formação continuada dos professores.

As sugestões de atividades seriam de debate e consequente produção textual em grupo; fazer um debate único com a turma após ler cada notícia; e fazer um grande cartaz com as notícias e os textos dos grupos.

Por fim, avaliar o poder de concentração e respeito às opiniões.

3.18 Interpretando frases racistas

Outro tipo de exercícios realizados com a turma foi à interpretação de falas e frases racistas, onde eu escrevia ou no quadro e eles copiavam ou em folhas e cada aluno retirava a sua frase. Este tipo de tarefa serviu também para trabalhar a interpretação de texto e a produção textual, habilidades da BNCC com as quais eles tinham muita dificuldade inicialmente.

Quando a frase era de algum intelectual, eu falava sobre o autor, se possível passava algum vídeo ou mostrava uma foto. Quando eram frases do senso comum eu falava sobre o quanto as frases eram repetidas sem ao menos se pensar sobre, o quanto isso está relacionado ao racismo estrutural em nossa sociedade.

Às vezes eles questionavam o repetir o tipo de atividade outras me cobravam se não passaria naquela semana. A relação deles com esse projeto foi algo que muito me chamou atenção devido a grande aceitação deles, eu quando propus não imaginava o quanto eles se envolveriam com a temática, com os tipos de atividade, visto serem uma turma com grande dificuldade de escrita e leitura, inicialmente, mas pude perceber o quanto eles “cresceram” com esse projeto e eles mesmos perceberam isso e falavam, principalmente ao relerem seus antigos textos.

Dentre as frases temos:

✓ “Eu tinha lido que o Brasil é a Meca das raças, mas quando fui ao Rio,

ninguém que estava nos restaurantes e hotéis caros se parecia comigo.” (Chimamanda Ngozie Adichie);

✓ “Não é preciso ser negro para enxergar o racismo, mas tem que ser branco para negá-lo.” (Connie Marble);

✓ “Se você é negro, a polícia primeiro bate e depois pergunta.” (Todo Mundo Odeia o Chris, seriado de TV)

✓ “Preconceito é a incapacidade de perceber que somos todos iguais;

✓ “O racismo é a prova de quanto ainda somos primitivos.”

✓ “Quando a sua brincadeira constrange o outro, não é só brincadeira é desrespeito.

✓ “Não precisa ser negro para lutar contra o racismo, só precisa ser humano.”

✓ “O racismo é uma doença alojada na mente pequena de quem o pratica.”

✓ “O meu cabelo não é ruim, ruim é o seu preconceito.”

✓ “Odiar as pessoas por causa de sua cor é errado. E não importa qual a cor de odiar. É simplesmente errado.” (Muhammad Ali)

✓ “O racismo não é uma doença, é um mal real. (“Ellen Oléria)

✓ “Não sou descendente de escravos. Sou descendente de pessoas que foram escravizadas. (Makota Waldinha)

✓ “Nem venha me dizer que isso é vitimismo. Não bote a culpa em mim para encobrir o seu racismo.” (Bia Ferreira)

✓ “Se todas as vidas importassem, não precisaríamos proclamar enfaticamente que a vida dos negros importam.” (Angela Davis)

✓ “O que existe no Brasil efetivamente, é uma divisão social do trabalho. Por conseguinte, não é por coincidência que a maioria quase absoluta da população negra brasileira faz parte da massa marginal crescente.” (Lélia González, 1989)

✓ “Tudo é mais difícil para um negro. Você tem que provar 100 vezes que você é o melhor. É cansativo, duro, doloroso. Se você não tiver uma força extraordinária, não consegue passar por isso.” (Glória Maria)

✓ “Numa sociedade racista, não basta não ser racista, é necessário ser antirracista.” (Angela Davis)

✓ “O imaginário brasileiro pelo racismo não concebe reconhecer que as mulheres negras são intelectuais.” (Conceição Evaristo).

✓ “Para que a discussão se amplie é fundamental compreender que estamos em

um lugar de tratamento diferente. É preciso reconhecer o racismo.” (Marielle Franco).

- ✓ “O racismo é ridículo não importa de onde venha.”
- ✓ “Você é uma negra bonita.”
- ✓ “Você não é tão negra assim.”
- ✓ “Ainda bem que você é uma negra de traços finos.”
- ✓ “Seu cabelo é macio, pensei que era duro.”
- ✓ “Como você lava esse cabelo”?
- ✓ “Seu cabelo liso fica mais elegante.”
- ✓ “Você tem uma beleza exótica.”
- ✓ “Lá vem o chefe com seu humor negro.”
- ✓ “Que serviço de preto.”
- ✓ “Ela é uma negra bonita.”
- ✓ “Ela é um mulata bonita.”
- ✓ “Eu até tenho amigos pretos.”
- ✓ “Chuta que é macumba”
- ✓ “Pensa que eu sou tuas negas.”
- ✓ “Ela é da cor do pecado.”
- ✓ “Ela parece que nasceu com o pé na cozinha.”
- ✓ “Com uns 8 anos comecei a comprar pão sozinho e percebi que as pessoas me olhavam atravessado, com medo. Não me olhavam como uma criança, mas com medo.”

(Baco Exu do Blues)

- ✓ “Preto parado é suspeito, correndo é ladrão.” (Patrícia Alves Melo).
- ✓ “Hoje comprovamos que o fantasma da escravidão continua a rondar esse país”

(Paulo Vieira)

✓ “Em nós, até a cor é um defeito. Um insuportável mal de nascença, o estigma de um crime. Mas nossos críticos se esquecem que essa cor é a origem da riqueza de milhares de ladrões que nos insultam.” (Luiz Gama)

✓ Luta contra o racismo é um ato de Defesa dos Direitos Humanos.” (Kely Nascimento)

✓ “Uma coisa que para mim é muito difícil, mas é necessário dizer: o Brasil odeia pessoas negras e odeia mais ainda mulheres negras.” (Luana Xavier)

- ✓ “O racismo é um monstro de grande complexidade.”(Kabengele Munanga).

✓ “Não precisamos ser negros para lutarmos contra o racismo. Só precisamos ser humanos. (Verinha Sfalsin)

✓ “Branco não é uma cor. Branco é uma definição política que representa privilégios sociais e políticos de certo grupo que tem acesso às estruturas dominantes e instituições da sociedade. Branquitude representa a realidade e história de certo grupo.”(Grada Kilomba).

Em outra atividade pedi que eles escrevessem o que eles pensavam que seria necessário para combater o racismo em nossa sociedade.

3.19 Plano de aula sobre interpretação de frases racistas

Os objetivos seriam de promover a discussão e entendimento de frases populares e não tão populares; perceber o que está sendo dito e como isso afeta uma parcela da sociedade brasileira; e compreender o quanto o Racismo encontra-se enraizado em nossa sociedade e por isso ser tão difícil acabar com ele.

Os objetivos específicos seriam de ressignificar frases racistas; estabelecer diálogo e compreensão em grupos; promover o entendimento negativo dessas frases; e fazer com que percebam o contexto histórico em que essas frases eram mais utilizadas.

O conteúdo trabalhado seria a questão do negro na história do Brasil e do mundo e como o vocabulário ajuda na disseminação do preconceito racial.

Os recursos necessários seria o quadro branco; caneta de quadro; folhas de papel ofício; folhas de caderno; internet, projetor e computador

A metodologia do trabalho seria de escrever as frases ou no quadro branco ou em folhas e pedir que copiassem ou escolhessem uma das folhas para desenvolver seu texto sobre a frase. Explicar quem falou a frase, mostrando um vídeo ou uma imagem do autor, sempre que a sala de vídeo estivesse disponível ou estivéssemos com acesso à internet. E, retomar a discussão sobre Racismo, Branquitude, e como isso se perpetua ainda em nossa sociedade.

As sugestões de atividades seriam a de realizar um debate sobre as frases e anotar as falas mais significativas; propor que cada um faça a análise interpretativa de suas frases e depois exponha pra turma; e trabalhar a questão da biografia dos autores das frases.

Para a avaliação, levar em consideração o poder de análise, interpretação e pensamento crítico de cada aluno.

3.20 O que aprendi com Conceição Evaristo

Após ler com eles o livro sobre Conceição Evaristo da Coleção Black Power, assistir alguns vídeos dela e sobre ela no Youtube e ter uma conversa com a turma, propus a eles escrever sobre o aprendizado deles com Conceição Evaristo, e o que me chamou atenção foi o fato deles falarem ter aprendido que mesmo sendo negro, favelado, é possível alcançar seus sonhos. Eles se identificaram com a escritora, nessa questão de cor da pele e origem social.

3.21 Plano de aula para análise de personalidade

Os objetivos seriam de apresentar uma personalidade negra e com isso mostrar que eles podem ser o que desejarem; e fazer com que eles usem de sua criatividade para descobrir questões da vida da personagem antes de serem apresentados

Os objetivos específicos seriam de provocar a curiosidade e interesse deles por personalidades negras; apresentar um mundo até então desconhecido para eles; promover a curiosidade e desejo de conhecer cada vez mais pessoas que como eles são negras e muitas vezes pobres também.

O conteúdo trabalhado seria de apresentar as personalidades dentro do contexto histórico em que elas se inserem, por exemplo, Luiz Gama, falar sobre ele ao tratar dos abolicionistas.

Os recursos necessários seriam os livros sobre a personalidade da Coleção Black Power, ou algum outro livro que conte a história do personagem; Vídeo sobre a pessoa, ou da própria pessoa falando; folhas para que eles coloquem suas impressões sobre o que viram e ouviram; se a personalidade tiver um filme autobiográfico também pode ser passado aos alunos.

A metodologia de trabalho seria a de perguntar a turma quem eles acham que iremos “conhecer”, o que faz, qual a cor da pele, onde mora, idade e anotar no quadro essas respostas; Ler o livro sobre a personalidade e então verificar quem acertou, mas deixando claro que não se trata de uma competição, mas apenas uma “brincadeira” para começar a aula; Expor os vídeos sobre a personalidade ou da própria personalidade para que possam visualizar a pessoa de quem leram o livro; Passar para eles o filme biográfico,

caso o personagem da aula possuía; e Mostrar como aquela pessoa está inserida no contexto histórico estudado, mostrando assim a relação da figura com o Ensino de História.

As sugestões de atividades seriam de pedir uma lista sobre o que pensam sobre a personagem; Texto sobre suas impressões sobre a personalidade e o que aprenderam; e Roda de debate para discutir as descobertas.

Por fim, avaliar o poder de concentração e síntese dos alunos.

3.22 “Que bloco é esse, eu quero saber, é o mundo negro que viemos mostrar para vocês”

O trabalho no qual eu percebi uma grande “empolgação”/ entusiasmo dos alunos em realizar foi o de Biografias de Personalidades e Intelectuais negros”, pois eles puderam se identificar com alguns casos, conhecer nomes desconhecidos por eles ou aprender mais sobre nomes já conhecidos.

Esse trabalho aconteceu em 3 momentos: o pontapé inicial desse projeto, como já falado aqui. No 2º momento, no final do ano de 2022, deixei que eles escolhessem as personalidades e no terceiro momento, em 2023 pesquisamos personalidades trabalhadas por nós e alguns outros nomes que eles se encantaram em conhecer, e sem eu solicitar, conversavam entre eles sobre seus escolhidos.

Nesse momento final, fiz uma lista com nome das personalidades e fizemos sorteio, de quem pesquisaria o que, e eles estavam ansiosos e curiosos para saber o que aprenderiam e sobre quem.

Os nomes pesquisados nesse trabalho foram:

- ✓ Joel Rufino dos Santos
- ✓ Abdias Nascimento
- ✓ Marielle Franco
- ✓ João Cândido
- ✓ Chimamanda Ngozi Adichie
- ✓ Lázaro Ramos
- ✓ Lélia Gonzalez
- ✓ Carolina Maria de Jesus
- ✓ Conceição Evaristo

- ✓ Grada Kilomba
- ✓ Machado de Assis
- ✓ bell hooks
- ✓ Kabengele Munanga
- ✓ Zezé Mota
- ✓ Juliano Moreira
- ✓ Zumbi dos Palmares
- ✓ Djamila Ribeiro
- ✓ Lima Barreto
- ✓ Gilberto Gil
- ✓ Conceição Evaristo
- ✓ Martinho da Vila
- ✓ Clementina de Jesus
- ✓ Heitor dos Prazeres
- ✓ Tia Ciata
- ✓ Milton Gonçalves
- ✓ Cartola
- ✓ Ismael Silva
- ✓ André Rebouças
- ✓ Jovelina Pérola Negra
- ✓ Milton Nascimento
- ✓ Dona Ivone Lara
- ✓ Emicida
- ✓ Maria Firmina dos Reis
- ✓ Luiz Gama
- ✓ Otávio Junior
- ✓ Sueli Carneiro
- ✓ Cruz e Souza
- ✓ Milton Santos
- ✓ Angela Davis
- ✓ Malcom X
- ✓ Mandela
- ✓ Laudelina de Campos Melo
- ✓ Seu Jorge

O intuito da pesquisa de biografias negras foi o de trazer representatividade aos alunos negros, periféricos, possibilitando assim a percepção deles de que mesmo sendo marginalizados pela sociedade, eles podem e devem ocupar todos os espaços aos quais desejarem estar. Ao ler essas biografias, os discentes se reconheciam nas histórias de vida e comentavam o quanto era “legal” saber da existência de negros famosos, médicos, advogados, ainda mais em uma época onde o racismo se dava de forma mais intensa – palavras deles.

3.23 Plano de aula com pesquisa de personalidade negra

Os objetivos seriam de apresentar trajetórias de personalidades negras; e fazer com que percebam que o racismo não é impeditivo de realizar sonhos

Os objetivos específicos seriam de provocar a curiosidade e interesse deles por personalidades negras; apresentar um mundo até então desconhecido para eles; e promover a curiosidade e desejo de conhecer cada vez mais pessoas que como eles são negras e muitas vezes pobres também.

O conteúdo trabalhado seria de mesclar as biografias com os conteúdos de História, como por exemplo, falar de Luiza Mahin, quando falar de Revolta dos Malês, ao tratar de Rebeliões na Primeira República falar sobre João Cândido e a Revolta da Chibata.

Os recursos necessários seriam de livro sobre a personalidade da Coleção Black Power, ou algum outro livro que conte a história do personagem; Vídeo sobre a pessoa, ou da própria pessoa falando; folhas para que eles coloquem suas impressões sobre o que viram e ouviram; e se a personalidade tiver um filme autobiográfico também pode ser passado aos alunos.

A metodologia de trabalho seria a de perguntar a turma quem eles acham que iremos “conhecer”, o que faz, qual a cor da pele, onde mora, idade e anotar no quadro essas respostas; Ler o livro sobre a personalidade e então verificar quem acertou, mas deixando claro que não se trata de uma competição, mas apenas uma “brincadeira” para começar a aula; Expor os vídeos sobre a personalidade ou da própria personalidade para que possam visualizar a pessoa de quem leram o livro; Passar para eles o filme biográfico, caso o personagem da aula possua; e Mostrar como aquela pessoa está inserida no contexto histórico estudado, mostrando assim a relação da figura com o Ensino de História.

As sugestões de atividades seriam de pedir uma lista sobre o que pensam sobre a

personagem; Texto sobre suas impressões sobre a personalidade e o que aprenderam; e Roda de debate para discutir as descobertas.

E avaliar o poder de concentração e síntese dos alunos.

3.24 Exposição “Sankofa: não é tabu voltar atrás, buscar o que esqueceu”

Durante os dois anos em que estivesse como professora dessa turma do Vidigal, eu tomei o cuidado de guardar todos os trabalhos feitos por eles, mesmo após a primeira exposição destes no ano de 2022, no corredor da escola. Essa iniciativa foi tomada já pensando na possibilidade de fazer algo ainda maior no final do projeto em 2023. Alguns trabalhos ficaram no armário da sala de aula, que ficava trancado e só eu tinha a chave e os cartazes ficaram na minha casa, para uma melhor acomodação.

Próximo a novembro de 2023, conversei com eles sobre a possibilidade de fazermos uma exposição dos trabalhos realizados nos corredores da escola e eles acharam a ideia muito boa, mas ficaram com receio da direção não permitir, devido todos os problemas que tivemos para realizar esse estudo. Eu os tranquilizei dizendo que seria feito e que seria lindo, pois eu usaria a Lei 10639/03 a nosso favor e falaria que esta exposição seria meu tema da pesquisa de mestrado, por isso não poderia deixar de realizar, e assim foi feito e tivemos o “aval” da direção da escola para realização.

O nome escolhido para a exposição foi “Sankofa: não é tabu voltar atrás, buscar o que esqueceu”, em homenagem ao documentário que eles tanto gostaram e ao pássaro Sankofa, que é um ideograma africano, que significa “voltar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”, seu símbolo é um pássaro com a cabeça virada para trás ou duas voltas justapostas, espelhadas, fazendo alusão a um coração.

A palavra Sankofa, é de origem ganesa e formada pelos termos “san” (voltar), “ko” (ir) e “fa” (buscar). Esse conceito é oriundo de um provérbio tradicional dos povos de língua Akan, da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Este símbolo faz parte de um conjunto de ideogramas chamado adinkra. O símbolo faz parte da cultura dos povos escravizados trazidos para o Brasil durante o processo de escravização da população africana.

Outro ponto determinante para a escolha do tema foi o fato do termo Sankofa encontrar-se relacionado com a importância do estudo de história e cultura africana e afro-americana.

Por se tratar de uma exposição de trabalhos, algo que demandaria uma grande mobilização e tinha como foco mostrar às outras pessoas o que a turma havia feito e também tratar da questão da Educação Étnico Racial, decidimos que seria interessante a elaboração de um convite para ser entregue aos professores, funcionários, equipe diretiva e também para os responsáveis. Enviei o convite também para a GERER, Secretário de Educação e para a 2ª Coordenadoria de Educação, que sequer responderam .

Elaboramos convites para responsáveis, professores e demais funcionários da escola, membros da 2ª Coordenadoria de Educação que não puderam comparecer e membros da GERER – Gerência de Educação Étnico Racial da Secretaria Municipal de Educação, que não nos responderam.

Os alunos tomaram para si a responsabilidade de organizar a exposição e a ordem dos cartazes e na primeira parte da exposição, colocaram algumas falas de pensadores negros, seguido pelos cartazes de História do continente africano e grupos étnicos e biomas. Após essas estações encontrávamos a de cultura, religião e alimentação.

O próximo setor foi destinado às personalidades negras, seguido das frases analisadas, análise de filmes e trabalho sobre Dia da Favela. Próximo à entrada da sala de aula, eles colocaram os cartazes sobre a Lei 10639/03, 100 anos das Camisas Negras, Racismo, Antirracismo, Racismo Ambiental e Racismo Recreativo. Da mesma forma que eles definiram quem seria o responsável por cada setor.

No interior da sala de aula, como mencionado anteriormente ficaram os trabalhos que não foram fixados em cartazes e também os livros lidos e livros dos autores que trabalhamos em sala de aula.

É fácil imaginar o quanto foi difícil realizar esse trabalho em um espaço altamente tóxico/racista, mas isso nos deu mais força para seguir e montar a exposição. As dificuldades foram muitas, desde conseguir cartolina para realização dos cartazes, como achar uma data para a exposição. Muitas das cartolinas e papel pardo ou 40 kg foram comprados por mim ou pelos alunos e algumas conseguimos dando o “golpe da cartolina”, como eles chamaram, pois no final de outubro o professor de Língua Estrangeira realizou o Concurso da Porta mais Enfeitada para o Halloween, e para tal evento ocorreu farta distribuição de material, percebendo isso, os alunos começaram a pedir cartolinas com a desculpa de ser para porta, mas sempre sobrava uma ou duas folhas, e as usávamos para fazer os cartazes.

No dia da Exposição, 22 de novembro de 2023, enfrentamos alguns problemas na fixação dos cartazes nas paredes, pois estava muito quente nesta data e as fitas não colavam. Todos estávamos tentando resolver o problema enquanto três funcionários da escola, estavam

sentados no corredor rindo do nosso desespero e debochando dos alunos. Uma aluna do nono ano, viu a cena e foi ajudar e no final conseguimos organizar tudo.

Foram tantos trabalhos, porém nem todos foram para cartazes, mas ficaram expostos na sala de aula, junto com os livros lidos e dos autores trabalhados, parte do meu acervo pessoal. Para os responsáveis, professores e funcionários havia um pequeno lanche, para simular um coquetel.

Alguns responsáveis foram prestigiar o evento e ficaram felizes com o resultado dos trabalhos de seus filhos, com a valorização que estava sendo dada a eles.

Alguns professores quando foram chamados pelo Coordenador para levar a turma na qual estavam, negaram-se a prestigiar a exposição, dizendo não serem obrigados a “ver” coisas de preto. Quatro professores parabenizaram a turma, e fizeram muitos comentários positivos sobre a iniciativa. Dois professores falaram:” ainda bem que “aquela palhaçada” não é em meu dia na escola.

Um professor, de história, ficou fazendo perguntas descabidas aos alunos, como se era naquele grupo étnico para o qual tinha que levar uma vaca caso fosse visitar. Como eu já havia orientado a turma para não responder as perguntas sem sentido apenas ouvirem, sorrir e me chamar eu mesma respondi dizendo ao docente que o cunho do trabalho era sobre a História, localização do povo e não curiosidades, mas se ele quisesse o aluno poderia consultar o Google pelo meu celular e responder a ele, o qual disse não ser preciso. Ao passar pelas meninas responsáveis pelos cartazes sobre Jongo, disse não ser preciso explicarem explicar nada porque ele já sabia tudo, pois tinha trabalhado com um “mulher que praticava esse treco”; as meninas sorriram e deixaram-no ir, para o setor das personalidades e intelectuais negras, onde a dupla destinada a esse espaço questionou quantas personalidades ele conhecia e ele disse conhecer apenas as atrizes e atores da Rede Globo de Televisão e não ter nunca ouvido falar dos outros nomes, entre os quais Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Cartola, então as alunas falaram que eu poderia emprestar os livros lidos durante o projeto ou poderiam mostrar a ele os livros, pois estavam na sala de aula, cenário final da exposição.

Outra figura da escola que demonstrou surpresa pela quantidade de trabalhos além de significativo desconhecimento sobre pontos presentes na exposição foi a Diretora da Escola, que fazia coro aos professores racistas, mas teve que aceitar que em sua gestão a escola promoveu um grande trabalho direcionado à educação antirracista, e que ela não fez parte do mesmo em nenhum momento, mas foi corajosa em pedir para levar os trabalhos e os expor na Coordenadoria de Educação a qual a escola encontra-se subordinada e ouviu que aqueles

lindos cartazes não poderiam sair da escola porque faziam parte do meu trabalho de mestrado e por isso não poderiam ser expostos em outro espaço antes da defesa da dissertação.

Como podem perceber foram dois anos de muito desafio e briga, na escola, mas tinha o apoio da turma e dos responsáveis e uma Lei Federal me conduzindo nesse caminhar. E minha maior gratificação foi saber que fiz os meus alunos multiplicadores do antirracismo em seus espaços sociais.

3.25 Uma experiência em sala de aula Pós as aulas do ProfHistória

No ano de 2024 ingressei em uma nova escola, mas seguia como professora de turma do Projeto Carioca, o que me facilitava seguir com o projeto de educação antirracista, porém após as aulas e leituras proporcionadas pelo Mestrado Profissional em História pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Com o curso percebi que mesmo tendo feito um bom trabalho em 2022/2023, este poderia ser melhorado e mais focado no Ensino de História e por isso pautei os trabalhos nos estudos de biografias negras, em livro e filme e em análise de letras de músicas sobre a temática do racismo. Outra ideia surgida ao longo do ano foi à realização de um jogo da memória utilizando essas personalidades e também um do estilo, você sabia, para falar de palavras do nosso vocabulário que possuem origem africana.

A opção pelo trabalho com biografia se deu devido ao fato de ser de muita importância na busca de uma identidade de um presente que se encontra pautado entre outros pontos pela crise de utopia, como demonstra Schmidt (2000). Esse gênero também se caracteriza como um facilitador da discussão histórica porque de alguma forma estimula a curiosidade dos discentes sobre os fatos e personagens que são tratados. É de suma importância deixar salientado que ao trabalhar com biografias históricas não pretendemos retomar a história dos grandes heróis, apenas estabelecer uma contribuição com a História Sociocultural.

Optamos pelo uso de biografias por acreditarmos que Ensinar História por meio de personalidades históricas nos ajuda a fornecer os meios necessários para fazer com que os alunos sejam apresentados aos personagens e se interesse através deles aos momentos históricos em que este se insere.

Temos que ter em mente que a utilização da Literatura nas aulas de História é muito proveitosa, pois associa a importância do que se viveu, do que ocorreu, com os

acontecimentos históricos, fornece uma base para a construção de saberes em ensino de história e estimula o interesse dos alunos em aprender História.

Os historiadores percebem os autores de obras literárias como sendo uma fonte de se estudar e aprender sobre outras temporalidades, pois permite ao aluno conhecer e compreender como era a vida na sociedade que está sendo analisada nas aulas.

Outra mudança no modo de realizar esse trabalho em sala de aula foi à elaboração de jogos com cunho antirracista, como jogo da memória com as personalidades negras estudadas, aqui nos aproximamos do trabalho com biografias e outro jogo que mostrará que muitas palavras do nosso vocabulário são de origem africana.

A ideia da utilização de jogos para reforçar a educação antirracista dentro do Ensino de História ocorreu, pois acreditamos que os jogos nos auxiliam no processo de tornar a aula mais dinâmica e atrativa para nossos alunos que vivem em um mundo de jogos eletrônicos e redes sociais. Esse recurso pedagógico também promove uma maior interação social entre os discentes, pois eles se veem obrigados a interagir para que o jogo ocorra, além de contribuir para melhoria na concentração, formulação de estratégia e faz com eles tenham que se articular e trocar ideias para elaboração das regras do jogo, por exemplo.

Segundo o teórico da educação Jean Piaget (2007), o jogo torna-se algo essencial ao desenvolvimento cognitivo de crianças e adolescentes, pois ele exercita a sensibilidade motora e auxilia no arquivamento de símbolos ou imagens. E aqui entra a importância do jogo da memória, pois por meio das imagens de personalidades, auxilia o aluno a conhecer a personalidade e o contexto histórico em que este está inserido. Segundo o autor, os jogos auxiliam de uma forma leve e descontraída o processo de ensino aprendizagem, pois através da “brincadeira” o discente apreende o conteúdo, sem aquela formalidade “chata” das aulas tradicionais.

Por fim, acreditamos que os jogos sejam uma excelente ferramenta pedagógica para o Ensino de História, a partir do entendimento que ele possibilita aos alunos a competência de conectar explicações, conceitos, acontecimentos e personagens de um modo lúdico e criativo, aumentando consequentemente seu interesse pela disciplina.

Nessa nova escola minha realidade de trabalho foi o oposto da primeira, pois a própria diretora na reunião de abertura do ano letivo, pediu que os professores de História da Casa fizessem esse trabalho de Educação Antirracista, dando a nós liberdade para trabalhar do modo como achássemos melhor. Destarte pautei o trabalho na turma do Projeto Carioca 2 na análise de Biografias de Personalidades Negras, em músicas que tratem do tema Racismo, em palavras de nosso vocabulário que são de origem africana e aproveitei uma atividade do

próprio material pedagógico da Prefeitura que pedia a releitura de frases racistas que estão no vocabulário popular.

Chegando ao quarto bimestre, próximo à feira cultural, surgiu a ideia de elaborar jogos para que o projeto ficasse mais atrativo aos pais e demais alunos, e então produzimos o jogos já mencionados acima.

Durante o ano de 2024 pude perceber que mesmo sendo uma escolta tão aberta a esse debate, a turma não demonstrava tanto entusiasmo pelo tema, mesmo sendo também composta por maioria de alunos negros, que também apresentaram dúvidas quanto à questão da auto declaração, e inicialmente no projeto foi feita essa explicação sobre colorismo para que eles pudessem se autodeclarar. E para chegar na percepção da dificuldade de se “definir” eu perguntei na turma quantos alunos se entendiam como negros, sem explicar o que significa isso, e apenas 11 se colocaram. Expliquei as questões tanto do fenótipo quanto genótipo e refiz a pergunta e passamos a ter 20 alunos, numa turma de 30 alunos, com 5 alunos brancos, 9 pardos, 16 pretos. Mas um fato seguiu me chamando atenção o pouco quantitativo de professores negros, num total de 27 apenas 6 são negros.

3.26 Plano de aula com uso de jogo da memória

Os objetivos seriam de aprimorar a concentração e a capacidade de memória dos alunos; e avançar na aprendizagem e reconhecimento das personalidades negras e de seus contextos históricos.

Os objetivos específicos seriam de dinamizar as aulas de história nos aproximando do universo dos alunos que tem baixo poder de concentração e em reter informação; e aumentar a capacidade de interação dos alunos e até mesmo dos alunos com o professor

O conteúdo trabalhado seria da História Geral e do Brasil pautado na época em que a personalidade em questão esteve viva e atuante.

Os recursos necessários seriam folhas de papel ofício branca; impressora; lista com nome das personalidades e um resumo sobre vida e obra destas; EVA preto para colocar o que for impresso em folha de ofício; e plástico transparente para proteger o material

Para a metodologia de trabalho, podemos organizar essa aula/atividade em algumas etapas para sua melhor execução:

- i. Organização: embaralhar as cartas e colocar todas elas viradas para baixo em

cima da mesa.

- ii. Jogar: o primeiro a jogar deve virar duas cartas de sua escolha e mostrar as mesmas aos demais alunos, se elas forem correspondentes (rosto e explicação), o jogador marca ponto e retira esse par do jogo, ficando com ele em sua mão. Agora, se as cartas não formarem um par correspondente, ele deve deixá-las no mesmo lugar. Os outros jogadores devem repetir esse processo até ser retirado o último par de cartas. C) Pontuação: cada par de cartas que o jogador conquistar valerá uma quantidade de ponto que será combinada previamente entre os alunos. Um aluno que esteja de fora da rodada deverá anotar a pontuação de cada jogador ou em uma folha ou no quadro branco e no término do jogo realizar o somatório determinando o campeão aquele aluno com mais pontos acumulados e aquele que tiver menor número de pontos será o perdedor. E assim pode-se iniciar outra rodada com outro grupo de alunos.

As sugestões de atividades seriam a de preparar a turma em duplas para jogarem; realizar um campeonato da Memória; e propor a leitura do card. em voz alta para que todos saibam quem foi à personalidade “sorteada”.

Por fim, avaliar o poder de concentração, competitividade sem agressividade e de aprendizado de cada aluno envolvido.

3.27 Plano de aula para jogo do Você Sabia

Os objetivos seriam de promover o conhecimento da origem dos vocábulos que usamos; e desenvolver a habilidade de perceber que as disciplinas encontram-se interligadas, visto que vocabulário seria uma atividade de Língua Portuguesa.

Os objetivos específicos seriam de desenvolver a curiosidade dos alunos por entender a formação dos vocábulos utilizados no nosso cotidiano; promover a interdisciplinaridade; e estimular a curiosidade pela origem das palavras de nossa língua

O conteúdo trabalhado seria o contato do africano com o português no período colonial e imperial no Brasil e a mescla cultural fruto desse encontro.

Os recursos necessários seriam folhas de papel ofício branca; impressora; lista com vocábulos e seus significados e origem, pesquisados pelos alunos; EVA preto para colocar o que for impresso em folha de ofício; plástico transparente para proteger o material

Para a metodologia de trabalho, podemos organizar essa aula/atividade em algumas

etapas para sua melhor execução:

- i. Organização: embaralhar as cartas e colocar todas elas em uma pilha de cartas sobre uma mesa.
- ii. Jogar: o primeiro a jogar deve virar a primeira carta, escolher outro jogador e perguntar Se ele sabe a origem e significado do vocábulo da carta.
- iii. Pontuação: se o aluno escolhido responder certo, marca ponto, caso não acerte o jogador que perguntou marcará, as duplas serão trocadas a cada rodada, mas um jogador poderá ser escolhido mais de 1 vez para responder. Caso algum aluno saiba a resposta, pode levantar a mão e responder, marcando ponto assim. Um aluno ficará responsável pela pontuação, e ganhará o jogo o aluno que fizer mais pontos.

As sugestões de atividades seriam a de preparar a turma em grupos para jogarem; realizar um campeonato do Vocabulário; e propor a leitura do card. em voz alta para que todos saibam a resposta.

Por fim, avaliar o poder de concentração, competitividade sem agressividade e de aprendizado de cada aluno envolvido.

Todas essas atividades foram baseadas nas competências gerais propostas na BNCC⁴² e conforme as competências números 3,4 e 6 que afirmam:

valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais as mundiais, e também participar de práticas diversificadas de produção artístico – cultural.

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral visual- motora, como Libras e escrita), corporal, visual, sonora e digital -, bem como conhecimento das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Com essas atividades pude perceber que proporcionalmente ao fato de ganharem maior agilidade de raciocínio, os alunos vão ampliando seus códigos de leitura e de escrita, tão importantes no processo de ensino aprendizagem,

⁴² A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades de Educação Básica.

E assim terminamos o trabalho no ano de 2024, visto que a Feira Cultural foi suspensa devido a uma Greve da Rede Municipal de Educação que lutava por seus direitos que estavam sendo ameaçados, mas os trabalhos foram guardados igualmente aos jogos que serão utilizados em outros momentos.

Não só termino o ano de 2024, mas a minha proposta pedagógica para o curso do Mestrado Profissional em História, com a criação dos Planos de Aulas de temáticas diferentes para que a luta por uma educação antirracista não seja travada por um escola racista ou pelas demais dificuldades impostas pelas redes públicas de ensino.

4 PROPOSTA PEDAGÓGICA - DO TRADICIONAL AO CONTEMPORÂNEO: USO DE MÍDIAS DIGITAIS PARA DIVULGAÇÃO DE ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Criar meu website, fazer minha homepage, com quantos gigabytes se faz uma jangada e um barco que veleje... (Gilberto Gil, 1997)

4.1 O que é história e ensino de história?

Antes de darmos início ao real propósito deste capítulo, precisamos deixar explicado o que entendemos como História e Ensino de História e só após isso, poderemos seguir com as justificativas dessa proposta pedagógica.

História é uma palavra de origem grega que significa investigação. Tem sua origem no século VI a.C, no mundo ocidental, como hoje é compreendida, teve seu início na região mediterrânea.(Borges, Vavy, 1993)

O verbete História no dicionário Aurélio (2008) apresenta muitos significados, dos quais podemos citar: passado da humanidade, o estudo desse passado; simples narração; compilação, entre outros.

Também podemos perceber essa ciência como sendo a história das transformações humanas, desde o surgimento do homem na terra até a atualidade, e com isso podemos inferir que somos parte da história, tendo cada um de nós um papel nela.

Desde seu surgimento, a História teve como fundamento explicar para a sociedade sua origem, sua formação. Atualmente, ela encontra-se cada vez mais próxima de outras áreas do conhecimento, como antropologia, sociologia, com o intuito de explicar a dimensão que o ser humano teve e tem na sociedade, sendo hoje em dia, a História uma ciência bastante fecunda, sobretudo após essa aproximação.

O termo “história” pode ser atribuído a três escolhas, a primeira seria sobre o que aconteceu em determinado espaço – tempo e que pertencem ao passado humano, e que para se tiver conhecimento sobre seja necessário recorrer às fontes históricas. A segunda escolha está relacionada a investigação do ocorrido e o terceiro sentido diz respeito ao “produto final” que seriam o resultado as pesquisas sejam artigos, livros, pesquisas. Sendo assim podemos entender a palavra História se remete tanto ao acontecimento como seu processo de reconstrução e o resultado dessa investigação. E com isso, percebemos que o conteúdo da

teoria da história seria o conjunto do processo investigativo da história e como isso chega à sociedade seja em forma de livros, artigos, filmes, documentários e hoje em dia sites com esses conteúdos.

Precisamos compreender a História como sendo uma ciência envolta em uma espécie de fazer orgânico, ela é viva e mutável, ao contrário da Matemática que é uma ciência exata / imutável. Uma obra escrita há cerca de 100 anos sobre um determinado fato, atualmente ainda apresenta validade enquanto documento, porém nada impede que a visão do seu autor tenha sido superada por novas pesquisas.

O historiador francês Henri Moniot em Bittencourt (2004) faz ponderações sobre a História enquanto disciplina escolar, ao pesquisar suas especificidades conclui que seu ensino, no final do século XIX assegurou a existência da História universitária e que a divisão desta em grandes períodos, criada para organizar os estudos históricos escolares por definir a definição das cadeiras ou disciplinas históricas universitárias assim como as especificidades dos historiadores em seus campos de pesquisa.

Podemos entender também a História como sendo uma disciplina escolar relacionada com as práticas sociopolíticas e culturais de uma sociedade, mas que em algumas situações se vê transformada em algo muito distante e até misterioso para os alunos, e para evitar isso o professor precisa ter muita segurança do conteúdo que está a ensinar a sua turma.

A história escolar faz parte do conjunto de disciplinas marcadas como essenciais e fundamentais para a escolarização de nossos jovens e sofreu significativas alterações no tocante a metodologia, conteúdos e objetivos até chegar à configuração atual que se encontra proposta nos currículos da disciplina. Esta disciplina faz parte dos chamados “planos de estudo” desde o ano de 1837, porém a formação de seus profissionais só foi criada a partir da década de 30 do século XX.

Esta disciplina passou por alterações ao longo do tempo, mudando sua forma de ser ensinada, seus métodos e até mesmo mudando algumas visões sobre determinados assuntos, no nosso caso, tratamos de uma dessas mudanças, esse novo olhar para o povo preto e sua história.

Encontramos três significados diferentes para História, como nos mostra Ana Maria Monteiro (2007), pode ser entendida como sendo investigação das ações realizadas pelo homem, no intuito de se transformar na Ciência Histórica; outro significado seria ter como objetivo as ações humanas como objeto de sua investigação e por fim, podemos entender como uma narrativa (*story*).

Devemos ter em mente que a História é uma das disciplinas mais importantes na

educação básica, pois conhecendo a sua história e a de seu povo o aluno encontra-se pronto para entender o que acontece na sociedade e nos espaços sociais que frequenta. O ensino de História se configura muito mais do que uma simples transmissão de conhecimentos, mostra que é fundamental que o aluno saiba da história do seu cotidiano e do mundo ao seu redor, para que possa entender o porquê estamos aqui e como às sociedades se desenvolveram política econômica e culturalmente .

Segundo Florescano (1997, p67) “... *a função da história é dotar de identidade a diversidade de seres humanos que formavam a tribo, o povo, a pátria ou nação.*” Já segundo Pelegrini et al (2009,p.14), “os conceitos importantes para a história são: a política, a cultura, o trabalho, a economia e o capitalismo”. Esses seriam os pontos chaves para se entender a história local, independente da relação espaço tempo.

Não podemos pensar apenas na História como Ciência, como algo a ser estudado apenas na Academia, mas também como uma disciplina escolar essencial para a formação intelectual de nossos jovens, para fazer com que eles desenvolvam pensamento crítico e entendam como o mundo chegou aonde chegou e o que pode ou não ser feito para se melhorar o que precisa. Para isso, não podemos esquecer a História escolar que tem como finalidade resgatar a dimensão pedagógica de ser uma das primeiras dimensões do conhecimento histórico.

Como nos mostra Dilthey em Monteiro (2007), a história é uma ciência hermenêutica, que não só explica como também compreende os fatos, pois antes de explicar o pesquisador/professor precisa compreender, pois só assim estará apto a ensinar algo. E nesse ponto, me encontro, pois a necessidade da discussão sobre racismo surgiu antes que eu estivesse realizando estudos sobre o tema, eu precisei estudar por conta própria até ingressar no programa do ProfHistória e assim aprimorar as aulas e discussões.

A ciência história tem como uma de suas finalidades explicar as regularidades e singularidades dos modos de formação de cada sociedade envoltas nas transformações causadas pelas ações do homem em sua existência. Para isso o passado precisa ser visto e entendido como sendo um conjunto de comportamentos humanos ligados entre si com um propósito entre si. Outro ponto importante é perceber o processo histórico como sendo formado por práticas organizadas racionalmente. Este processo só pode ser compreendido satisfatoriamente se as lutas de seus agentes estiverem registradas forem entendidas como sendo seu ponto de partida, ou seja, sem estas não há análise histórica a ser realizada.

Segundo Holien Gonçalves Bezerra (Karnal, Leandro, 2007) a história tem como uma de suas funções melhorar a problematização das relações sociais para assim possibilitar as

investigações, com o intuito de identificar relações sociais de grupos encontrados na mesma localidade, além de perceber o que se diferencia e o que se assemelha entre esses povos, seus conflitos, igualdades, diferenças e desigualdades que fazem parte das sociedades analisadas, destarte, a história tem como seu propósito realizar uma comparação entre as questões da sociedade atual com as de momentos anteriores, e assim no presente, poder se posicionar de modo crítico buscando possíveis relações com as questões do passado.

Pensando dessa forma percebemos que o Ensino de História nas salas de aula trabalha com fatos estabelecidos, que foram anteriormente legitimados pelas universidades e centros de pesquisas, o que comprova que nas escolas o professor é aquela figura que irá legitimar o que aprendeu na academia. Essa é uma das funções do professor em sala de aula, legitimar o que aprendeu, realizando para isso a transposição didática e estudando sempre, para se manter atualizado das novas pesquisas e temáticas.

A história escolar possui perfil próprio que se manifesta de forma diversa nos currículos oficiais, nos livros e na história ensinada e vivida pelos professores e alunos, buscando incorporar as problemáticas epistemológicas e a inserção da disciplina na cultura escolar.

Outra particularidade da História escolar, nosso assunto aqui a ser tratado, é o fato de ela estar sempre em contato com as opiniões e expressões históricas que encontramos em diversos espaços e personalidades, como diretores de filmes, letras de músicas, teatro. Todos esses diferentes saberes, incluindo o saber do grupo familiar e social do aluno são as referências trazidas por cada aluno e que devem ser respeitados, pois eles auxiliam na constituição de um saber escolar e também ajudam o professor a descobrir como conseguir afetar seus alunos com os conteúdos, pois iremos utilizar suas bagagens para ensinar determinado conteúdo, no caso do nosso trabalho, foi através de suas visões e falas que idealizamos a ideia de se trabalhar racismo e antirracismo nas aulas. Um ponto importante a ser sempre lembrado é que a história escolar não pode ignorar os conhecimentos nascidos das experiências vividas seja pelo professor, mas também e principalmente pelos alunos.

Aqui nos encontramos com Paulo Freire (2002) que entendia como peça chave para a alfabetização de jovens e adultos os conhecimentos prévios de cada um, as leituras de mundo dos alunos tem grande importância no seu processo de ensino aprendido.

Destarte dizemos que o conhecimento escolar é produzido através da aquisição de conceitos, informações e valores cívicos, que auxiliam na formação de cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres na sociedade.

O ato de ensinar História passa por no mínimo duas formas de transformações: do

objeto em si e da ação pedagógica. Podemos também chamar o objeto em si de “fazer histórico”, e este é aquele tipo de conhecimento que pode vir a ser transformado pelas mudanças que atravessam a sociedade e por novas descobertas, documentos, pesquisas. E as alterações percebidas na ação pedagógica acontecem porque os agentes desse ensino mudam, por exemplo, professores, alunos, anseios dos responsáveis, direção escolar, as secretarias de educação mudam e com isso alteram os currículos. E destarte é imprescindível pensar ser necessário realizar uma renovação no ensino de histórias, e pensando nisso que tivemos a ideia de unir o tradicional ao moderno nesse estudo.

Para isso é preciso uma revalorização do ensino desta disciplina, como por exemplo, a volta de três tempos semanais, que em algumas escolas foi reduzido para dois, sua volta no currículo do Ensino Médio nos seu integral, e mais importante ainda seria uma conscientização por parte dos docentes de sua responsabilidade social com os alunos, visando com isso ensiná-los a ter pensamento crítico e coragem e vontade de mudar o mundo em que vivemos.

A aula de História nas escolas é o espaço no qual o professor pode proporcionar a seus alunos a apropriação do conhecimento histórico ali produzido por intermédio de atividades didáticas que possibilitem a construção desse conhecimento e pensamento crítico.

Segundo Moniot em Monteiro (2007), a história escolar é a responsável por ensinar aos alunos como compreender o mundo atual, permitir ao estudante perceber e analisar as mudanças e permanências e o jogo das instituições na longa duração.

Precisamos entender a História ensinada como sendo apenas uma das possíveis visões do passado, ela fornece elementos que irão alimentar a memória coletiva, compondo memórias de grupos que insistem em resistir, por exemplo, o povo negro, e nesse estudo muito dessa resistência foi trabalhada, muito dessa memória ancestral foi trabalhada e criada. Sendo assim, esta disciplina torna-se responsável por ajudar os jovens a formarem seu pensamento crítico sobre os acontecimentos que os cercam, seja de perto ou de longe, mas de alguma forma impactam em suas vidas.

O ensino de História encontra-se dividido por ciclos de aprendizagem, que seriam as formas como as séries de encontram fragmentadas pela legislação brasileira, e ele conforme encontramos nessa legislação é encarado como sendo uma das bases do conhecimento das chamadas ciências humanas e percebemos facilmente as especificidades do seu ensino em cada proposta curricular de cada nível de ensino. Mesmo com suas diferenças o ensino dos conceitos seguem sendo à base do ensino e compreensão dessa disciplina. Um ponto que nos ajuda a diferenciar os ciclos de aprendizagem está nos métodos de ensino, pois temos aqui

finalidades distintas tanto na forma de ensinar sobre também em relação ao conteúdo a ser ministrado, nossa maior referência para esse assunto é Ana Maria Monteiro.

Podemos dizer que hoje, século XXI, o Ensino de História não se baseia mais em simples memorização nem mesmo em uma linearidade tida como única forma de se ensinar, mas temos a importância do estudo das identidades, das diferenças, e nisso está baseado todo o trabalho aqui realizado. Acreditamos que quando tratamos a identidade negra dentro do conceito de identidade nacional estamos também compreendendo os processos históricos que nos levaram a essa construção, pois é impossível abandonar o caminho percorrido pelo povo negro para se entender o que hoje vivemos enquanto uma sociedade de maioria negra, mesmo que essa maioria seja ainda considerada minoria pelos governantes e pelos que ainda insistem na perpetuação do racismo nos dias atuais.

Hoje sabemos que o chamado conhecimento histórico ensinado nas escolas não se encontra preso ao ensino baseado em tempo e espaço apenas, mas que esse conhecimento precisa estar relacionado a temas e personagens que fizeram com que a sociedade se transformasse no que temos hoje, como exemplo, uma maneira de se estudar o Abolicionismo no país, seria ensinando sobre os abolicionistas, fazendo com que os alunos entendam que os fatos históricos só aconteceram porque tiveram pessoas que lutaram por eles, e algumas chegaram a morrer lutando por um ideal, e isso foi realizado nesse projeto aqui analisado, como visto no capítulo 3. Assim podemos compreender que o ensino de história fica mais prazeroso e mais fácil de fazer senti do para os alunos se ele mantiver um compromisso com o passado e presente, pois o aluno precisa compreender que há uma relação entre os tempos.

Esse pacto com o presente não possui a necessidade de se realizar um presentismo, não é preciso encontrar no passado respostas e entendimentos que justifiquem a sociedade atual, mas sim, ter com referência questões sociais e culturais que nos impactam até hoje, com por exemplo, as desigualdades sociais, racismo, sexismos, entre outros. Também é extremamente importante perceber que o compromisso com o passado não quer dizer que este espaço temporal será estudado por si só, contudo pesquisar seriamente, procurar fontes históricas, estudar com seriedade para que a História não se torne um mero relato ficcional.

Como nos fala Holien Gonçalves Bezerra (Karnal, Leandro 2007). O conhecimento histórico teria como sendo seu ponto focal entender os processos e sujeitos históricos, desvendar como os homens se relacionaram em espaços e temporalidades distintas.

No tocante ao chamado fazer histórico e fazer pedagógico, destaca-se um grande desafio aos educadores, mas que é extremamente necessário na formação de professores, que é a realização da transposição didática dos métodos e conteúdos históricos e também da

relação entre as inovações no campo da tecnologia e informação e o ensino de História, como mostra esse trabalho.

O fazer pedagógico está sempre associado às perguntas sobre “o por quê?” e o “para que fazer?” e em nosso trabalho podemos pensar a primeira pergunta sendo “Por que trabalhar a Educação Antirracista em sala de aula?” “Por que realizar essas atividades?” “Por que usar mídias digitais?”. Já a segunda pergunta pode ser para questionar “para que realizar um trabalho de educação antirracista em sala de aula e o expor em mídias digitais?” Essas questões estão sendo respondidas ao longo desse estudo e percebemos que sem elas não teríamos um norte para nosso trabalho.

No tocante ao tema de nossa pesquisa, precisamos ver a importância do Ensino de História para a implementação da Lei 10639/03, pois se trata de uma disciplina escolar que trabalha a questão das desigualdades sociais ao longo do tempo e que, além disso, trata dos processos de mudanças e permanências ao longo da História da humanidade.

Destarte, a única forma de entendermos o Ensino de História é como sendo pautado em mudanças e permanências, seja do objeto de estudo, seja do ato pedagógico. No nosso caso, sai o ensino de história eurocêntrica e se insere a África em nossas aulas, mesmo que ainda seja pouco, já se trata de uma modificação de objeto de estudo e isso consequentemente altera nossa ação pedagógica, visto que como professor teremos que estudar, buscar informações sobre o tema e transformar em saber escolar.

O ensino de História tem como uma de suas atribuições contribuir para o desenvolvimento pessoal, social e cultural do aluno e isso não se dá única e exclusivamente pelo conteúdo formativo do saber histórico, mas mais fortemente pela metodologia adotada e nesse estudo pudemos perceber isso, quando começamos a trabalhar a questão racial e a ouvir os alunos, o interesse em todas as aulas mudou, eles ao se sentirem representados mudaram sua postura frente às aulas.

Segundo os PCN (2000), o ensino de nossa disciplina tem como uma de suas funções fazer com que o aluno estabeleça relações e reflexões sobre diversas culturas, temporalidades por meio da construção de noções que abracem seus valores e do grupo social ao qual fazem parte, desenvolvendo dessa forma um pensamento capaz de intervir na sociedade e quem sabe mudar a forma como o racismo ainda tem força hoje.

O professor para ensinar História tem como possibilidade de ensino partir da experiência de seus alunos, e para isso precisa possuir uma proposta pedagógica que trate da vida dos homens e mulheres, de suas memórias e de todos os segmentos sociais de qual faz parte aquele estudante, com isso percebemos a necessidade de “dar voz” as histórias de vidas

desses personagens até então esquecidos, nesse estudo, percebemos isso sendo realizado com o estudo das biografias de personalidades negras e assim conhecendo não só estes, mas o contexto histórico em que se inserem e dando sentido a toda sua trajetória, permitindo que aquele aluno periférico possa sonhar ser possível mudar sua história, visto que tantos outros fizeram.

Outra possibilidade gerada pelo ensino de história aos estudantes seria o reconhecimento de uma história crítica, e ao fato de que ao conhecer a história de diferentes sociedades e temporalidades fosse fator positivo na construção de uma identidade coletiva em que tem o cidadão comum inserido.

Ao professor, o ensino de história exige do professor a habilidade de possuir sentido e significado tudo que ensina não para ele, mas principalmente aos seus alunos. Aqui ele se vê obrigado a superar a simples transmissão de conteúdo, visto que esse ato não tem como intuito desenvolver o intelecto do seu aluno, mas apenas fazer com que ele decore/memorize o que está ouvindo de seu professor.

O professor de História é o responsável principal por criar situações de trocas de ideias, pensamentos, em estabelecer relações entre o que se estuda e o que se vive, entre passado e presente. Este profissional também é o responsável pela aproximação e integração com outras disciplinas. Sem o professor de história os alunos teriam extrema dificuldade entre realizar as devidas ligações de tempo, espaço e sociedade.

Esse ensino na atualidade precisa sair do chamado ensino tradicional precisa descobrir novas tecnologias, metodologias e recursos, para atingir nosso aluno, fruto da sociedade midiática, mas precisamos deixar claro que ao propor essas modificações não estamos propondo não utilizar mais os livros de história ou a aula no método tradicional, mas estamos propondo uma atualização dos mecanismos de ensino para assim estimular os alunos no processo de ensino aprendizagem de história.

A realização da transposição didática que envolve a tecnologia tornou-se um ponto de extrema importância no ensino de História da atualidade, fazendo mudanças no processo de formação dos professores e também da prática em sala de aula, pois agora além de dominar os conteúdos de sua disciplina, o professor precisa também lidar com as inovações tecnológicas que são cada vez mais presentes no universo escolar e dos nossos alunos em particular.

Em que se pense a transposição dos métodos históricos, o professor precisa realizar na sala de aula o ofício do historiador, para com isso dar ao aluno os meios de participar do processo de fazer História. É importante ao aluno entender o caminho completo do fazer histórico e fazer pedagógico. Esse processo de transposição se propõe a trabalhar a

compreensão histórica, priorizando alguns aspectos, conceitos, temas a serem ensinados, mas que atuam na composição da chamada Disciplina História. Temos que ter sempre em mente que a problematização de conceitos e temas é essencial para se ensinar história nas escolas.

Após três anos desenvolvendo diversas atividades com as duas turmas em que atuei, e depois das leituras e intercâmbios realizados durante o mestrado, surgiu uma nova proposta pedagógica. Essa proposta visa integrar o tradicional ao contemporâneo, através da leitura de textos e livros, aliada à tecnologia de um site, um blog e uma página no Instagram.

Aqui percebemos a importância do conhecimento histórico ao contemplar estudo e reflexão da relação criada socialmente e a estabelecida entre o ser humano, seu grupo e o mundo social no qual ele é obrigado a fazer parte, mesmo que muito distante de sua realidade. Desse modo, percebemos que o ensino de história encontra-se apto a realizar ações e escolhas de cunho pedagógico que facilitem e possibilitem ao aluno pensar sobre seus valores e atitudes cotidianas e com isso fazer as possíveis relações com as questões históricas, aqui no caso, racismo, que ele percebe sempre muito próximas ao seu grupo de convívio direto a outros grupos que ele, não frequenta, mas conhece relatos e a história.

Pensar como bell hooks (2013) em construir uma pedagogia libertadora, não é fácil, exige muito de nós, que vivemos engessados e presos em inúmeras burocracias, cobranças e prazos em nosso papel de professor na atualidade, mas ao mesmo tempo é algo extremamente necessário, pois precisamos fazer o aluno acreditar que ele e todos os outros são capazes de aprender, e quando contei a turma à ideia de utilizar as mídias sociais para divulgar nosso trabalho e que com isso, eles poderiam mostrar aos familiares e amigos e até explicar o que aprendeu e ensinar sobre o antirracismo, alguns acharam estranho e riram, mas conforme fomos fazendo pequenas exposições dos trabalhos na escola e pessoas perguntavam o que era e eles explicaram, começaram a entender minha fala e a acreditarem no potencial pedagógico e de aprendizagem que juravam não ter, ainda mais por estarem matriculados em uma turma já taxada de “turma dos alunos repetentes ou com muita dificuldade”, fala extremamente comum entre professores da Rede Municipal do Rio de Janeiro.

4.2 O uso do digital nas aulas de história

O objetivo é expor os trabalhos dos alunos e disseminar a produção de aulas antirracistas para um público maior, incluindo professores e interessados no assunto, mas que

por diferentes motivos não se sentem aptos a realiza-la, pois este profissional precisa ter um bom conteúdo sobre o tema que está propondo, pois só assim podemos falar que está tendo um processo de ensino – aprendizagem. Na proposta, os planos de aulas estudados no capítulo anterior serão apresentados juntamente com as fotografias dos trabalhos, permitindo que os visitantes consultem e também compartilhem suas opiniões e contribuições para o site. Assim, poderemos construir um rico acervo de atividades antirracistas.

Durante o mestrado, tive a oportunidade de ler e ouvir relatos de professores sobre suas experiências com o mundo digital e o impacto que isso tinha na vida dos alunos. Assim, no decorrer da pesquisa, decidi que também gostaria de experimentar essa abordagem.

Certamente, além da motivação para aumentar o número de pessoas e professores que poderiam acessar nossas produções, também me impulsionou o fato de que nossos alunos estão cada vez mais imersos em seus celulares. Acredito que podemos transformar esses dispositivos em ferramentas de aprendizado, demonstrando que as redes sociais podem ser utilizadas para estudar e adquirir conhecimento.

É necessário entender que o entusiasmo de montar essa pesquisa, criar as fontes alternativas ao Ensino de História, não serão o suficiente para fazer com que os alunos se empoiguem com o processo de ensino – aprendizagem, porque precisa de muito mais, precisamos estar interessados nos outros e nos interesses destes, o mesmo pode se dizer da questão das buscas de outros profissionais de educação com o material do site. Temos que estar prontos para ouvir o outro, tanto os alunos na elaboração dos trabalhos e escolha das fotos a serem publicadas, como também das pessoas que poderão tecer comentários nas mídias digitais propostas.

Tanto docentes quanto discentes, mesmo estes tão ligados ao mundo digital, ainda se encontram presos a um modelo de escola tradicional, onde para ter certeza de aprendizado precisam de caderno, lápis, livros. O professor precisa estimular a turma, explicar a proposta desse tipo de trabalho e fazer com que os alunos acreditem no seu potencial de criadores de conhecimento, e que eles podem ajudar na divulgação dos mesmos.

A internet atualmente é uma ferramenta de aprendizado de muita importância das aulas de História, pois ela torna essa disciplina mais dinâmica, atrativa e interessante aos alunos e favorecendo interações e trocas entre alunos e professores, o que é a intenção desse estudo, aumentar as trocas não só com nossos alunos, mas com alunos e professores de todo país. Por meio do ambiente virtual os alunos hoje podem realizar pesquisas em diversos sites, acessar fontes em diversas bibliotecas e arquivos on line, jogar virtualmente jogos que abordem temas históricos, além de poder realizar visitas virtuais a museus do mundo inteiro e

visualizar as obras que antes só via em livros didáticos. Pensamos em como o uso da internet permite ao aluno aumentar seu conhecimento sobre temas, lugares, sociedades a apenas um clique, como também possibilita a esta ler obras e fontes que antes seriam impossíveis o acesso.

Sendo assim, a rede mundial de computadores permite uma maior interatividade e amplia as habilidades cognitivas, pois faz com que os estudantes sejam produtores de conhecimento e sintam-se motivados em sala de aula durante as aulas de História.

Com o uso da Internet nas aulas e conseqüentemente das mídias digitais, o papel do professor de História, acaba por sofrer alterações, pois além de ministrar os conteúdos ele agora será visto como um facilitador, um orientador, pois é ele quem dirá aos alunos os limites de uso dessa ferramenta, ele deve se entender que agora ele não é mais o centralizador e único detentor de saber, mas sim que disputa espaço como um novo mundo cheio de informações que podem ser válidas ou falsas.

E baseado nesses fatores que pensamos o quanto benéfico aos estudantes seria se o acesso à Internet fosse ampliado nas escolas, pois segundo Alarcão (2011), o uso da internet e seu acesso ao conhecimento de formas tão autônoma ajudaria aos alunos a estarem preparados para a vivência em nosso mundo super. conectado e que está sempre mudando e se modernizando nos exigindo sempre mais conhecimento.

Para que isso ocorra, caberá ao professor, além de estudar e se aprofundar nesse universo, orientar seus alunos guiando eles para sites seguros e com informações precisas e até dar a eles acesso a documentos históricos que estejam digitalizados e disponibilizados, aumentando assim seu interesse pela disciplina e seu senso crítico diante do mundo.

Segundo Guimarães (2017), o professor pode desenvolver várias atividades como: “elaborar um roteiro de pesquisa na internet; indicar sites considerados seguros aos alunos; observar o registro do endereço do site; acompanhar e orientar o trabalho, evitando que os alunos identifiquem pesquisa com cópia de textos, dados e imagens” (Guimarães, 2017, p.373). Além de “discutir, sistematizar e publicitar no grupo os resultados da pesquisa, confrontando os e incorporando-os aos saberes provenientes de outras origens, como as fontes orais e os livros” (Guimarães, 2017, p.373)

Em uma pesquisa sobre Educação Antirracista, foi preciso luta, estudo, mudar modo de enxergar a educação e os paradigmas que trazia comigo de uma escola tradicional, de alunos enfileirados, visto que minha vida acadêmica toda foi desse jeito. Para realizar a pesquisa e os trabalhos em sala precisei modificar minha fala, minhas leituras e meu modo de me relacionar com os alunos, pois uma pedagogia engajada não pode ser rígida, cheia de

verdades absolutas.

Atualmente, vivemos em uma sociedade caracterizada pela imediata gratificação, onde a concentração não é a mesma que minha geração possuía. A geração atual tem tudo à mão com um simples toque, e por isso pensei que dinamizar a educação poderia ser uma boa estratégia. Isso permitiria não só que outros educadores tivessem acesso ao conteúdo, mas também que os alunos pudessem compartilhar seus trabalhos com seus familiares, utilizando apenas seus celulares. As três ferramentas digitais que propusemos podem ser acessadas pelos telefones, possibilitando que os responsáveis acompanhem o que seus filhos estão realizando na escola, especialmente considerando que, devido a compromissos de trabalho, muitos não conseguem estar presentes.

Essa sociedade encontra-se cada dia mais conectada em diversos aparelhos digitais com acesso à Internet e com isso às mídias sociais, fato este que torna mais fácil o acesso a todo tipo de informações, sejam estas verdadeiras, ou as chamadas, as *Fake News*, estamos vivendo o que especialistas da área chamam de “Era da Informação.” Mediante isso não podemos negar a influência da Internet e conseqüentemente das mídias digitais em nossas vidas, e por isso devemos perguntar, como a escola pode lutar contra e como nós, professores, engolidos por trabalhos cada vez mais burocráticos teremos tempo para especializações, mesmo que on line para dar conta dessa influência tão grande? Como a disciplina História, pode usar as mídias digitais a seu favor?

Numa sociedade midiática, como a nossa, nós, professores, somos facilitadores e estimuladores da produção de conhecimento, e isso faz com que essas inovações tornem-se cada vez mais necessárias para termos uma relação de ensino-aprendizagem satisfatória. Porém ainda encontramos resistências em muitos professores de se atualizarem, de se reciclarem e até mesmo de se especializarem em algo, na Escola Racista que relatei nesse estudo, ouvia muitos professores questionando o porquê de se esforçar, de qualquer modo, se aquele público não valia a pena, não seriam nada na vida. Isso é triste de ouvir, pois são alunos como qualquer outro e merecem as mesmas oportunidades de aprender. E cheguei a ser questionada por me preocupar tanto com a qualidade das minhas aulas, por “perder” meu tempo realizando mestrado. Mas isso não me parava e sim me fez repensar essa proposta para que bons profissionais, mas que muitas vezes não tem tempo ou dinheiro para uma especialização possam ter acesso às propostas didáticas bem explicadas e referências bibliográficas, dicas de filme e música para realizarem trabalhos em sala de aula, de uma forma diferenciada, fazendo com que o aluno seja produtor de conhecimento também e se veja como tal.

Nossa sociedade hoje vive na predominância das comunicações digitais e tão logo

surgiu no ofício o historiador as mídias digitais teve início a questão da chamada autoridade compartilhada, pois precisava ser historiador para debater determinados temas com propriedade e autoridade, mesmo que saibamos que o diploma não é peça imprescindível para se ter autoridade em determinado tema, mas mesmo assim foi dado aos historiadores o direito de serem os ‘donos’ da elaboração e verificação dos saberes circulantes nas mídias digitais.

Precisamos pensar que a informação digital pode durar eternamente ou por um breve espaço de tempo, devido à velocidade da inovação tecnológica, pois tudo se modifica em um clique, mas esta informação ainda é parte da nossa sociedade, que é da urgência de estar informada, que recebe uma gama enorme de informações e nem sempre se dá ao trabalho de questionar a veracidade da mesma, sem contar que tais informações precisam ser curtas, sejam textos ou vídeos, pois o poder de concentração encontra-se cada vez menor. Tudo isso está sendo levado em consideração para elaboração desta proposta pedagógica.

Nossos estudantes estão tendo acesso precoce às plataformas sociais, o que pode ser arriscado se não houver supervisão ou uso restrito por parte dos responsáveis, uma vez que, embora essas ferramentas ofereçam perfis atrativos, também apresentam diversos riscos.

A Internet deve ser vista como um poderoso meio de facilitar o aprendizado nas aulas de História, pois possibilita uma dinamização das atividades, uma ludicidade, que é necessária para prendermos a atenção dos estudantes. Através dela, podemos propor pesquisas em sites específicos, jogos com conteúdo de História, acessar redes sociais, sites e blogs e nestes ter acesso a trabalhos escolares, pesquisas, aulas, tudo feito para todo tipo de público que deve saber como e onde utilizar aquela quantidade de informação nova. Ela favorece uma interatividade e pode, se bem utilizada, ampliar as habilidades de conhecimento, tornando o estudante um produtor de conhecimento, tenha maior autonomia na realização de trabalhos e sinta-se motivados nas aulas e na escola, que hoje em dia encontram-se muito obsoletas, frete à realidade de nossos alunos.

Uma das vantagens da história digital na educação fundamental é a capacidade de tornar o ensino mais inclusivo e variado. As ferramentas proporcionadas pelas novas tecnologias da informação podem facilitar o acesso a diversos conteúdos disponíveis na internet, promovendo uma construção mais democrática da consciência histórica. Com o uso de fontes e recursos digitais, é viável apresentar uma ampla gama de perspectivas e narrativas históricas, incluindo aquelas que foram tradicionalmente relegadas a um segundo plano. Em resumo, a história digital pode ser uma aliada significativa para o ensino de história na educação básica no Brasil, tornando-o mais participativo, crítico e inclusivo.

Moran (2007) argumenta que a internet é uma das principais ferramentas digitais para

a democratização, já que através dela podemos explorar diversas possibilidades. Kenski (2007) também aponta que, entre as várias tecnologias disponíveis atualmente, a internet possibilitou a conexão entre indivíduos que estão conectados em diversos lugares simultaneamente, tornando a rede mundial de computadores o ambiente viável para integração e coordenação.

Mercado (2008) nos diz que: “A internet é uma rede de promoção e de pesquisa que tornasse também espaço de aprendizagem. Para tal, o professor terá de ofertar uma situação de trabalho que possa ajudar o aluno em suas atividades”. (p. 358). Em nosso caso, a internet ajudará não só o alunos, mas principalmente outros professores em suas pesquisas por material de aula.

A internet tem a capacidade de promover, seja de maneira institucional ou particular, realizar pesquisas que são produzidas de maneira individual ou coletiva, em tempo real em sala de aula ou livre fora do contexto escolar; A comunicação se dá através da interação entre docentes e discentes, entre pessoas conhecidas e desconhecidas. Ocorre em um único local ou entre locais diferentes próximos e distantes (Moran, 2007).

Mesmo sendo obvio precisamos entender a Internet como sendo um mecanismo de registro e não apenas um meio de comunicação rápida que vence as distâncias físicas entre as pessoas. Como fala Maurizio Ferraris em Gonçalves (2023) a Web é “de fato um dispositivo que produz documentos, não é um aparato passivo, não é um tecido, mas um tecelão, e esta é a grande diferença relativamente às mídias, como a TV e o rádio, cuja função prevalente é transmitir informações sobre eventos gerados noutros lugares”.⁴³⁴⁶

Para a realização desse trabalho precisamos entender que hoje em dia estamos reféns da informação rápida, podemos até dizer que vivemos a era da chamada mídia morta, devido ao excesso de informação que nos chegam em um curto espaço de tempo, e que principalmente os jovens não sabem o que fazer com isso, e muitas vezes acabam “comprando” falsas verdades e disseminando discursos mentirosos, as chamadas *Fake News*. Mas nem tudo é ruim nesse aumento do uso da tecnologia, essa inovação digital nos permite ter um novo campo de pesquisa e novas perspectivas para nós, historiadores, pois encontramos um campo maior de acesso a fontes sem nem precisar sair de casa, podemos inclusive acessar fontes de outros países, que estejam digitalizadas, sem precisar nos deslocar.

Para nós, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), possuem um forte papel de colaborar para o processo de ensino aprendizagem de História nas escolas que

⁴³ GONÇALVES Márcia. 2023, p.29.

procurava uma história escolar comprometida com a formação de um aluno autônomo, apto a agir na transformação da sociedade através de intervenções nas relações de poder que moldam o mundo capitalismo em que vivemos.

A utilização da internet no processo de ensino e aprendizado somente se estabelecerá como uma realidade quando for entendida como ferramenta pedagógica e quando profissionais e instituições deixarem de limitar a sua utilização. a certos ambientes ou a certas disciplinas (Kenski, 2007).

A utilização das TDICs na educação, mais precisamente no ensino de História tem como intuito favorecer pelo menos 3 elementos fundamentais para uma educação transformadora. Ela deve permitir a colaboração do alunos no processo de construção de conhecimentos, fazer os alunos se entenderem como sujeitos e autores da História, nesse caso, o professor deve ser entendido como aquele responsável pela aproximação de seus alunos ao conhecimento histórico; e a autonomia, partindo do princípio de que os alunos não são simples objetos e incapazes de realizar e produzir conhecimento próprio.

Ferreira, (1999, p.146) diz que é preciso *“portanto, que os professores de história passem a compreender que os processos de inovação, derivados do emprego dos recursos tecnológicos, servirão para oxigenar a prática docente.”*

Ainda segundo este autor, o uso de metodologias ativas, midas digitais como uma ferramenta didática auxilia no aumento da participação e interesse dos alunos no processo de ensino aprendizagem, estimulando os a desenvolver novas atividades de pesquisas ligadas ao ensino de história, além de que esse uso coloca o professor como um orientador / facilitador e não mais o único detento de saber no espaço da sala de aula. O conhecimento passa a ser construído coletivamente.

Dessa forma, podemos empregar a interatividade como uma ferramenta valiosa na educação, promovendo um processo de ensino-aprendizagem mais colaborativo, ampliando e conectando novas perspectivas educacionais, em resposta a uma sociedade onde as informações disponíveis na internet são acessíveis, exigindo que se saiba utilizá-las de maneira organizada, atendendo às demandas da sociedade da informação. De acordo com esses autores, a implementação de tecnologias nas instituições de ensino demanda dos educadores um comprometimento mais intenso, visando cultivar nos alunos um prazer em aprender de forma mais dinâmica e significativa para a matéria.

Este trabalho é voltado também para os educadores brasileiros e, inclusive, para aqueles de outros países que possam acessar essas atividades pela internet e aplicar as sugestões em suas aulas. O objetivo principal é disseminar o conhecimento adquirido durante

o mestrado e as trocas com os alunos para um número maior de professores, que, por diversas razões, às vezes não tem a possibilidade de realizar uma especialização, mas desejam incorporar temas variados em suas aulas, além de respeitar e cumprir a Lei 10.639/03.

Como professora entendo a importância dessas páginas repletas de sugestões na nossa rotina tão intensa. As ferramentas elaboradas tem a intenção e a pretensão de atingir muitos professores, incentivando-os a se apropriar dos materiais, a pesquisar a se informar e a se tornarem educadores antirracistas. Além das atividades propostas, também planejo disponibilizar referências bibliográficas sobre o tema, para que esses educadores se tornem produtores de novas pesquisas e atividades, quem sabe.

É fundamental empregar a tecnologia em benefício da educação, e não como um elemento secundário, uma vez que a finalidade do ensino de história é cultivar o pensamento crítico e formar cidadãos conscientes. Com o suporte de ferramentas tecnológicas, podemos concretizar e dinamizar o processo de aprendizagem, despertando o interesse dos alunos pelo conhecimento. A integração das tecnologias no ambiente escolar oferece a oportunidade de divulgar o trabalho dos educadores e apresentar aos estudantes um mundo repleto de informações, visto que o acesso a notícias pela internet é ilimitado, permitindo uma aprendizagem abrangente e estruturada. O professor de história deve estar atento a essa dinâmica, utilizando-a para enriquecer as discussões em sala de aula e promover debates que aprimorem ainda mais suas aulas.

Um ponto que o professor moderno precisa ter em mente é que não há mais como ele ficar engessado nos conteúdos prontos que escolas fornecem, com seus materiais próprios, aqui incluo a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, por duas razões, uma que esse tipo de engessamento não agrada mais aos alunos, fazendo com que esses se dispersem rapidamente e também porque hoje se tornou de suma importância ao professor realizar cursos, capacitações que o permitam e auxiliem sair dessa zona de conforto, de não se preocupar em pensar em nada diferente. E foi pensando nisso que a ideia das mídias sociais foi nascendo, ouvindo colegas dizendo não ter tempo para pensar em nada novo, não possuir conhecimento sobre temas específicos, que percebi que deveria mudar o rumo da pesquisa, mesmo que aos quarenta e cinco do segundo tempo.

Uma das metas da elaboração desta página como uma estratégia pedagógica e consultiva foi compreender o impacto dessa rede na vida de estudantes e docentes de várias regiões do país e até mesmo globalmente. O objetivo é compartilhar as atividades com descrições detalhadas na legenda, para que possam ser visualizadas, avaliadas e usadas como inspiração por um público específico, os docentes. Para a criação desta página, buscamos

entender a estrutura das páginas de história e nos esforçar para criar a nossa de maneira interativa e que atraia a atenção do público. Queríamos que ela fosse percebida como um local de agregação de conhecimento, assim como nos blogs, onde os comentários são permitidos para que possamos aprimorar nosso trabalho e esclarecer eventuais incertezas. Também buscamos com os estudantes que divulgassem as páginas em seus círculos de amizade, proporcionando-lhes autonomia e o "prazer" de produzir conteúdo histórico na internet.

Os docentes podem utilizar os recursos digitais na educação, principalmente a Internet, como apoio para a pesquisa, para a realização de atividades discentes, para a comunicação com os alunos e dos alunos entre si, para a integração entre grupos dentro e fora da turma, para publicação de páginas web, blogs, vídeos, para a participação em redes sociais, entre muitas outras possibilidades

Segundo Ramalho (2010) a utilização da internet permite a fusão de diversas mídias, tais como jornais, canais de televisão e plataformas de vídeo, TV, cinema e música. O blog e o Instagram foram ferramentas empregadas para unir usuários e variados instrumentos de comunicação digital. A seleção destas redes sociais se deve ao fato delas serem métodos contemporâneos de socialização e que caso fossem analisadas/ vistas como um país ocupariam o topo do ranking no quesito população, devido ao seu grande número de usuários. Agora de acordo com Bauman (1999), as mídias sociais conseguem ultrapassar qualquer tipo de fronteira, e foi por isso que tivemos a ideia dessas atividades serem postadas nessas plataformas, para termos um alcance bastante amplo.

Tanto as redes sociais quanto a internet vêm provocando mudanças profundas na educação presencial e a distância. Freire (2002, p. 25) escreveu em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção”. Nos dias de hoje, podemos interpretar o uso dos aplicativos como forma de construção e criação de infinitas possibilidades dentro da sala de aula, auxiliando os processos de ensino e aprendizagem e como forma de suporte na formação continuada do professor.

Com tudo isso, percebemos que o professor pode ser capaz de criar debates sobre tópicos variados, realizar postagens de textos, e abrir possibilidades para que outros profissionais acessem e se tornem críticos e até mesmo colaboradores deste trabalhos, através de novas ideias educativas que visem estimular os alunos na sua produção discente, disseminando assim novas possibilidades de aprendizado.

Esse tipo de trabalho se aproxima do que bell hooks chama de “pedagogia engajada”, que é aquela pedagogia que mantém interligados mente corpo e espírito, e busca transformar a

sala de aula em um espaço de troca mútua, crescimento pessoal e de libertação, pois os trabalhos expostos são feitos pelos alunos, sob olhar de facilitador do professor. Aqui, professores e alunos compartilham suas experiências e aprendem juntos, construindo assim uma educação mais humana e inclusiva. Além disso, ao expor os trabalhos na internet, contribuírem para a divulgação de sua produção e conhecimento, fazendo com que mais pessoas vejam o que eles realizam na escola.

Um dos entraves a essa pesquisa, foi o fato de que nem sempre se consegue realizar as publicações na hora em que são realizadas devido precariedade do serviço de Internet oferecido nas escolas públicas da cidade ou pela dificuldade de se ter um computador disponível para uso, pois temos poucos e muitos professores precisando utilizar para cumprir as burocracias do sistema de ensino adotado.

Precisamos ter bem claro que o termo mídias digitais que tratamos aqui encontra-se relacionado às novas mídias ou tecnologias e que tem a Internet como principal elemento.

4.3 O uso dos blogs como aliados ao ensino de História

Vamos começar analisando o uso de blogs para auxiliar o ensino de História. Aqui pensamos essas ferramentas como sendo capaz de inovar no fazer e no saber histórico tornando assim o ensino – aprendizagem algo mais atrativo ao nosso aluno de uma geração midiática e também possibilitando que professores que não me conhecem pessoalmente tenham acesso ao conteúdo por mim produzido nas aulas.

Das mídias digitais entendemos que o blog seria umas das mais simples de se utilizar e acompanhar, pois ele facilita o resumo e publicação de nossas atividades e textos e percebemos que ele permite uma maior interatividade, visto que aceita comentários sem que seja necessário ter uma conta em aplicativo, ele é uma ferramenta de livre acesso.

... Como o blog é uma ferramenta de comunicação assíncrona, as atividades pedagógicas que o utilizam podem ser completadas e ampliadas com a utilização de outras tecnologias independentes e dependentes. (Pocho, 2014, p.71).

Sendo assim, a utilização do blog nos fornece um espaço no mundo digital para a aprendizagem e interatividade.

Pensadores como Mercado (2008), Almeida (2008), Prado (2008), Bettega (2010) e

Silva (2003), são importantes para se pensar sobre essa ferramenta. O blog muda o olhar do aluno para a disciplina História, pois foge do modelo dos livros didáticos tradicionais, engessados e mostra o quanto se pode trabalhar de forma lúdica, dinâmica e moderna e mesmo assim tratar de temas tão tradicionais em certos casos, fazendo com que os alunos adquiram uma maior curiosidade sobre a História e passem a prestar mais atenção nas aulas tradicionais.

Como mídias sociais, os blogs são instrumentos digitais que "proporcionam um ótimo ambiente de comunicação mediada por computador para expressão pessoal e interações cooperativas na forma de narrativas e diálogos" (Franco, 2005, p.3). Além disso, possuem características técnicas específicas.

Frente a tantas mudanças pedagógicas, o uso de blogs no Ensino de História, nos oferece uma gama de possibilidades de servir como meios de aprendizagem e divulgação de ideias, onde pessoas diferentes, alunos, professores, estudiosos podem ter algum tipo de interação buscando novas formas de gerar conhecimento, quebrando paradigmas e alterando perspectivas de aprendizagem.

A ideia de usar o blog para expor os trabalhos dos alunos tem o intuito de possibilitar uma mediação do uso das mídias sociais por nossos alunos, como contribuir para que professores de vários lugares possam ter acesso ao que alunos de uma escola municipal do Rio de Janeiro estão produzindo e possam se inspirar e produzir conteúdo antirracista em suas localidades. Pensamos que com isso, podemos estimular uma interatividade entre alunos e professores, que levem a uma melhoria na qualidade de ensino aprendizagem, pois estaremos mostrando aos alunos que o uso de mídias sociais pode ser benéfico, como também estamos disponibilizando conteúdo para aulas e sendo um blog pessoas poderão comentar e dar uma resposta a nossa proposta.

Outro aspecto de colaboração é que o blog é um ambiente que permite comentários e diálogo. Assim, qualquer pessoa que faça uma pesquisa na página pode deixar seu comentário ou contribuir com mais um plano de aula. Vemos o blog como um ambiente de troca, um espaço ativo nas redes sociais, com o objetivo de apoiar professores, estudantes e pesquisadores em suas respectivas pesquisas. Em minha opinião, não vale a pena ter aprendido tanto no Mestrado Profissional se não puder dividi-lo com outros docentes que não os da minha "bolha".

É preciso enxergar o blog como uma ferramenta que possibilita a troca de informações, tanto entre alunos e professores, como entre professores, sejam eles da mesma unidade escolar, ou de estados diferentes. Diferente do site, que serve para consultar apenas, o

blog funciona como um meio de comunicação, permitindo uma maior interação entre seu “proprietário” e seus usuários. Outro ponto do blog é que além de comentar, outros docentes podem adicionar suas ideias, sugestões de personalidades negras para serem lidas e até ampliar a lista de referências bibliográficas o que o torna um espaço democrático.

Segundo Mercado (2008), os blogs permitem que os alunos aprendam por meio da interação, dinamizando a didática promovendo uma interação de forma compartilhada do conhecimento. E esses locais de ensino – aprendizagem tem a intenção de estimular uma maior aprendizagem, gerando diálogos e permitindo um acesso ilimitado e a qualquer momento, pois o conteúdo estará lá a disposição de quem deseja buscar informações sobre as atividades.

Entendendo a História como uma disciplina que precisa o tempo todo passar por atualizações, por não ser uma ciência fechada, mas sim viva, o blog, como uma ferramenta pedagógica contribui para uma maior e melhor compreensão dos conteúdos. Segundo Silva (2003), sendo o blog, uma forma de diário on line, onde os seus proprietários publicam seus conteúdos, podendo liberar a participação de colaboradores, que podem ser outros professores, para contribuírem com novas postagens, não apenas comentários.

Sendo assim, o professor – autor, pode postar diferentes formas de atividades, tornando assim o saber histórico algo mais dinâmico e contextualizado, gerando oportunidades positivas de aprendizagem, sendo de alunos ou professores. O professor pode aproveitar também para publicar atividades sobre a temática realizadas pela e na escola em que trabalha, divulgando a mesma para um maior número de pessoas.

Um blog ao contrário de outros tipos de publicação on line, proporciona respostas quase que imediatamente após a sua publicação, basta ter alguém utilizando o mesmo ou recebendo notificações de novas postagens, isso cria um diálogo e pode levar a discussões favoráveis ao processo de ensino – aprendizagem, sendo uma importante aliado do debate sobre o tema e mais importante ao meu ver, o blog é um excelente meio de socializar o conhecimento produzindo em uma dada realidade para pessoas localizadas a quilômetros de onde aconteceu a ação.

Contudo, o professor que se propõe a utilizar as mídias sociais, principalmente as que permitem diálogos abertos, precisa estar consciente de sua responsabilidade como produtor de conteúdo e que por isso a página deve ser constantemente alimentada, para não ser esquecida e as postagens devem ser fáceis de serem acessadas, com temáticas interessantes, que levantem temas, nos quais muitos tenham dificuldade em trabalhar, devido também a sua falta de conhecimento do tema, sendo assim, o professor ao postar seus planos de aula para livre

consulta, precisa ter em mente que muitas pessoas que irão acessar os arquivos, pode não ter conhecimento para adivinhar a proposta, logo está precisa ser bem explicada, para que alunos, responsáveis, professores e até curiosos entendam o que se quis alcançar com aquela proposta pedagógica.

4.4 Uso de redes sociais no ensino de História

Entende-se que o uso das redes sociais tem sido de grande importância na atual sociedade. As informações em tempo real, proporcionam aos usuários uma interação virtual e, com ela, a necessidade de mais informações difundidas ao mesmo tempo. Com todas essas disponibilidades tecnológicas, muitas pessoas, instituições educacionais, empresas têm aderido às redes sociais para uma nova relação digital.

Esse caminho que decidimos seguir nessa pesquisa é relativamente novo e ainda estranho para muitos professores e até alunos, mesmo porque as redes sociais não foram pensadas em servirem como ferramenta pedagógica, mas sim como forma de interseção entre as pessoas de qualquer parte do mundo, mas com o passar do tempo, essas redes ganharam novos ares e novas funções e uma delas é a de ferramenta pedagógica. Podemos perceber as redes hoje é outro braço de ação das escolas modernas, pois as mesmas as utilizam para postar informes, curiosidades, eventos, e então vemos que estas redes estão cada vez mais no interior das escolas, então por que não as colocar dentro das aulas de história, como um veículo de divulgação de nossos trabalhos?

Além delas fazerem parte do cotidiano de nossos alunos, de serem ferramentas pedagógicas, percebemos que ainda não se fala muito sobre o ensino de história no mundo digital, faltam pesquisas e trabalhos, principalmente no tocante a páginas destinadas a trocas de produções, temos uma gama de pesquisas sobre a função da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem, muitos enfatizando o lado lúdico desse mundo, mas sobre sua utilização como um espaço de trocas entre professores não encontrei, e por isso pensei em desenvolver a página.

Observamos que, recentemente, muitos educadores e pesquisadores têm utilizado as redes sociais para promover suas disciplinas, investigações e, no caso da história, compartilhar curiosidades sobre locais e figuras históricas. Essa abordagem parece ser uma ótima maneira de disseminar o conhecimento histórico para um público mais amplo, que não

necessariamente inclui apenas historiadores. Com isso em mente, surgiu a proposta de criar uma conta no Instagram para mostrar as atividades realizadas por meus alunos, que demonstraram grande empolgação com a ideia de ver seus trabalhos "famosos", viralizando nas redes, como costumam dizer.

Pensamos no uso de redes sociais porque as percebemos com algo com um enorme potencial pedagógico, porém ainda pouco percebida como um instrumento pedagógico. Acreditamos que esse recurso das redes sociais de forma pedagógica, pode potencializar as discussões, visto que será aberto ao público em geral, e será uma boa ferramenta de complementação do ensino formal. Essa rede social está aumentando a interatividade entre as pessoas e gerando uma flexibilidade no tempo do processo de ensino aprendizagem, por isso pode ser muito útil seu uso nas aulas.

Eder Maia Lorenzo em seu livro *A utilização das redes sociais na educação* (2015) nos mostra que as redes sociais no Brasil atualmente são as páginas mais acessadas na Web, por isso acreditamos que expor as discussões no Instagram pode ser algo muito benéfico para o aumento da discussão sobre de trocas sobre a temática da educação antirracista, sendo esta a maior intenção do projeto em análise.

Notamos que os estudamos não conheciam o lado pedagógico das redes sociais, pois estavam mais habituados a usar as mesmas para conversar, aprender danças, seguir seus ídolos. Segundo Maynard e Delgado (2015), “os estudantes não são instigados a pensarem sobre o digital, não são motivados a aplicarem metodologias próprias do universo do historiador ao seu cotidiano digital e a empreender experiências on line.” (In: Maynard e Delgado, 2015.p.587).

Percebemos que mesmo sem terem conhecimento do lado positivo das redes sociais foi muito mais rápido e fácil engajar os alunos nessa prática do que os colegas professores, que quando eu contava dos projetos relatavam que isso era coisa de adolescente e não cabia ao professor perder tempo.

Atualmente, reconhecemos a relevância e, diria até, a necessidade da utilização de aplicativos tanto nas aulas quanto para consultas por estudantes e educadores fora do ambiente escolar. Para os estudantes, os aplicativos funcionam como uma ferramenta de pesquisa para trabalhos e investigações, enquanto para os educadores, representam uma fonte de consulta que pode aprimorar suas abordagens pedagógicas, oferecendo novas técnicas e temas. Assim, podemos concluir que os aplicativos digitais estão em um processo de crescente adoção no contexto educacional.

Outra relevância do uso das mídias sociais na sociedade contemporânea reside no fato

de que recebemos informações em tempo real, o que nos possibilita interagir de maneira distinta com os eventos, ao contrário das gerações passadas, que levavam tempo para se informar sobre acontecimentos em localidades diferentes, por exemplo. Por isso, estamos considerando a criação de um blog, onde as aulas serão disponibilizadas para consulta assim que estiverem finalizadas, permitindo que tanto os responsáveis quanto outros educadores tenham acesso a elas de forma rápida. Isso contribui para que muitas instituições de ensino estejam cada vez mais incorporando o universo digital em suas práticas.

As tecnologias de informação e comunicação proporcionam ferramentas para aprimorar as práticas de ensino e aprendizagem no campo educacional, abrindo novas oportunidades para complementar o ensino convencional. Esses novos recursos têm aumentado a interatividade e a adaptabilidade do tempo no processo de ensino-aprendizagem, tornando possível utilizar as redes sociais para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem (Silva; Cogo, 2007).

As tecnologias da informação e comunicação oferecem recursos para potencializar as práticas de ensino-aprendizagem na área de educação abrindo novas possibilidades para complementar o ensino formal. Esses novos instrumentos vêm ampliando a interatividade e a flexibilidade de tempo no processo educacional, por isso é possível fazer uso das redes sociais para contribuir no processo de ensino-aprendizagem (Silva; Cogo, 2007). Uma estatística que corrobora a afirmação anterior é mencionada por Ederaia Lorenzo em seu livro "A utilização das Redes Sociais na Educação" (2017), onde ela menciona que os sites de redes sociais no Brasil estão superando os serviços de e-mail em número de visitas.

A utilização de um espaço de colaboração, como redes sociais, o professor por sua vez terá a oportunidade de verificar aspectos muitas vezes difíceis de serem identificados em uma sala de aula (Lorenzo, 2013, p.30).

Em sua pesquisa Ferreira, Corrêa e Torres (2012) descreveram as principais potencialidades pedagógicas da internet para a aprendizagem online. Tanto nas escolas quanto na vida real, existem uma gama de aplicativos que podem aproximar os conteúdos das experiências do cotidiano quanto das experiências vividas em tempo real. Nesta perspectiva reforçamos a ideia de que, as redes sociais fornecem uma grande quantidade de funcionalidades e aplicativos que possibilitam e facilitam a comunicação e o compartilhamento de ideias e informações, tão importantes em um processo de ensino-aprendizagem.

A escolha pela Rede Instagram encontra-se baseada em uma pesquisa realizada pela Social Media Trends 2018, a qual aponta que o Instagram foi à plataforma de mídia social que

mais cresceu em 2018, aumentando sua adesão de 63,3% para 80,2%. Dessa forma, consolidou-se como a segunda maior rede social digital em termos de preferência no Brasil, que nos fornece como dado o fato de que dos cerca de quinhentos milhões de usuários no mundo inteiro, 7% desse total são de usuários brasileiros.

4.5 Os sites no ensino de História

Atualmente encontramos uma variedade de sites com conteúdo de História, seja na forma de animação, de imagens, ou de aulas ministradas on line sobre determinado tema. E isso fez com que se questionasse para esse trabalho, como fazer um site que chamasse atenção de alunos e professores frente a essa vasta oferta. Então percebi que sites oferecendo ideias de planos de aula e imagens de como organizar os trabalhos são raros, e que, além disso, façam indicação de filmes, bibliografias e músicas, mais raro ainda. Por isso, esse foi o modelo escolhido para ser criado.

Uma dificuldade foi a pouca referência teórica sobre o uso de sites no ensino, ao contrário de quando se pesquisou sobre blog e redes sociais. Ao contrário dos blogs e redes sociais, nos sites, não se tem uma interação entre as partes que o utiliza, ficando algo sem dinamismo e muitas vezes, preciso recorrer a um link para que o usuário possa deixar sua opinião, mas mesmo assim as trocas ficam limitadas e esses comentários que não podem ser publicados nem lidos por outras pessoas. Percebemos os sites como ferramenta mais formal do que as outras já debatidas, algo um tanto quanto pessoal e que não pode ser mudado a não ser que o proprietário deseje mudar rapidamente.

Porém mesmo com essa dificuldade de comunicação, os sites possuem um bom alcance de público e chama a atenção para um determinado trabalho e um determinado tipo de público, que não precisa deixar comentários, quer apenas aprender com aquele conteúdo.

Os alunos ficaram entusiasmados com a utilização das mídias sociais em sala de aula, mesmo sem terem acesso ao celular, mas apenas o fato de seus responsáveis poderem ver, quase que ao vivo, seu filho realizando tarefas e tendo as mesmas expostas para um mundo inteiro.

Ao realizarmos esse trabalho levamos em consideração a junção do tradicional e do moderno, pois não podemos abrir mão de um ensino ainda tradicional, que exige calma, concentração dos nossos alunos, pois como aponta Zaagma (In: Ferreira, 2019.p.180) temos

que lembrar de combinar o “novo” e o velho”, para que os alunos não fiquem com a ideia de que a aula tradicional já não importa mais. Temos também que deixar claro aos nossos alunos, que a real intenção do site, blog e rede social é levar os trabalhos e planos de aula aos professores de história, mas que também podem ser usadas por alunos que desejem aprender sobre educação antirracista.

O uso dos sites, ainda mais sem uma base teórica para nos dar respaldo segue uma lógica de “experimentação criativa”, ainda mais pelo fato de que eu nunca havia criado um site, foi tudo no instinto e ajuda de amigos. Mas voltando ao conceito de experimentação criativa, podemos defini-lo como sendo uma prática sistemática, que através de repetição, de tentativa e erro, nos leva a descobertas científicas e nos permite fazer parte de um “mundo novo”, no caso aqui o do uso de mídias digitais para Ensino de História. Os professores, ao consultarem o site, estarão experimentando um mundo de possibilidades de realizar suas aulas, seus estudos, tudo isso de uma forma simples, lúdica e que ensina sem o caráter formal de uma escola, universidade.

Temos que ter em mente, principalmente nós professores, que tendemos ser resistentes ao uso de tecnologias na educação, que o uso de sites ou outras mídias digitais não significa um abandono do ensino tradicional, do quadro, caneta, caderno e lápis, mas que representa apenas uma complementação, uma forma de nos aproximarmos da realidade de nossos alunos, e nos conectarmos com maior número de pessoas, sem precisar sair do lugar. Sendo assim, podemos dizer que o uso de sites e mídias digitais dinamiza a educação e nos aproxima de pessoas que nunca imaginávamos estar perto um dia.

A mídia social é um instrumento de comunicação que requer interação entre os participantes que agem de maneira social, possibilitando a apropriação para a sociabilidade (Recuero, 2008). O material publicado nas redes sociais é produzido pelo seu público, indicando que não há apenas um editor ou escritor responsável. O que ocorre é a interação entre quem compartilha a informação e quem a lê e comenta, acrescentando novos dados que estimulam a participação social por meio da publicação (Comm, 2009). Essa interação foi a maior motivadora desse estudo, poder compartilhar com pessoas desconhecidas tudo que aprendi com o ProfHistória e com meus alunos nos três anos do projeto de educação antirracista.

Nas escolas da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, as escolas que se tornaram GET – Ginásio Educacional Tecnológico, como a em que eu trabalho, os professores se veem obrigados a “colocar a mão na massa” e produzir além do lápis e papel, visto que possuem a seu dispor um Colaboratório e dois professores para auxiliar no uso das tecnologias, tudo isso

sem esquecer-se da apostila e da sala de aula tradicional.

Precisamos deixar claro que com esse trabalho não queremos que professores se sintam na obrigação de serem criadores de *softwares*, conteúdos digitais, nada disso, esta pesquisa tem como intuito ajudar a outros professores, muitos até como dificuldade de usar as redes sociais, possam ter acesso a um repertório de atividades para implementarem nas suas aulas. Fizemos esse projeto de mídias sociais, pois acreditamos que ao criar um espaço no qual docente e discente possam aprender juntos com a tecnologia, é algo muito importante, pois muitas vezes quem irá socorrer o professor na sua dificuldade digital será o seu aluno, que praticamente nasceu com um celular nas mãos.

A realização deste trabalho fez com que se percebesse que é contagiante conseguir unir teoria e prática em uma ação inovadora e diferente do método tradicional, ou melhor, conservador. Quanto mais pessoas percebem a importância e a relevância do trabalho mais ele consegue se tornar algo prazeroso de fazer, assim a sala de aula deixa de ser aquele lugar de aprisionamento e repleto de regras e passa a ser um espaço prazeroso e que agora pode ser levado na palma da mão, pois as atividades no estilo “mão na massa” estão a um clique de serem exibidas e explicadas.

4.6 Mídias criadas

Instagram: @professora_antirracista_

Site e blog: <https://profcarolinasalgue.wixsite.com/sankofa-e-ensino-de/>

CONCLUSÃO

Após o triênio 2022-2024, no qual realizei este estudo em duas unidades escolares diferentes, pude perceber o quanto a educação antirracista é capaz de modificar o pensamento e comportamento dos alunos frente à vida e às situações de racismo que estavam acostumados a enfrentar no seu cotidiano, mas que não sabiam que se tratava desse tema, por não saberem identificar os sinais. Outro ponto percebido foi o quanto foi importante para eles saberem se autodeclarar e se entenderem como sendo negros, mesmo tendo os mais diversos tons de pele e perceberem as diferenças que essas tonalidades trazem no modo como cada um é visto pela nossa sociedade, e como o olhar preconceituoso piora quando juntamos o racismo com o fato deles serem moradores de comunidades da cidade e não do asfalto.

O ponto chave desse estudo foi o de diminuir as “certezas e incertezas” sobre as relações raciais em nossa sociedade, como as máximas “somos todos iguais, “a cor não importa”, “consciência humana”. Ao longo desse processo fiz os alunos pensarem se essas máximas tinham razão de existir, e como deveríamos combatê-las. Uma intenção era fazer com que eles pensassem em como poderíamos passar a ser iguais de fato, se isso um dia será possível, e por que. Esse trabalho busca fazer com que negros e brancos entendam seu lugar e sua função na luta antirracista e como podem agir juntos nesse propósito.

Outra importância desse trabalho foi mostrar a importância e a necessidade da aplicabilidade da Lei 10.639/03 nas escolas, e com ela poder mostrar aos alunos que se hoje eles estudam a história e cultura afro-brasileira isso se deve a uma luta do Movimento Negro e outros pensadores que decidiram que mais importante do que sabermos tudo sobre a História Europeia, deveríamos saber sobre os povos que nos formaram, que tiveram grande contribuição na formação cultural e social de nosso país. Existem autores que comparam essa Lei com a Lei Áurea de 1888, por ambas terem como um de seus princípios dar liberdade ao povo negro e ambas contaram com ajuda do movimento negro de sua época.

Começamos essa pesquisa tendo em mente que no tocante a disciplina História estamos cercados de mudanças e permanências, e que estas últimas nem sempre se mantêm por serem positivas, mas por uma espécie de conveniência do grupo dominante, como por exemplo, o racismo e a constante tentativa de apagamento da história do povo preto. E aqui estávamos dispostos a quebrar esse paradigma e propor mudanças no que ensinar e no como ensinar a temática do povo negro, mostrando que a história sempre esteve ali, só não era contada por falta de interesse. Falar da abolição em 13 de maio não significa negar que a

maioria dos escravizados já se encontravam livres; falar de Isabel não me proíbe de mostrar a luta de Luiz Gama, Irmãos Rebouças, pois todos existiram e atuaram na libertação dos escravos, cada um com suas razões. Então tocar num ponto não me impede de falar do outro. Esse projeto vem deixar claro que essa história eurocentrada, precisa ser desmistificada e que precisamos colocar a África como um ponto muito importante na história de nosso país, um grande espaço de referência que molda nossa história, política e economia.

Esse estudo também nos permitiu entender o quanto o espaço escolar é essencial nessa luta contra o racismo que precisa começar o quanto antes para que possamos diminuir os casos de violência que vemos diariamente nos jornais, pois é na escola que o aluno passa a ter contato com teorias e conceitos que o permitem perceber que ele é sujeito da história e pode e deve ser crítico e também é o ambiente que fará o aluno se entender como um multiplicador das informações apreendidas em seu meio social e com isso, a luta antirracista vai ganhando espaço em mais e mais espaços e conquistando mais e mais adeptos, inclusive pessoas brancas que sempre se acharam fora de lugar de fala nessa disputa.

Um dos pontos desse trabalho foi o de fazer com que os alunos brancos pudessem perceber que devem se juntar aos negros nessa árdua tarefa de combater o racismo, mesmo que de forma diferente, por não viver na “pele” essa questão, mas com conhecimento da história do nosso país e do povo preto e principalmente reconhecendo seus privilégios muitas vezes garantidos pelo pacto da Branquitude, que eles nem faziam ideia que tinham, mas usufruíam naturalmente. Essa história do privilégio branco encontra-se diretamente relacionada à longa presença da escravização negra africana e afrodescendente e também à construção de uma imagem distorcida sobre as sociedades e culturas negras, sendo estas constantemente associadas a coisas negativas, sujas, perigosas. Como nos mostra Bárbara Carine (2023), a Branquitude na luta antirracista precisa assumir o lugar de quem inventou o racismo, o que não é fácil, e faz com que os brancos com o mínimo de pensamento crítico encontrem sozinhos, ou com seus amigos e professores, esse caminho de luta antirracista.

É vital que a população branca seja solidária e busque estudar, conhecer e reconhecer seus privilégios que perduram até os dias atuais e até divulgar questões raciais e do movimento negro para que essa luta histórica ganhe cada vez mais força e espaço e que com isso consigamos diminuir os casos de racismo e quem sabe um dia acabar com esse pensamento.

Dentro desta lógica podemos perceber que o combate ao racismo perpassa pela nossa capacidade de compreender seus determinantes históricos e filosóficos. Destarte, estudamos, refletimos o mesmo durante esse tempo da pesquisa. Mas esse combate passa pela nossa

capacidade de sentir a dor do outro, de ter empatia com nosso colega de turma, o aluno branco em relação ao aluno negro, e de com esse entendimento buscar acabar com essa dor. Trata-se de uma aprendizagem para nos tornar mais humanos e, para que isso seja possível, temos que abrir as vias do afeto, principalmente do nosso aluno e do professor branco

Um dos propósitos desse estudo em relação aos alunos brancos, que mesmo em minoria, fazem parte do ambiente escolar trabalhado, é transformá-los em multiplicadores de esse saber, fazer com que eles levem para seu meio social o novo, quebrando o paradigma racista, retrógrado, preconceituoso que encontra em sua volta, em suas casas e famílias, pois após os debates eles sabem reconhecer as falas racistas que ouvem e sabem debater e explicar o porquê aquilo está errado.

Com tudo isso pretendíamos desenvolver pensamento crítico, apropriação de um tema que trata diretamente com a realidade deles, e eram esses requisitos que permitiam que a mudança de métodos e postura pudessem se tornar reais, dentro dos diferentes cenários. Ao revelar minhas vivências fiz os alunos entenderem que não estão sozinhos e que ter pensamento crítico, argumento e conhecimento não há nenhuma possibilidade de mudança da situação racial, que é preciso conhecer, ser crítico para que se progrida e quem sabe conseguimos dar um fim no racismo.

A pedagogia engajada que nos fala bell hooks foi muito importante para que esse trabalho se tornasse real e frutífero e eu nem sabia que aquilo que estava realizando tivesse um nome, para mim estava apenas levando conhecimento necessário aos alunos e que este fosse capaz de abrir os olhos deles, que os fizessem entender que o mundo também pertence a eles, essa pedagogia devolveu lentamente a auto estima dos alunos, que antes se escondiam, se anulavam e até negavam sua ancestralidade por medo de não serem aceitos pelos demais.

Durante o processo de vivência desse estudo em dois ambientes completamente distintos em vários aspectos, como mencionado no capítulo dois, pude entender a máxima de nenhuma educação é algo politicamente neutro, pois não temos como nos calar, enquanto professores, formadores de opiniões, frente injustiças, preconceitos e desigualdade, visto que estamos sempre fazendo escolhas sobre o que e como ensinar dentro de cada faixa etária, de cada realidade. O professor tem que saber bem o que e como, até mesmo para poder permanecer no emprego. Durante dois anos eu estive na corda bamba, pois optei por ensinar algo que é extremamente preciso e necessário e que eles tinham grande interesse e não apenas agradar a direção da escola com suas ideias que jogavam por terra meus livros, minhas pesquisas e até mesmo minha crença em um mundo melhor. Mas segui em frente até hoje, os ex alunos comentam o quanto essas aulas, descobertas, foram e são uteis e muito importantes

na formação deles.

Meu compromisso com esse estudo e todos os percalços que passei para desenvolver o mesmo no Vidigal me provaram que realmente a educação é um ato político e ali eu era não só a professora / pesquisadora, mas também uma militante da causa antirracista e aquela que tinha mais condições de brigar com os racistas que ali se encontravam, e esse caminho não foi fácil, mexeu muito comigo, por me fazer enxergar o que as pesquisas já mostravam o quanto a escola é um espaço tóxico para estudantes negros e periféricos, mas eu não esperava que uma escola em uma comunidade carente pudesse ser mais tóxica do que uma no asfalto.

Essa pesquisa teve como um de seus objetivos perceber e registrar os saberes dominados e mobilizados pelos alunos sobre o tema do racismo e antirracismo, ouvir suas experiências e possibilitar uma troca e também falar das situações de racismo pelas quais passei, para que eles notassem que o racismo existe em qualquer classe social. Com isso, a intenção era verificar a possibilidade de identificação de construção de saberes por parte dos alunos que os tornem cidadãos críticos e mobilizadores de saberes em outros meios sociais. Pensando como Chevallard, ou seja, “configurações tipicamente escolares, numa concepção descontinuísta e pluralista da cultura.”⁴⁴

Quando relatei minha experiência pude perceber o quanto isso mexeu com eles e os fez se sentirem mais seguros para a partir daquele momento trazerem seus relatos e vivências, sem receio de um pré – julgamento, sem o medo de que eu não os fosse entender, de que eu fosse mais uma a achar que aquela dor era “mimimi”. E essas trocas foram de fato muito boas e importantes, pois era o momento deles serem ouvidos, de terem suas dores amparadas, por alguém de fora do convívio diário deles, o que até aquele momento eles não tinham experimentado ainda. E aqui nos encontramos com bell hooks que nos mostra que na sala de aula colocamos nossos saberes oriundos de uma experiência, e durante essa pesquisa, a experiência era bilateral, minha e dos alunos, o que fez com que o aprendizado apresentasse uma melhora, não só sobre esse tema, mas em todas as disciplinas, pois eles se sentiram afetados por serem ouvidos e acolhidos.

Ao apostar no uso de mídias digitais e tecnologia para expor os trabalhos dos alunos e com isso alcançar um maior número de professores e pessoas em geral para a temática da educação antirracista, não invalidamos o uso o “método tradicional” nas aulas, pois jamais abandonamos o tradicional para usar apenas o tecnológico, digital. Acreditamos na importância de cada método de ensino e na potência da combinação dos dois, e não que um

⁴⁴ LOPES, Alice, 1999:33-92. In: Monteiro, Ana Maria,2007: 115.

pode substituir o outro. E esse trabalho nos mostra exatamente isso, os trabalhos em sala feitos de forma tradicional, copiando do quadro, escrevendo, pesquisando e o resultado disso sim indo para o lado tecnológico ser disponibilizado para que outras pessoas tenham acesso a tanta informação e possibilidades de aula sobre a educação antirracista.

Esse uso, de certa maneira, também tem como uma de suas funções manter esses e outros alunos sempre em contato com o assunto, novas discussões, novas opções de filme, leituras, ou seja, manter os ex alunos em contato e seguir observando seus progressos em suas vidas pessoais e de certa forma seguir ensinando algo a eles, mesmo que a distância, pois uma educação de qualidade e responsabilidade tem essa característica, não termina no último dia de aula, segue colhendo os frutos que um dia plantou. E atualmente com as mídias sociais essa colheita torna-se mais fácil de ser feita.

Ao longo da pesquisa várias ideias de proposta pedagógica me ocorreram e me fizeram entender que eu precisava de algo que pudesse estimular / atrair um público maior do que os membros do ambiente escolar, mas algo que pudesse ser visto e consultado por pessoas além muros da escola, e foi desse pensar e de perceber o quanto os alunos utilizam as mídias e tecnologias digitais que resolvi criar as páginas para divulgar nossos trabalhos e quem sabe manter um canal de conversa com outros alunos e profissionais da educação. E em uma pesquisa pelas internet pude constatar que as tecnologias digitais se tornaram uma ferramenta de transmissão de conteúdos de História e resolvi mergulhar nesse novo universo, mas sempre tendo em mente que ela não pode ser entendida como uma fonte que irá garantir aprendizagem, mas apenas facilitar que determinados conteúdos cheguem a uma maior número de pessoas possibilitando que essas tomem conhecimento e possam buscar cada vez mais informações.

Foi preciso estudar, buscar fontes de como lançar mão desses recursos sem correr riscos de uma abordagem desinteressante. Por meio de uma análise da comunidade virtual dos seus gostos pude concluir que o processo de ensino –aprendizagem por meio de compartilhamento em mídias digitais possibilita novas contribuições, como destaque a aquisição de novas competências e habilidades, algo tão falado e exigido pela SME –RJ.

Esse trabalho fez com que se percebesse que a relação educação e tecnologia, nos mostra ter um grande potencial para ampliação do acesso às informações pedagógicas, como dito anteriormente, e não apenas de acadêmicos, alunos e professores da educação básica, mas os responsáveis dos alunos podem acessar e saber o que seus filhos produzem, aprendem e até quem sabe também se interessarem pela temática e despertarem o desejo de conhecer e isso gerar uma interatividade familiar em torno da educação escolar dos filhos, trazendo de volta

esse responsável ao universo escolar de seu filho.

Essa nova forma de se ensinar ou melhor disponibilizar os conteúdos de sala de aula visando uma ampliação de público e divulgação dos trabalhos realizados tem dado resultados positivos, pois a internet permite o uso de diversas fontes de uma só vez, diferentes formas de abordagem, visual, oral, textual, tudo isso misturado numa mesma postagem, estimulando nosso público a acessar a informação e quem sabe reproduzir em suas aulas, no caso de um professor, ou ajudar um aluno na realização de uma tarefa escolar.

Percebi o quanto eles se engajaram na preparação da exposição no ano de 2023 e depois na construção e organização do conteúdo para as mídias digitais, e com isso conclui que essas estratégias pedagógicas embora distintas e com intenções diferenciadas foram importantes para determinar o nível de engajamento no projeto e o quanto eles se sentiram representados por esses trabalhos e queriam expor isso, cada turma a seu modo e necessidade do momento. Isso nos fez perceber que quando o aluno se enxerga no processo de ensino aprendizagem, aprende conteúdos que fazem parte do seu dia a dia ele se envolve mais plenamente e se sentem mais felizes e preparados para divulgar todo aquele aprendizado, que anteriormente não faziam, pois não eram atingidos em seu interior.

Segundo Henry Giroux (apud: Hooks, Bell, 2013) “a noção de experiência tem de ser situada dentro de uma teoria de aprendizado”, aqui após pensar essa frase e juntar isso a nossa experiência percebemos o quanto respeitar os alunos, seus momentos e suas escolhas faz da sala de aula um local mais prazeroso e agradável de estar, precisamos cada vez mais introduzir uma escuta ativa com nossos alunos, entender seus anseios e os colocar como protagonismo do processo de ensino aprendizagem sempre que for possível. Nessa experiência dupla, como dito anteriormente, cada turma em conjunto comigo, pois eles me enxergavam como parte daquilo tudo por também ser uma mulher negra eu sofre racismo, decidi a sua maneira de expor o conteúdo que tanto se trabalhou nas aulas de uma forma, e isso encontra-se baseado nas suas histórias e muito também de sua relação com o espaço escolar,

Na escola localizada no Vidigal a escolha de uma exposição pelos corredores da escola foi uma resposta de todos nós ao racismo sofrido durante os anos em que lá estivemos juntos, foi uma espécie de grito de alerta e também uma necessidade de mostrar que eles são protagonistas, e que os outros alunos negros, maioria da escola por sinal, também poderiam ser, deveriam ser. Para eles, todo o processo de preparação e realização teve uma importância ímpar de resposta a todos os absurdos ouvidos e todos os empecilhos impostos para a realização do trabalho, aqui mais uma vez percebemos a força do afeto na educação, a força

de se respeitar as experiências e vivências dos nossos alunos.

Na escola do Bairro das Laranjeiras, os alunos expunham sempre seus trabalhos pelo corredor, mas por se tratar de uma escola onde essa prática de educação antirracista já estava inserida no Plano Político Pedagógico dela, eles não viram uma necessidade de uma grande exposição, mas sim de se mostrar lentamente os trabalhos realizados e queriam sempre mais e mais.

No final do ano letivo de 2024, surgiu a ideia de expor tudo isso nas mídias digitais para que mais pessoas tivessem acesso ao trabalho de 3 anos e da minha pesquisa, e alguns alunos, mesmo já de férias me ajudaram a separar o material e dar ideias de como realizar isso. Assim vemos também o quanto inserir os alunos em todo caminhar na sala de aula é algo fundamental, por mais que nos dê trabalho realizar.

A realização de um atividade de reflexão, de debate, não tendo por obrigatoriedade valer nota, apenas aproveitar o momento da troca ali naquele espaço escolar, por vezes tão ou mais racista que o exterior, faz com que os alunos consigam se soltar mais e expor suas realidades, dúvidas e sintam-se acolhidos por professores e até colegas por perceberem que aquela “dor” não é apenas sua, mas de pessoas que estão ao seu redor e muitas vezes escondem seus sentimentos por medo e vergonha. Saber que nesse momento não estão sendo avaliados por notas, conceitos, traz os mesmos para dentro dessa roda de conversa e afeto e os possibilita entender que a escola não precisa ser um espaço formal, engessado e preso a regras e burocracias, mas também um espaço de escuta ativa e troca de vivências.

Segundo Bell Hooks (2013), essa forma de ensino progressista retira também do professor essa cobrança por uma postura rígida, distanciamento e nos coloca junto com os alunos no centro da roda de conversa, no meio do processo de trocas de experiências, sem aquela preocupação com os rituais de uma escola. Claro que por realizar a pesquisa em escolas tradicionais, mesmo que o sistema educacional tente empurrar o ensino tecnológico a toque de caixa, sabemos que ainda vivemos uma escola tradicional que preza a avaliação impressa, formal com notas e conceitos, em determinados momentos tínhamos que abrir mão do riso, do choro, das conversas e nos concentrar em conteúdo formais, e eu buscava sempre, como professora generalista, trazer em todas as disciplinas textos e notícias referentes aos temas estudados de modo informal, para que o afeto não desaparecesse e isso me fez perceber que a atenção e gosto por sentar e estudar foi aumentando nas aulas, pois eles sabiam que em algum momento alguma atividade não tradicional seria realizada.

Esse trabalho nos faz perceber o poder de uma educação engajada e as consequências de seu uso, pois nesse processo o professor demonstra preocupado com a formação de seus

alunos e a participação dos mesmos no processo de ensino aprendizagem, onde os saberes formais e não formais são representados na sala de aula e em todo espaço escolar, e também pois permite que a disciplina história, traga a seus alunos uma consciência crítica e faça com que eles sintam-se partes importantes do processo educacional.

Durante a realização desse estudo me vi envolvida pelo seu teor e pude perceber que os alunos também estavam, em cada aula, em cada atividade, via em seus olhos um brilho diferente do que existia nas aulas mais conteudistas, e assim pude constatar o quanto é prazeroso e importante unir a teoria com a prática, mas não qualquer prática e sim uma que mexa com todos os envolvidos, que faça com que os alunos queiram estar ali, queiram fazer as atividades, conhecer as músicas, as personalidades.

Todo esse amor que os alunos tinham pela aula e o prazer de ir as aulas, as faltas eram baixas nas duas turmas, fez com que, na escola do Vidigal, alguns professores se mostrassem muito incomodados com essa relação estabelecida entre professor e aluno, pois eles não conseguiam ter essa mesma troca. Esses professores não conseguiam mudar sua forma de ensinar, seja qual fosse o conteúdo e achavam ruim que alguém o fizesse. Eles não percebiam que a educação não é e nunca será neutra, tudo é baseado em escolhas que te afetam e afetam os alunos, os fazendo os maiores interessados e divulgadores do que aprenderam, diferente do ocorrido no método tradicional. Educar, para mim é um ato apaixonado e apaixonante.

Com todo esse afeto a minha sala de aula foi modificada, ela deixou de ser aquele lugar tradicional, chato, sem nenhum apelo, para um local que todos queriam estar, que mexia com as mentes e os fazia pensar, ouvir, entender os lados de todos os colegas. A exposição me mostrou o quanto sou pequena diante de tudo que minha profissão pode proporcionar aos alunos e notei que nem todos os cursos, nem mesmo o Mestrado haviam me preparado para ver tamanha evolução em cada aluno nesse triênio.

Termino essa conclusão com a grande Lélia Gonzalez (1984), quando esta nos fala sobre a necessidade de permitir que a *crioulada* sinta-se e se veja representada nos diversos momentos da história do Brasil e do mundo, que a força da cultura desse povo tenha sua representatividade e sua força respeitada. Desse jeito notamos o quanto é imprescindível à exposição de forma positiva das heranças africanas nas múltiplas áreas do conhecimento, principalmente nas aulas de História.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha e MATTOS, Hebe. *Em torno das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro – brasileira e africana: uma conversa com historiadores*. In: *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol. 21, n 41. Janeiro-junho de 2008, p.5-20.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.
- ALARCÃO, Isabel. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. 8 ed, São Paulo: Cortez, 2011.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Fazer defeito nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história?* In: GONÇALVES, Marcia, et all (org). *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 21-39.
- ALCÂNTARA, Mauro Henrique Miranda de. *Biografia e Ensino de História: análise de uma experiência*. XXVIII Simpósio Nacional de História. Santa Catarina, 2015.
- ALVES JÚNIOR, Alexandre, et all. *História do ensino de história: desafios para uma nova escrita de síntese*. Revista História Hoje, São Paulo, v.10, n.19, 2021.
- APPLE, Michael W. *Ideologia e Currículo*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ARANHA, Mario. *Patrocínio: José do Patrocínio*. Campinas: Editora Mostarda, 2022. (Coleção Black Power).
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *História e Narrativa*. In: Mattos, Ilmar Rohloff de (org). *Ler e escrever para contar: Documentação, historiografia e formação do historiador*. Rio de Janeiro: Access, 1998. P. 221-258.
- ARAUJO, Robson Victor. *O uso das redes sociais como prática no Ensino de História*. Periódicos da Universidade Federal do Acre, 2018.
- BARBOSA, Rogério Andrade. *Madiba: o menino africano*. São Paulo : Cortez, 2011.
- BASTOS, Janaína. *Cinquenta tons de racismo*. São Paulo: Matrix, 2023. Campinas: Ed. Mostarda, 2021. (Coleção Black Power).
- BASTOS, Janaína. *Malcolm: Malcolm X*. Campinas: Ed. Mostarda, 2021. (Coleção Black Power).
- BAUERFELDT, Gabriela. *Angela: Angela Davis*. Campinas: Ed. Mostarda, 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

- BELTEGA, Maria Helena. *Educação continuada na era digital*. Cortez, 2010.
- BITTENCOURT, Circe (org). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- BORGES, Vavy Pacheco. *Abdias: Abdias do Nascimento*. Coleção Black Power. Campinas. Editora Mostarda, 2022.
- BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história?* São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BORGES, Vavy Pacheco. *Rebouças: André e Antônio Rebouças*. Campinas: Ed.
- BRAZ, Julio Emílio. *Cândido: João Cândido*. Campinas: Ed. Mostarda, 2022. (Coleção Black Power).
- BUENO, André; Neto, José Maria (org.) *Ensino de História: Mídias e Tecnologias*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Sobre Ontens/UERJ, 2020.
- BURGUIÈRE, André. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago.
- CANDAU, Vera. *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP& A Editora, 2000.
- CANDAU, Vera. *Reinventar a escola*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- CARVALHO, Flavia Martins de. *Gonzalez: Lélia Gonzalez*. Campinas: Ed. Mostarda, 2022.
- CATROGA, Fernando. *Memória e historiografia*. In: *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto, 2001, pp 36-51.
- CERRI, Luis Fernndo. *Um lugar na história para a didática da história*. História & Ensino, Londrina, v.23, n.1, p.11-30, jan/jun. 2017.
- COMM, J. *O poder do twitter: estratégias para dominar seu mercado e atingir seus objetivos com um tweet por vez*. São Paulo: Gente, 2009.
- COSTA, Marisa Vorraber (org). *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- DÁVILA, Jerry. *Diploma de Brancura: política social e racial no Brasil 1917- 1945*. São Paulo, Editora Unesp, 2006.
- DIÁRIO DO RIO. *Negros são maioria nas escolas públicas do Rio e minoria na rede privada*. Rio de Janeiro. 2021. Disponível em: <<https://diariodorio.com/negros-sao-maioria-nas-escolas-publicas-do-rio-e-minoria-na-rede-privada/>>. Acesso em: 20 dez. 2024.

DOMINGUES, Petrônio. *O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930)*. In: Uma história não contada. Negro, racismo e trabalho no pós –abolição em São Paulo (1889-1930) São Paulo: USP, 2 001 (dissertação de mestrado).

ENGUITA, Mariano F. *A face oculta da escola: educação e trabalho no Capitalismo*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas 1995.

FANON, Frantz. *Pele Negra, máscaras brancas*. Lisboa: Letra Livre, 2017.

FERREIRA, Jacques de Lima, CORRÊA, Barbara Raquel, TORRES, Patrícia Lupion. *O uso pedagógico da rede social Facebook*. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/6571/sobre-o-processo-de-construcao-do-conhecimento-o-papel-do-ensino-e-da-pesquisa>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FLORESCANO, E. *A função social do historiador*. *Tempo, Revista do Departamento de História da UFF*. V,4. Rio de Janeiro,1997.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizado*. Campinas, SP: Papyrus, 2017.

FORQUIN, Jean Claude. *Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais*. In: SILVA: Tomaz Tadeu da. *Teoria e Educação*. POA, número 5, 1992.

FOUCAULT, Michel. *A origem do discurso. Aula inaugural no Collège de France*. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FRANCO, Maria de Fátima. *Blog educacional: ambiente de interação e escrita colaborativa*. Simpósio Brasileiro de Informática na Educação-SBIE. P. 309-319. 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: paz e terra, 2002.

FREIRE, Renato Coelho Barbosa de Luna. *Tempos e narrativas no Ensino de História: experiências e práticas docentes na construção de sentidos*. XII Encontro Perspectiva do Ensino de História, 2021.

FREIXO, André; COELHO, Patrícia. *O ensino renovado de História pelo catedrático do Colégio Pedro II, Jonathas Serrano*. *Revista bras.hist.educ*, Maringá-PR, V 15, N 3(39), p. 261 – 292 setembro/dezembro 2015.

G1. *Seis a cada 10 jovens negros concluem o ensino médio; número é maior entre brancos, diz levantamento*. São Paulo, 31 maio 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/05/31/seis-a-cada-10-jovens-negros-concluem-o-ensino-medio-numero-e-maior-entre-brancos-diz-levantamento.ghtml>>. Acesso em: 20 dez. 2024.

GALVÃO, Jerônimo Adelino Pereira Cisneiros. *Possibilidades na construção de saberes históricos em sala de aula*. XII Encontro Estadual de História da Anpuh –PE, 2018.

GIROUX, Henry. *Escola crítica e política cultural*. São Paulo: Cortez. 3 ed. p. 104. 1992.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GONÇALVES, Marcia Almeida (org). *Teorizar, aprender e ensinar história*. Rio de Janeiro: FGV, 2023.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. *Prefácio*. In: GABRIEL, Carmem Teresa et all (org.) *Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016, p. 7-11.

GONTIJO, Rebeca. *Cultura Histórica*. In: *Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV, 2019, p. 66-71.

GONZALEZ, Lélia e HASENBALG, Carlos. *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. In: *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, nº92/93 (jan/jun). 1988, p.69-82.

GOODSON, Ivor F. *Currículo: Teoria e história*. Petrópolis: Vozes, 2018.

GRUPO DE INSTITUTOS FUNDAÇÕES E EMPRESAS (GIFE). *Apesar do aumento de pessoas negras nas universidades, cenário ainda é de desigualdade*. São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <<https://gife.org.br/apesar-do-aumento-de-pessoas-negras-nas-universidades-cenario-ainda-e-de-desigualdade/>>. Acesso em: 20 dez. 2024.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Classes, raças e democracia*. São Paulo: Editora 34, 2012.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo 2022: pela primeira vez desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda*. Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>>. Acesso em: 04 dez. 2024.

INVESTNEWS. *População das favelas brasileiras ultrapassa Bielorrússia, Luxemburgo e Sérvia*. São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <<https://investnews.com.br/negocios/populacao-das-favelas-brasileiras-ultrapassa-bielorussia-luxemburgo-e-servia/>>. Acesso em: 20 dez. 2024.

KARNAL, Leandro (org). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2007.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papirus, 2007.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KREUTZ, Lúcio. *Identidade Étnica e processo escolar*. Cadernos de Pesquisa. n. 107, p. 79-96, julho/1999.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LIMA NETO, Francisco. *Laudelina: Laudelina de Campos Mello*. Coleção Black Power. Campinas: Ed. Mostarda, 2021.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro (org). *Currículo: debates contemporâneos*. São Paulo: Cortez, 2002.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro (org). *Questões Contemporâneas do Currículo*. In: Educação em foco. V.8, n.1 e n.2. mar/ ago 2003, set/fev2003/2004. Editora UFJF.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. *Política e Currículo: recontextualização e hibridismo*. In: Currículo sem fronteiras, v.5, n.2, pp50-64. Jul/dez 2005.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. *Questões para um debate sobre conhecimento escolar*. [s.l.], [s.d].

LORENZO, Eder Mario. *A utilização das redes sociais na educação*. [s.l], 2015.

LUIS, Rodrigo. *Sueli: Sueli Carneiro*. Coleção Black Power. Campinas: ed. Mostarda, 2022.

MALTESE, Maria Julia. *Beatriz: Beatriz Nascimento*. Campinas: Ed. Mostarda, 2022.

MALTESE, Maria Julia. *Dandara: Dandara e Zumbi*. Coleção Black Power. Campinas: Ed: Mostarda, 2021.

MALTESE, Maria Julia. *Mandela: Nelson Mandela*. Coleção Black Power. Campinas: Ed. Mostarda, 2019.

MAYNARD, Dilton; DELGADO, Andréa Ferreira. *O elefante na sala de aula: usos de sites nos livros didáticos de História do PNLD*. 2012.

MECENAS SANTOS, A.L.; FERRONATO, C. *Sob o falso prestígio do maravilhoso: os ensinamentos de história nos pareceres da Intreução Pública de 1883*. História e Ensino, 25 (2), 115-137. 2019.

MELLO, Juçara; PARADA, Maurício. *O ensino de História como ideia*. Rio de Janeiro: Autografia, 2024.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo Mercado. *A Internet como Ambiente Auxiliar do Professor no Processo Ensino-Aprendizagem*. In: VI Congresso Iberoamericano de Informática Educativa. Anais 2002. Vigo/Espanha, Rede Iberoamericana de Informática Educativa, 2002.

MONTEIRO, Ana Maria F.C. *Ensino de História: das dificuldades e possibilidades de um fazer*. [s.l], [s.d.].

MONTEIRO, Ana Maria F.C. *Entre saberes e práticas: a relação de professores com os saberes que ensina*. [s.l],[s.d.].

MONTEIRO, Ana Maria F.C. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MORAES, Daniela Martins de Menezes. *Ensinar e aprender História nas redes sociais online: possibilidades e desafios para o espaço escolar*. III Simpósio Nacional de História da Anpuh Brasil. Recife. 2019.

MORAN, José Manuel. *A educação que desejamos novos desafios e como chegar lá*. Campinas: Papyrus, 2007.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa.(org). *Currículo, cotidiano e tecnologias*. [s.l] Junqueira & Marin editores. 2006.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa.(org). *Currículo: políticas e práticas*. Campinas: Papyrus, 2013.

MULLER, Alex Juarez. *O Ensino de História e as mídias sociais no ensino médio*. Redin - Revista Educacional Interdisciplinar. v.5(1). 2016.

MUNANGA, Kabengele. (org). *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNANGA, Kabengele. (org). *Superando do racismo na escola*. Brasília: MEC/ Secretaria de Ensino Fundamental, 1999.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NILHA, Orlando. *Carolina: Carolina Maria de Jesus*. Campinas: Ed. Mostarda, 2019. (Coleção Black Power).

NILHA, Orlando. *Conceição: Conceição Evaristo*. Campinas: Ed. Mostarda, 2021. (Coleção Black Power).

NILHA, Orlando. *Machado: Machado de Assis*. Campinas: Ed. Mostarda, 2022. (Coleção Black Power).

NÓVOA, António. *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

NUNES, Fernando Lima. *Combatendo o revisionismo; o ensino de história da ditadura civil-militar brasileira enquanto disputa de narrativas*. Revista História Hoje. v.10. 2021.

OLIVEIRA, Dennis de. *Racismo Estrutural: uma perspectiva histórico – crítica*. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

PELLEGRINI, M, DIAS, A.A., GRINERG, Keila. *Vontade de saber história*. 1 ed. São Paulo. FTD. 2009.

PEREIRA NETO, Andre de Faria. *História e Cinema em vídeo cassete: reflexões em torno de uma experiência didática*. Ciência e Cultura. v.41(9). p. 884-887. 1989.

PEREIRA, Amílcar Araújo. (org.) *Ensino de História e culturas afro-brasileiras e indígenas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

PEREIRA, Amílcar Araújo. (org.). *Narrativas de (re) existência: antirracismo, história e educação*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021.

PEREIRA, Amílcar Araújo. (org.). *O mundo negro: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, FAPERJ, 2013.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *Como ser um educador antirracista*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

POCHO, Cláudia Lopes. *Tecnologia Educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula*. In: LEITE, Lígia Silva. et.al. (coord.). *Tecnologia Educacional: Descubra suas possibilidades em sala de aula*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PODER360. *Abismo para negros, diz especialista sobre acesso à educação*. Brasília, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/educacao/abismo-para-negros-diz-especialista-sobre-acesso-a-educacao/>>. Acesso em: 04 dez. 2024.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Cidade do Rio tem mais negros do que brancos*. Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <<https://prefeitura.rio/desenvolvimento-urbano-e-economico/cidade-do-rio-tem-mais-negros-do-que-brancos/>>. Acesso em: 04 dez. 2024.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Identidade cultural, identidade nacional no Brasil*. Tempo Social. Revista Social, USP, SP, n1, p.29-46, 1989.

RAMALHO, José Antônio. *Mídias sociais na prática*. São Paulo. Elsevier, 2010.

RECUERO, R. *O que é mídia social?* Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/o_que_e_midia_social.html>. Acesso em 02 mar. 2014.

REVEL Jacques. *Recursos narrativos e conhecimento histórico*. In: História e historiografia: exercícios críticos. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Jandaira, 2020.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

- RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro*. São Paulo: Cia das Letras, 2018.
- ROCHA, Adriano et al. (org). *O despertar das consciências: experiências étnico-racial e antirracista em projetos de educação não formal*. Rio de Janeiro: Sesc, 2023.
- SACRISTÀN, J. Gimeno. *Escolarização e cultura: a dupla determinação*. In: SILVA, Luiz H. Eron da. *Reestruturação curricular: novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais*. POA: Sulina, 1996.
- SANTANA, Bianca. *Continuo Preta: a vida de Sueli Carneiro*. São Paulo: Cia das Letras, 2021.
- SCHIMIDT, M.A e CAINELLI, M. *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2004.
- SHIGUNOV NETO, Alexandre (org). *Reflexões sobre a formação de professores*. Campinas: Papirus, 2002.
- SILVA, Marco Antônio da and FONSECA Selva Guimarães. *Ensino de história hoje: errâncias, conquistas e perdas*. Revista Bras. História. vol.30(60). 2010.
- SILVA, Marco. *Educação “online”: teorias, práticas, legislação, formação corporativa*. Rio de Janeiro: Loyola, 2003.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SKIDMORE, Thomas. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870 – 1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SODRÉ, Muniz. *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*. Petrópolis: Vozes, 2023.
- SOUZA, Jessé. *Como o racismo criou o Brasil*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.
- TERRA. *Analfabetismo entre negros chega a 7,4%, mais que o dobro entre brancos, diz IBGE*. São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/educacao/analfabetismo-entre-negros-chega-a-74-mais-que-o-dobro-entre-brancos-diz-ibge.html>>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- TODOS PELA EDUCAÇÃO. *Do início ao fim, população negra tem menos oportunidades educacionais*. São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <<https://todospelaeducacao.org.br/noticias/do-inicio-ao-fim-populacao-negra-tem-menos-oportunidades-educacionais-2/>>. Acesso em: 20 dez. 2024.
- TOLENTINO, Luana. *Sobrevivendo ao racismo: memórias, cartas e o cotidiano da discriminação no Brasil*. Campinas: Papirus 7 Mares, 2023.

TYLER, Ralph W. *Princípios básicos de currículo e ensino*. 5ed. Porto Alegre: Globo, 1978.

WEINSTEIN, Bárbara. *A cor da modernidade: a Branquitude e formação da identidade paulista*. São Paulo: USP, 2022.

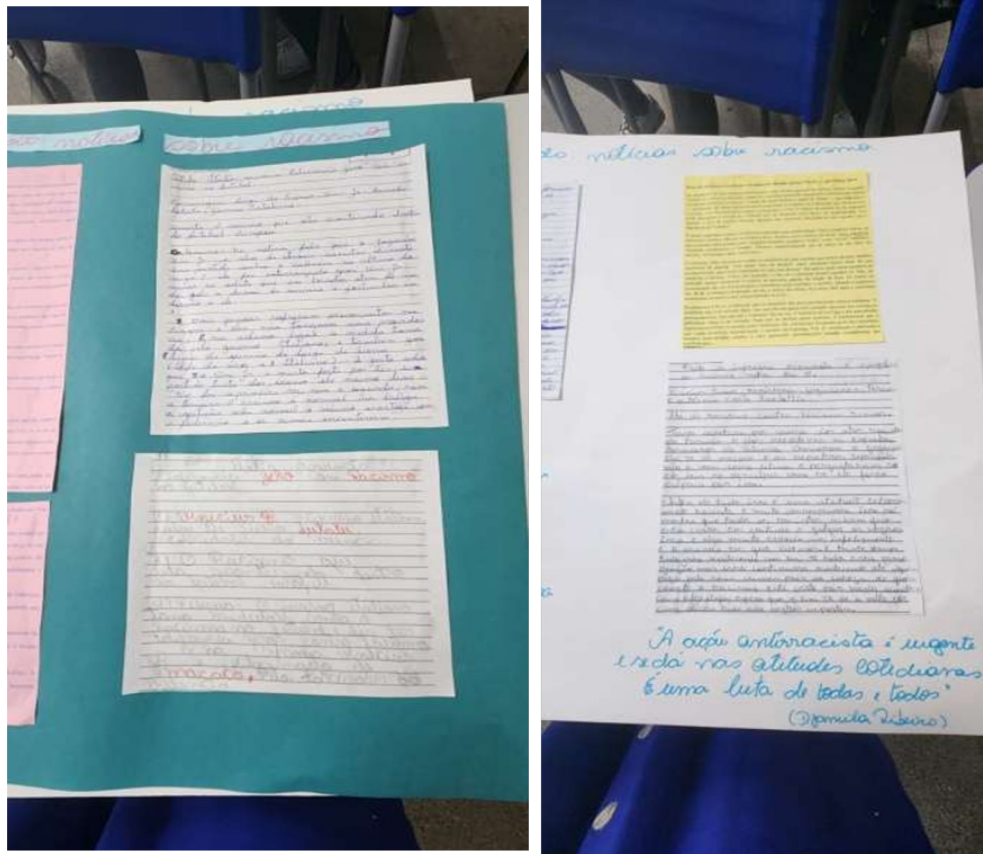
APÊNDICE B – Dando vida à teoria

Figura 1 - Alunos trabalhando em grupo



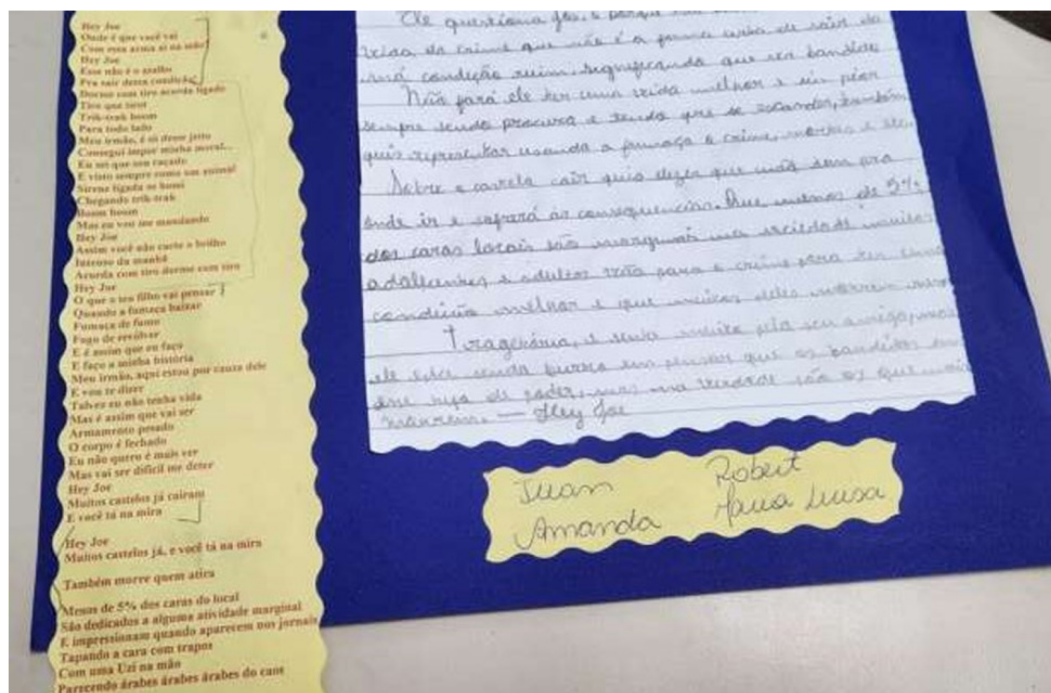
Fonte: A autora, 2025.

Figura 2 - Trabalho sobre Notícias de jornal digital sobre racismo e a opinião deles



Fonte: A autora, 2025.

Figura 3 - Trabalho com letra de músicas



Fonte: A autora, 2025.

Figura 4 - Trabalho em Grupo



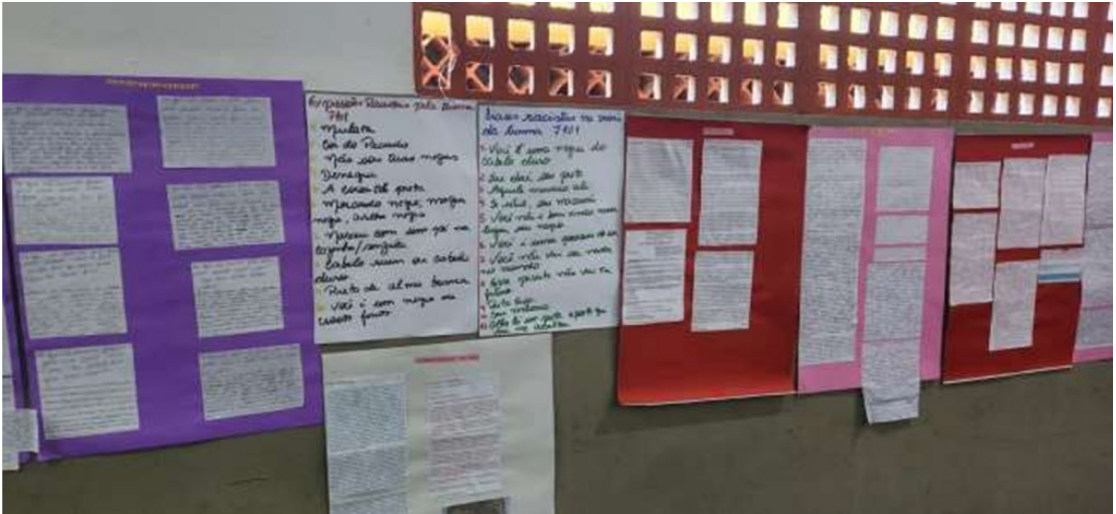
Fonte: A autora, 2025.

Figura 5 - Preparando a exposição



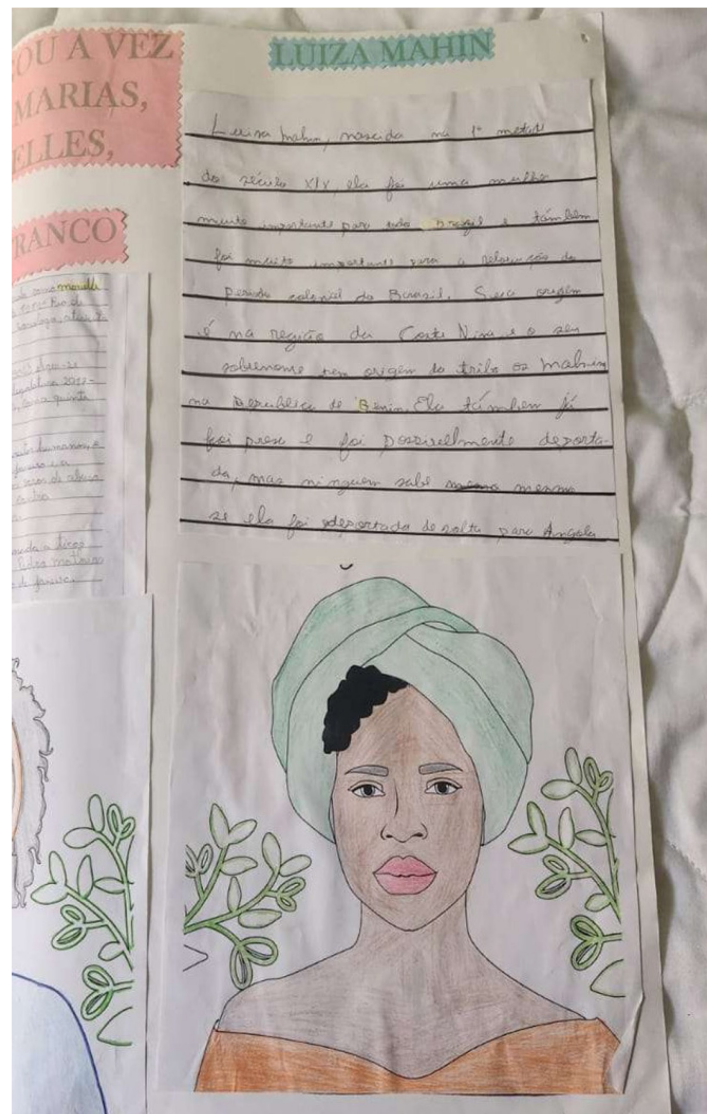
Fonte: A autora, 2025.

Figura 6 - Exemplos dos trabalhos expostos



Fonte: A autora, 2025.

Figura 7 - Biografias



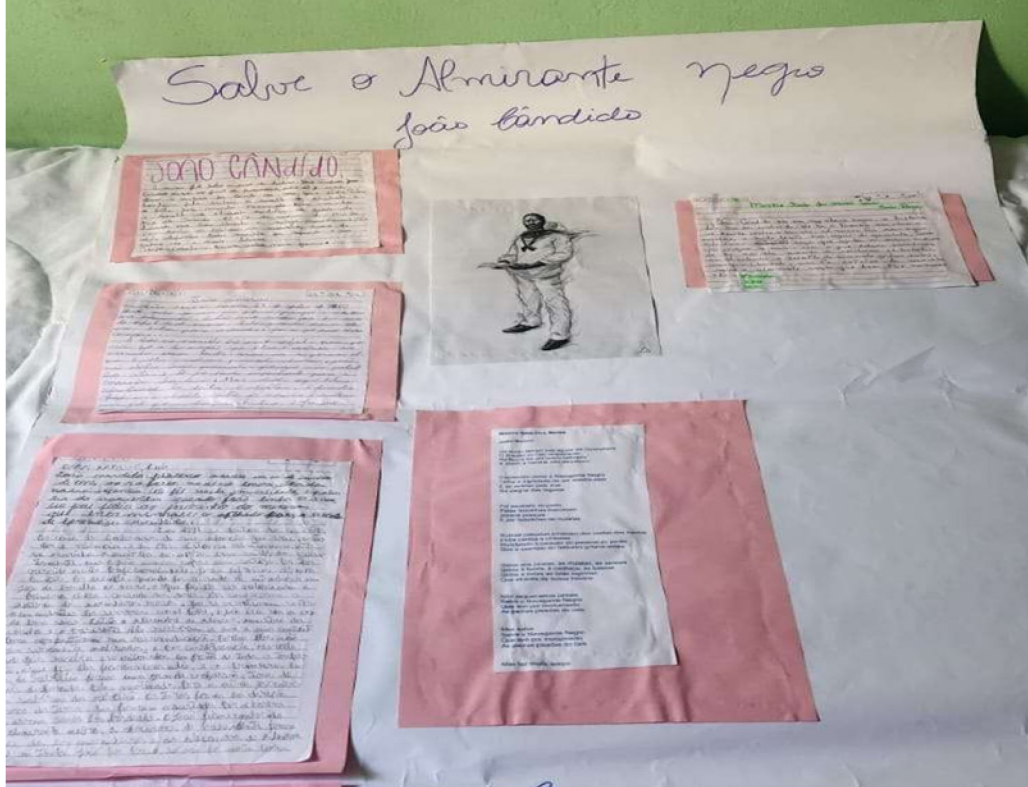
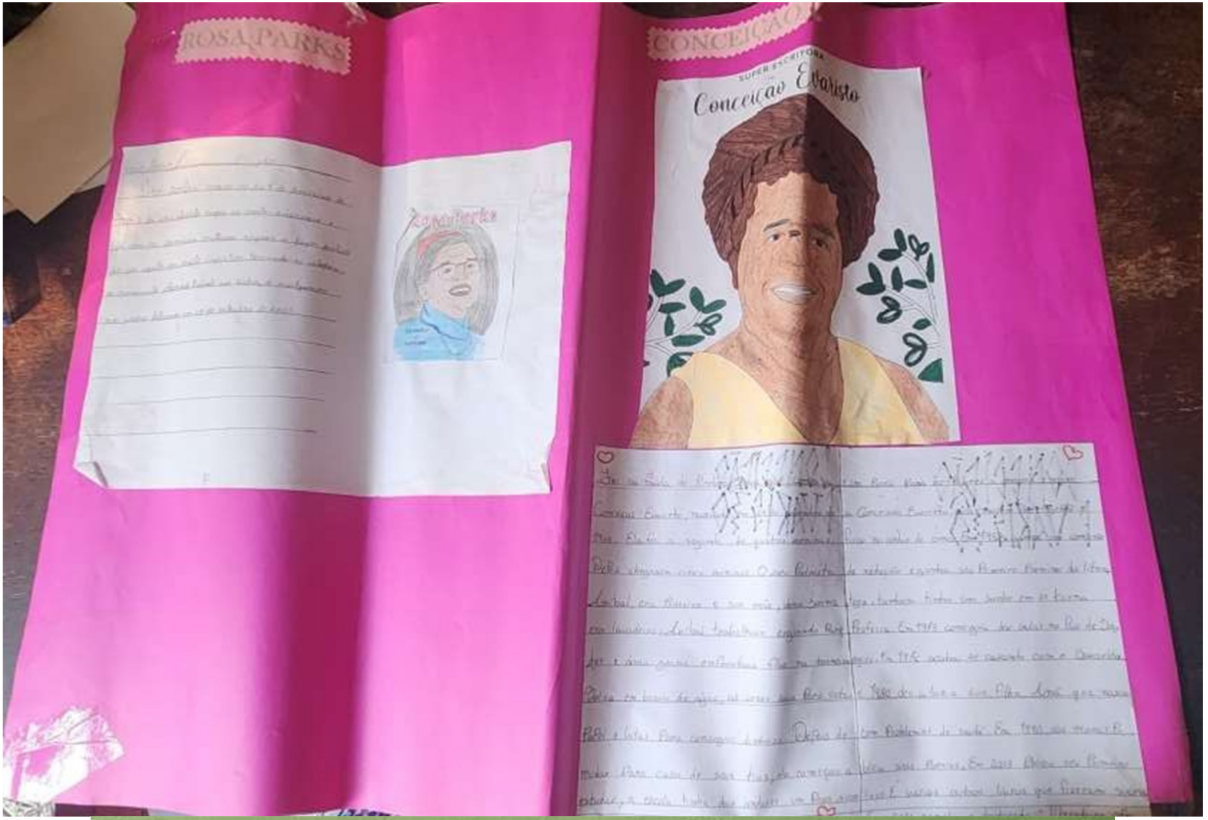


Figura 8 - Livros utilizados



Fonte: A autora, 2025.